

VOLUME 4

VOZES DO CAMPO:

Histórias de Agricultores Familiares e Educação

Liziany Müller

Ivanio Folmer

Leonice Aparecida De Fátima Alves Pereira Mourad

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Janisse Viero

Carmen Rejane Flores

ARCO
EDITORES

VOLUME 4

VOZES DO CAMPO:

*Histórias de Agricultores
Familiares e Educação*

Liziany Müller

Ivanio Folmer

Leonice Aparecida De Fátima Alves Pereira Mourad

Janete Weblar Cancelier

Matheus Gonçalves Silva

Janisse Viero

Carmen Rejane Flores

ARCO
EDITORES

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva - UNIDAVI
Prof. Dr. Astor João Schönell Júnior - IFFAR
Prof. Dr. Alan Ricardo Costa - UFRR
Prof. Dr. Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo - UESPI
Profa. Dra. Andréia Bulaty - UNESPAR
Profa. Dra. Carla da Conceição de Lima - UFVJM
Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza - UNISC
Profa. Dra. Clarice Caldeira Leite - UFRGS
Profa. Dra. Cecilia Decarli - UFRGS
Prof. Dr. Carlos Adriano Martins - UNICID
Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira - UFCE
Profa. Dra. Dayse Marinho Martins - UFMA
Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL
Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio - UFRGS
Prof. Dr. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos - FASESP
Profa. Dra. Elane da Silva Barbosa - UERN
Profa. Dra. Elen Gomes Pereira - IFBA
Profa. Dra. Francielle Benini Agne Tybusch - UFN
Prof. Dr. Francisco Odécio Sales - IFCE
Prof. Dr. Francisco Ricardo Miranda Pinto - UFCAT
Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo - UCB
Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho - UFAL
Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch - UFSM
Profa. Dra. Liziany Müller Medeiros - UFSM
Profa. Dra. Lucianne Oliveira Monteiro Andrade - IFGOIANO
Profa. Dra. Marcela Mary José da Silva - UFRB
Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler - UFSM
Prof. Dr. Michel Canuto de Sena - UFMS
Profa. Dra. Mônica Aparecida Bortolotti - UNICENTRO
Prof. Nilton David Vilchez Galarza - UPLA
Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza - UEPB
Prof. Dr. Rafael Nogueira Furtado - UFABC
Prof. Dr. Roberto Araújo da Silva Vasques Rabelo - UNISANTOS
Prof. Dr. Rodrigo Toledo - USCS
Prof. Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza - UERJ
Prof. Dr. Sidnei Renato Silveira - UFSM
Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin - UFOB
Prof. Dr. Tomás Raúl Gómez Hernández - UCLV

Editor Chefe: Ivanio Folmer

Projeto gráfico e Diagramação: Gabriel Eldereti Machado

Imagem capa: www.canva.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vozes do Campo [livro eletrônico] : Histórias de Agricultores Familiares e Educação: Volume 4 / [organização] Liziany Müller, Ivanio Folmer, Leonice Aparecida De Fátima Alves Pereira Mourad, Janete Webler Cancelier, Mateus Gonçalves Silva, Janisse Viero, Carmen Rejane Flores. -- 1. ed. -- Santa Maria, RS : Arco Editores, 2026.
PDF

Vários autores.

Bibliografia

ISBN 978-65-5417-747-4

1. Agroecologia 2. Educação – Finalidades e objetivos 3. Educação no campo 4. Inovações educacionais 5. Pesquisa – Estudo e ensino 6. Professores – Formação. I. Müller, Liziany. II. Folmer, Ivanio. III. Pereira Mourad, Leonice Aparecida De Fátima Alves. IV. Webler Cancelier, Janete. V. Gonçalves Silva, Mateus. VI. Viero, Janisse. VII. Flores, Carmen Rejane.

CDD-370.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação do campo : Formação de professores 370.91



10.48209/978-65-5417-747-4

Esta obra foi construída de forma coletiva, reunindo diferentes vozes, experiências e perspectivas. As opiniões expressas nos capítulos são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores e não representam, necessariamente, a posição desta editora. Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



APRESENTAÇÃO

“Vozes do Campo: Histórias de Agricultores Familiares e Educação – Volume 4” nasce do encontro entre universidade, território, Agroecologia e as múltiplas experiências construídas cotidianamente pelas populações do campo brasileiro. Esta obra reúne relatos, memórias, pesquisas e vivências desenvolvidas pela Turma 5 do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – modalidade semipresencial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia.

O trabalho foi desenvolvido sob responsabilidade da Prof.^a Liziany Müller, com tutoria de Mateus Gonçalves Silva e colaboração nas avaliações dos pesquisadores do Grupo GIRASSOL – Educação do Campo, Territorialidades e Práticas Pedagógicas, vinculado ao Centro de Ciências Rurais da UFSM. A obra expressa o compromisso coletivo com uma formação docente crítica, territorializada e socialmente referenciada, articulando universidade, comunidades rurais e produção compartilhada do conhecimento.

Ao longo dos capítulos, o leitor encontrará histórias que ultrapassam a dimensão produtiva da agricultura. São narrativas que falam sobre pertencimento, memória, identidade, permanência no campo, soberania alimentar, sustentabilidade e valorização dos saberes construídos historicamente pelas comunidades rurais. Cada texto aproxima o leitor das experiências de agricultores e agricultoras familiares, jovens rurais, feirantes, guardiãs de sementes crioulas, produtores orgânicos e sujeitos que seguem cultivando não apenas alimentos, mas também cultura, solidariedade e esperança.

As experiências apresentadas em Santana da Boa Vista, São Gabriel, São Sepé, Encruzilhada do Sul, Amaral Ferrador, Arroio dos Ratos, Piratini, Canguçu, Charqueadas, Caçapava do Sul e outros territórios rurais demonstram a força da agricultura familiar e da Agroecologia enquanto práticas de resistência social, cultural e ambiental. Os capítulos revelam como as feiras agroecológicas, os circuitos curtos de comercialização, as práticas sustentá-

veis de manejo da terra e os processos comunitários de organização social constituem importantes estratégias de fortalecimento das territorialidades rurais e de permanência das famílias no campo.

Mais do que uma coletânea de textos acadêmicos, este livro expressa o compromisso da Educação do Campo com a valorização dos sujeitos do campo enquanto produtores legítimos de conhecimento. Aqui, a universidade dialoga com os territórios, reconhecendo que ensinar e aprender também acontece nas feiras, nas hortas, nos quintais produtivos, nas cozinhas rurais, nos espaços comunitários e nas experiências cotidianas construídas pelas populações camponesas.

As páginas desta obra convidam o leitor a enxergar o campo para além dos estereótipos historicamente construídos sobre o rural. Revelam territórios vivos, marcados por saberes ancestrais, inovação social, práticas agroecológicas, diversidade cultural e relações profundas entre trabalho, natureza e comunidade.

Cada capítulo representa também um exercício de escuta, diálogo e construção coletiva do conhecimento, fortalecendo a pesquisa como princípio educativo e aproximando os estudantes das realidades concretas das populações rurais. Assim, os relatos aqui apresentados tornam-se não apenas registros acadêmicos, mas também instrumentos de valorização da agricultura familiar, da Agroecologia e das territorialidades do campo.

Convidamos você a percorrer estas páginas com sensibilidade, curiosidade e abertura ao diálogo. Que cada narrativa inspire reflexões sobre educação, sustentabilidade, justiça social e desenvolvimento territorial. Que este livro fortaleça pontes entre universidade, sociedade e comunidades rurais, reafirmando a importância da agricultura familiar e da Educação do Campo na construção de futuros mais humanos, solidários e sustentáveis.

Boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....	14
DAS FEIRAS AOS TERRITÓRIOS: AGROECOLOGIA, EDUCAÇÃO DO CAMPO E PRODUÇÃO DE SABERES NA TURMA 5 DO POLO SANTANA DA BOA VISTA	
Liziany Müller; Ivanio Folmer; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva; Janisse Viero; Tatiana Montagner Dalcin Bertoldo	
Doi: 10.48209/978-65-5417-747-0	
CAPÍTULO 2.....	25
AGRICULTURA FAMILIAR E PRÁTICAS ORGÂNICAS NA FEIRA DE SANTANA DA BOA VISTA – RS: SABERES TERRITORIAIS E BASES EPISTÊMICAS DA AGROECOLOGIA	
Andressa Oliveira de Almeida; Grasielle dos Santos Oliveira; Laís Fagundes Mota; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva	
Doi: 10.48209/978-65-5417-747-1	
CAPÍTULO 3.....	35
MULHERES, AGROECOLOGIA E PERMANÊNCIA NO CAMPO: TERRITORIALIDADES DA AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA DA BOA VISTA (RS)	
Edineia Silva Aires Dutra; Lucilene Consul de Oliveira Machado; Cátia Oliveira da Silva Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva	
Doi: 10.48209/978-65-5417-747-2	
CAPÍTULO 4.....	44
ENTRE SABERES, TERRITÓRIOS E ALIMENTOS: AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA DA BOA VISTA (RS)	
Amelia Da Rosa Nobia - Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva	
Doi: 10.48209/978-65-5417-747-3	
CAPÍTULO 5.....	51
TERRITORIALIDADES AGROECOLÓGICAS E AGRICULTURA FAMILIAR: SABERES, RESISTÊNCIAS E SUSTENTABILIDADE NO CAMPO DE SANTANA DA BOA VISTA (RS)	
Almira Oliveira Eugênio; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva	
Doi: 10.48209/978-65-5417-747-5	

CAPÍTULO 6.....59

**AGROECOLOGIA, AGRICULTURA FAMILIAR E
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: A EXPERIÊNCIA DA
FEIRA SANTA OLINA EM SANTANA DA BOA VISTA (RS)**

Luciane Reis da Silva; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-6

CAPÍTULO 7.....67

**HIDROPONIA, JUVENTUDE RURAL E DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL: INOVAÇÃO SOCIOTÉCNICA E REPRODUÇÃO
DA AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA DA BOA VISTA (RS)**

Mila Simões Pires da Silva; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-7

CAPÍTULO 8.....73

**GUARDIÃS DE SEMENTES, SABERES E TERRITÓRIOS:
AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA
DA BOA VISTA (RS)**

Mariane Oliveira da Silva; Taslins Hebstrith; Wéllynson Vittor de Freitas; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-8

CAPÍTULO 9.....82

**FEIRAS AGROECOLÓGICAS, TERRITORIALIDADES E
PRODUÇÃO DE SABERES: EXPERIÊNCIAS DA AGRICULTURA
FAMILIAR NO GEOPARQUE CAÇAPAVA DO SUL (RS)**

Helmesona de Oliveira Santana; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-9

CAPÍTULO 10.....90

**AGROECOLOGIA, EDUCAÇÃO DO CAMPO E PRODUÇÃO
DE SABERES NA TURMA 5 DO POLO SÃO GABRIEL:
EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA DISCIPLINA PRINCÍPIOS
E BASES EPISTÊMICAS DA AGROECOLOGIA**

Liziany Müller; Ivanio Folmer; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva; Tatiana Félix da Silva; Janisse Viero; Tatiana Montagner Dalcin Bertoldo

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-A

CAPÍTULO 11.....98

FEIRAS DA AGRICULTURA FAMILIAR COMO ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA, SUCESSÃO RURAL E CONSTRUÇÃO DE SABERES AGROECOLÓGICOS: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE SÃO SEPÉ (RS)

Cristiane Aparecida Silveira Aires; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva; Tatiana Félix da Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-B

CAPÍTULO 12.....107

TERRITÓRIOS DA AGRICULTURA FAMILIAR: RESISTÊNCIA PRODUTIVA, FEIRAS LIVRES E DESAFIOS DA HORTICULTURA NA FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL

Michelle Silveira Teixeira; Mateus Gonçalves Silva; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Tatiana Félix da Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-C

CAPÍTULO 13.....115

ENTRE O PAMPA E A FEIRA: AGRICULTURA FAMILIAR, TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIA AGROECOLÓGICA NA FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL

Stefany Karolaine Acosta Soca; Mery Hellen Oliveira Mendonça; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva; Tatiana Félix da Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-D

CAPÍTULO 14.....124

CULTIVAR PARA PERMANECER: AGROECOLOGIA, TERRITORIALIDADE E AGRICULTURA FAMILIAR EM CHARQUEADAS, RIO GRANDE DO SUL

Andrielle Lopes Cezar de Figueiredo; Bianca da Silva Vargas; Juliana da Silva Ramos; Nadir Benícia Leal da Silva; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva; Tatiana Félix da Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-E

CAPÍTULO 15.....132

ENTRE FEIRAS, MEMÓRIAS E TERRITORIALIDADES: A AGRICULTURA FAMILIAR COMO ESPAÇO FORMATIVO NO POLO ENCRUZILHADA DO SUL

Liziany Müller; Ivanio Folmer; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva; Janisse Viero; Elaine Guterres Rodrigues; Tatiana Montagner Dalcin Bertoldo

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-F

CAPÍTULO 16.....142

ENTRE A FEIRA E A MONOCULTURA: AGRICULTURA FAMILIAR, TERRITORIALIDADE E RESISTÊNCIA CAMPONESA EM ENCRUZILHADA DO SUL (RS)

Felipe Copes Santos; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva; Elaine Guterres Rodrigues

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-G

CAPÍTULO 17.....150

FEIRAS DA AGRICULTURA FAMILIAR COMO ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL E PERMANÊNCIA NO CAMPO: UM ESTUDO DE CASO EM ENCRUZILHADA DO SUL (RS)

Daline Freitas de Freitas; Elisa Zanatta Silva; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva; Elaine Guterres Rodrigues

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-H

CAPÍTULO 18.....158

TERRITORIALIDADES AGROECOLÓGICAS E REPRODUÇÃO SOCIAL DA AGRICULTURA FAMILIAR: SABERES, PRÁTICAS E PERMANÊNCIA NO CAMPO A PARTIR DA FEIRA DA TERRINHA EM AMARAL FERRADOR (RS)

Diaime Costa Sodré; Maico Costa Sodré; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva; Elaine Guterres Rodrigues

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-I

CAPÍTULO 19.....166

AGROECOLOGIA E PERMANÊNCIA NO CAMPO: EXPERIÊNCIAS TERRITORIALIZADAS NO POLO UAB ARROIO DOS RATOS

Liziany Müller; Ivanio Folmer; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva; Janisse Viero; Tatiana Montagner Dalcin Bertoldo

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-J

CAPÍTULO 20.....176

A FEIRA COMO TERRITÓRIO VIVO: AGRICULTURA FAMILIAR, SABERES TERRITORIAIS E RESISTÊNCIA CAMPONESA NA TENDA BR-290 EM ARROIO DOS RATOS (RS)

Bruna Toledo de Souza; Sheron Thayline da Silva Selva; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-L

CAPÍTULO 21.....183

TERRITÓRIOS AGROECOLÓGICOS EM DISPUTA: APICULTURA FAMILIAR, SABERES TERRITORIAIS E RESISTÊNCIA CAMPONESA NA FEIRA DO ENGENHO (DF)

Tatiane de Jesus Neves; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-M

CAPÍTULO 22.....191

TERRITORIALIDADES AGROECOLÓGICAS E PERMANÊNCIA NO CAMPO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DA AGRICULTURA FAMILIAR NO POLO UAB PIRATINI

Liziany Müller; Ivanio Folmer; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva; Janisse Viero; Tatiana Montagner Dalcin Bertoldo

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-N

CAPÍTULO 23.....201

TERRITORIALIDADES AGROECOLÓGICAS, PRODUÇÃO ORGÂNICA E PERMANÊNCIA NO CAMPO: SABERES FAMILIARES E CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO EM CANGUÇU (RS)

Juliana Gomes de Figueredo Garcia; Mauro Sérgio Duarte de Azevedo; Shaiane Araújo Nunes; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-O

CAPÍTULO 24.....210

TERRITORIALIDADES AGROECOLÓGICAS, AGRICULTURA FAMILIAR E PERMANÊNCIA NO CAMPO: PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS E DESENVOLVIMENTO RURAL EM CANGUÇU (RS)

Janaína Guterres da Silva; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-P

CAPÍTULO 25.....219

A FEIRA DO ALEMÃO COMO TERRITÓRIO AGROECOLÓGICO: SABERES CAMPONESES E PERMANÊNCIA NO CAMPO EM PIRATINI (RS)

Mitiéle Domingues Machado; Alexsandra Rodighiero Farias; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-R

CAPÍTULO 26.....228

**SABERES CAMPONESES E HORTALIÇAS ORGÂNICAS:
ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA NO CAMPO EM PIRATINI (RS)**

Hemily Madruga Goularte; Liziany Müller; Janete Webler Cancelier; Mateus
Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-S

**Professores(as) do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – UFSM e
Pesquisadores do Grupo GIRASSOL – Educação do Campo, Territorialidades e
Práticas Pedagógicas – CCR/UFSM**

Liziany Müller
Ivanio Folmer
Janete Webler Cancelier
Janisse Viero
Carmen Rejane Flores
Leonice Aparecida De Fátima Alves Pereira Mourad

**Pesquisadores do Grupo GIRASSOL – Educação do Campo, Territorialidades e
Práticas Pedagógicas – CCR/UFSM**

Tatiana Montagner Dalcin Bertoldo
Mateus Gonçalves Silva

Equipe dos Polos UAB

Tatiana Montagner Dalcin Bertoldo
Elaine Guterres Rodrigues

**Acadêmicos(as) da Turma 5 – Curso de Licenciatura em Educação do Campo –
UFSM**

Alexsandra Rodighiero Farias
Almira Oliveira Eugênio
Amelia Da Rosa Nobia
Andressa Oliveira de Almeida
Andrielle Lopes Cezar de Figueiredo
Bianca da Silva Vargas
Bruna Toledo de Souza
Cátia Oliveira da Silva
Cristiane Aparecida Silveira Aires
Daline Freitas de Freitas
Diaime Costa Sodré
Edineia Silva Aires Dutra
Elisa Zanatta Silva
Felipe Copes Santos
Grasiele dos Santos Oliveira
Helmersona de Oliveira Santana
Hemily Madruga Goularte
Janaína Guterres da Silva
Juliana da Silva Ramos

Juliana Gomes De Figueredo Garcia
Laís Fagundes Mota
Luciane Reis da Silva
Lucilene Consul de Oliveira Machado
Maico Costa Sodré
Mariane Oliveira da Silva
Mauro Sérgio Duarte de Azevedo
Mery Hellen Oliveira Mendonça
Michelle Silveira Teixeira
Mila Simões Pires da Silva
Mitiéle Domingues Machado
Nadir Benícia Leal da Silva
Shaiane Araújo Nunes
Sheron Thayline da Silva Selva
Stefany Karolaine Acosta Soca
Taslins Hebstrith
Tatiane de Jesus Neves
Wéllynson Vittor de Freitas

CAPÍTULO 1

DAS FEIRAS AOS TERRITÓRIOS: AGROECOLOGIA, EDUCAÇÃO DO CAMPO E PRODUÇÃO DE SABERES NA TURMA 5 DO POLO SANTANA DA BOA VISTA

Liziany Müller

Ivanio Folmer

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Janisse Viero

Tatiana Montagner Dalcin Bertoldo

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-0

INTRODUÇÃO

A Educação do Campo constitui uma construção histórica, política e epistemológica vinculada às lutas sociais dos povos do campo por acesso à educação, valorização das territorialidades rurais e reconhecimento de seus modos de vida, trabalho e produção de conhecimentos. Mais do que modalidade educacional, trata-se de um projeto formativo comprometido com justiça social, emancipação humana, soberania alimentar e fortalecimento das populações rurais enquanto sujeitos históricos e produtores legítimos de conhecimento (CALDART, 2012; ARROYO, 2012).

Nesse horizonte, formar educadores e educadoras do campo exige superar perspectivas tradicionais de ensino centradas na fragmentação disciplinar e na descontextualização dos processos educativos. A Educação do Campo propõe uma formação vinculada às realidades territoriais, às experiências das comunidades rurais e aos saberes produzidos nos espaços de vida e trabalho das populações camponesas. Conforme Freire (1996; 2021), ensinar implica reconhecer os sujeitos como protagonistas da construção do conhecimento, compreendendo a realidade concreta como ponto de partida para processos educativos críticos e emancipatórios.

A Agroecologia emerge nesse contexto como importante referencial científico, político e epistemológico para compreensão das relações entre agricultura, sustentabilidade ambiental, produção de alimentos e territorialidades rurais. Conforme Altieri (2012), a Agroecologia constitui abordagem sistêmica dos agroecossistemas, articulando dimensões ecológicas, econômicas, sociais, culturais e políticas da produção agrícola. Gliessman (2015) reforça que a Agroecologia ultrapassa a dimensão técnica da agricultura, envolvendo transformações nos sistemas alimentares, nas relações sociais e nas formas de interação entre sociedade e natureza.

Caporal e Costabeber (2004) destacam ainda que a Agroecologia se fundamenta na valorização dos sujeitos do campo, na autonomia produtiva, na conservação da biodiversidade e na construção de formas sustentáveis de desenvolvimento rural. Sob essa perspectiva, os conhecimentos agroecológicos não são produzidos exclusivamente nos espaços acadêmicos formais, mas emergem também das práticas cotidianas dos agricultores familiares, das sementes crioulas, das formas de manejo, das relações comunitárias e das estratégias territoriais construídas historicamente pelas populações rurais.

A condição polissêmica da Agroecologia amplia ainda mais essa compreensão. Estudos desenvolvidos no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria demonstram que a Agroecologia pode ser compreendida simultaneamente como ciência, prática, movimento social e forma ampliada de produção do conhecimento, articulando experiências acadêmicas e saberes produzidos nos territórios rurais (CANCELIER et al., 2025).

Foi a partir dessa perspectiva que a disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, ofertada à Turma 5 da Licenciatura em Educação do Campo da UFSM, vinculada ao Polo UAB Santana da Boa Vista, desenvolveu uma proposta pedagógica territorializada fundamentada na investigação de experiências agroecológicas e práticas da agricultura familiar em feiras, quiosques e territórios rurais da região Sul do Rio Grande do Sul.

A atividade consistiu na realização de visitas técnicas, observação direta, entrevistas semiestruturadas com agricultores e agricultoras familiares e elabo-

ração de relatos de caso narrativo-analíticos. Mais do que atividade avaliativa, a proposta buscou aproximar os estudantes das práticas reais de produção agrícola, das territorialidades rurais, das experiências agroecológicas e das formas concretas de resistência e permanência das populações no campo.

As feiras agroecológicas e os espaços de comercialização direta foram compreendidos como territórios educativos, culturais e políticos, onde circulam saberes, memórias, sementes crioulas, práticas produtivas e estratégias de reprodução social da agricultura familiar. Nesse sentido, os agricultores entrevistados passaram a ser reconhecidos como sujeitos produtores de conhecimento e protagonistas da construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento territorial.

A proposta dialoga diretamente com a concepção de pesquisa como princípio educativo. Conforme Demo (2015), pesquisar constitui processo formativo que promove autoria, criticidade e produção de conhecimento socialmente referenciado. Brandão (2006), ao discutir a pesquisa participante, reforça que investigar realidades sociais implica construir relações de diálogo, escuta e valorização dos sujeitos envolvidos no processo investigativo.

Parte das experiências produzidas pelos estudantes passou posteriormente a compor o livro *Vozes do Campo: Histórias de Agricultores Familiares e Educação – Volume 4*, transformando experiências territoriais em produção acadêmica coletiva e fortalecendo os vínculos entre universidade, território e comunidades rurais.

Diante desse contexto, o presente capítulo tem como objetivo analisar a experiência pedagógica desenvolvida na disciplina EAD2269, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, no Polo UAB de Santana de Boa Vista, discutindo como as atividades territorializadas, os relatos de caso e as experiências agroecológicas investigadas contribuíram para a formação docente, valorização da agricultura familiar e produção de saberes articulados aos territórios rurais.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como relato de experiência de abordagem qualitativa, natureza analítico-reflexiva e caráter exploratório, desenvolvido a partir das atividades pedagógicas realizadas na disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, vinculada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no âmbito da Turma 5 do Polo UAB Santana da Boa Vista.

A pesquisa qualitativa foi escolhida por possibilitar a compreensão aprofundada dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, práticas produtivas, relações territoriais e formas de organização social. Conforme Minayo (2014), a abordagem qualitativa trabalha com o universo das representações, valores, crenças, experiências e relações humanas construídas historicamente nos contextos sociais. Nesse sentido, a opção metodológica adotada permitiu interpretar os processos educativos, produtivos e territoriais presentes nas experiências da agricultura familiar analisadas pelos estudantes.

O trabalho fundamenta-se epistemologicamente nos pressupostos da Educação do Campo, da Agroecologia e da pesquisa participante, compreendendo agricultores e agricultoras familiares como sujeitos históricos produtores de conhecimento. Conforme Freire (1996; 2021), o conhecimento emerge da relação crítica entre sujeitos e realidade concreta, sendo construído por meio do diálogo, da problematização e da valorização das experiências vividas.

A metodologia desenvolveu-se a partir de atividades territorializadas de investigação realizadas pelos estudantes em diferentes municípios e comunidades rurais do Rio Grande do Sul, especialmente em Santana da Boa Vista, Caçapava do Sul, Piratini e localidades vinculadas às feiras da agricultura familiar e agroecológicas investigadas. A proposta metodológica articulou ensino, pesquisa e extensão, valorizando os territórios rurais como espaços educativos e produtores de saberes socialmente referenciados.

A primeira etapa consistiu na realização de estudos teóricos sobre Agroecologia, territorialidade, agricultura familiar, soberania alimentar, Educação do Campo e desenvolvimento territorial sustentável. Foram discutidos

autores como Altieri (2012), Gliessman (2015), Caporal e Costabeber (2004), Ploeg (2008), Leff (2015), Caldart (2012), Freire (2021), Haesbaert (2021), Santos (2008), Schneider (2016), Wanderley (2009) e Müller et al. (2026), permitindo a construção de referenciais analíticos para interpretação das experiências de campo.

A segunda etapa envolveu visitas a feiras agroecológicas, quiosques da agricultura familiar e propriedades rurais, possibilitando observação direta das práticas produtivas, dinâmicas territoriais, relações sociais e formas de comercialização desenvolvidas pelos agricultores familiares. Conforme Yin (2015), o estudo de caso possibilita compreender fenômenos contemporâneos inseridos em seus contextos reais, especialmente quando as fronteiras entre fenômeno e contexto não são claramente definidas.

Posteriormente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com agricultores e agricultoras familiares participantes das experiências investigadas. Os roteiros contemplaram questões relacionadas à trajetória familiar, práticas agroecológicas, sementes crioulas, comercialização, protagonismo feminino, juventude rural, territorialidade, desafios enfrentados e estratégias de permanência no campo.

As entrevistas envolveram sujeitos com diferentes trajetórias sociais e produtivas, como agricultores vinculados ao Quiosque da Agricultura Familiar de Santana da Boa Vista, à Feira Santa Oline, à Feira da Agricultura Familiar de Caçapava do Sul e a experiências produtivas agroecológicas desenvolvidas em comunidades rurais da região Sul do estado. Também foram investigadas experiências relacionadas à hidroponia, conservação de sementes crioulas, produção orgânica e protagonismo feminino na agricultura familiar. Os dados produzidos foram registrados em diários de campo, transcritos e posteriormente organizados em categorias temáticas relacionadas à Agroecologia, territorialidades rurais, soberania alimentar, protagonismo feminino, juventude rural, sementes crioulas, circuitos curtos de comercialização, desenvolvimento territorial sustentável e produção de saberes.

A análise interpretativa fundamentou-se na compreensão de que os territórios rurais constituem espaços vivos de produção do conhecimento, identi-

dade, cultura e resistência social. Conforme Müller et al. (2026), as territorialidades rurais articulam trabalho, memória, pertencimento, cultura e práticas educativas, constituindo importantes espaços de fortalecimento comunitário e construção de alternativas sustentáveis para o desenvolvimento rural.

Os relatos produzidos pelos estudantes foram sistematizados em formato de estudos de caso narrativo-analíticos, articulando os dados empíricos aos referenciais teóricos discutidos na disciplina. Essa etapa possibilitou transformar experiências territoriais em produção acadêmica, fortalecendo processos de autoria estudantil, pesquisa crítica e valorização dos sujeitos do campo enquanto produtores legítimos de conhecimento.

A construção coletiva dos textos integrou posteriormente o livro *Vozes do Campo: Histórias de Agricultores Familiares e Educação – Volume 4*, permitindo ampliar a circulação social dos conhecimentos produzidos e fortalecer o vínculo entre universidade, formação docente e comunidades rurais.

A pesquisa observou os princípios éticos previstos na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo participação voluntária dos sujeitos entrevistados, confidencialidade das informações e utilização dos dados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Também foram observados os princípios estabelecidos pela Lei Geral de Proteção de Dados – LGPD (Lei nº 13.709/2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência pedagógica desenvolvida na disciplina EAD2269 revelou a potência das atividades territorializadas como estratégias de formação crítica, investigativa e socialmente referenciada. Os oito relatos produzidos pelos estudantes evidenciaram que a Agroecologia se manifesta concretamente nos modos de vida, nas práticas produtivas, nas relações sociais e nos processos de resistência construídos pelas populações rurais em seus territórios.

As experiências investigadas demonstraram que as feiras agroecológicas e os espaços de comercialização da agricultura familiar ultrapassam a dimensão econômica da venda de alimentos. Configuram-se como territórios educa-

tivos, culturais e políticos, nos quais circulam saberes, memórias, identidades, práticas produtivas e formas coletivas de organização social.

No artigo “Agricultura familiar e práticas orgânicas na feira de Santana da Boa Vista – RS: saberes territoriais e bases epistêmicas da Agroecologia”, a trajetória da agricultora Elizabete Dutra de Almeida evidenciou a centralidade dos saberes intergeracionais na agricultura familiar. A agricultora relatou que aprendeu a cultivar a terra desde a infância junto aos pais, revelando que os conhecimentos agrícolas permanecem sendo produzidos na convivência familiar, na oralidade e na experiência cotidiana. O estudo demonstrou ainda a importância das sementes crioulas, da adubação orgânica e da diversificação produtiva como estratégias de fortalecimento da autonomia produtiva e da sustentabilidade dos agroecossistemas.

A análise do Quiosque da Agricultura Familiar de Santana da Boa Vista aprofundou a compreensão da feira enquanto espaço de fortalecimento comunitário e circulação de conhecimentos. A agricultora entrevistada destacou que o espaço constitui importante ambiente de aproximação entre agricultores e consumidores. A diversificação produtiva envolvendo hortaliças, frutas, ovos e alimentos processados artesanalmente revelou importante aproximação com os princípios agroecológicos, especialmente no que se refere à redução da dependência de insumos externos e valorização dos recursos locais.

Outro aspecto de grande relevância refere-se ao protagonismo feminino na agricultura familiar. O artigo “Mulheres, Agroecologia e permanência no campo” demonstrou que as mulheres agricultoras desempenham funções centrais na organização produtiva, conservação dos saberes territoriais, comercialização e manutenção das relações comunitárias. A agricultora entrevistada relatou que passou a assumir papel de liderança na produção agrícola após o casamento, participando ativamente da gestão da propriedade e da comercialização na feira. O estudo evidenciou que o trabalho feminino ultrapassa a dimensão produtiva, envolvendo cuidado familiar, preservação cultural e fortalecimento das territorialidades rurais.

As discussões sobre territorialidade e resistência social ganharam profundidade no estudo relacionado à agricultora Valdenira Oliveira, residente na

comunidade Serra dos Pereira. A pesquisa demonstrou que a relação com a terra ultrapassa a dimensão econômica, assumindo significados vinculados à memória, pertencimento e identidade territorial. A produção diversificada de hortaliças, frutas e legumes, associada ao uso de adubação orgânica e sementes crioulas, revelou forte aproximação com os fundamentos da Agroecologia.

A experiência da Feira Santa Olina trouxe importantes contribuições para compreender os circuitos curtos de comercialização e o desenvolvimento territorial sustentável. O agricultor Miro Phoren relatou que aprendeu práticas agrícolas com os avós, demonstrando a continuidade dos conhecimentos familiares na construção da Agroecologia. O estudo destacou práticas como compostagem, preservação de nascentes, uso predominante de sementes crioulas e produção orgânica, evidenciando racionalidade produtiva orientada pela valorização dos recursos locais e conservação ambiental.

A temática da juventude rural e da inovação sociotécnica foi aprofundada na experiência do jovem agricultor Gilberto do Prado Oliveira, produtor hidropônico de Areão Velho. A hidroponia apareceu como estratégia inovadora de fortalecimento da agricultura familiar e permanência dos jovens no campo. Entretanto, a pesquisa evidenciou que a inovação tecnológica não substitui os conhecimentos tradicionais, uma vez que a família mantém simultaneamente o cultivo de mandioca, abóbora e sementes crioulas.

Outro elemento de destaque refere-se às guardiãs de sementes crioulas. As experiências analisadas demonstraram que guardar, selecionar e compartilhar sementes constitui prática central para preservação da agrobiodiversidade, fortalecimento da soberania alimentar e redução da dependência de sistemas comerciais de sementes. As feiras agroecológicas revelaram-se espaços importantes de circulação desses conhecimentos e fortalecimento das territorialidades camponesas.

A experiência desenvolvida no contexto do Geoparque Mundial UNESCO Caçapava ampliou ainda mais as discussões sobre territorialidade e desenvolvimento sustentável. O estudo demonstrou que as feiras agroecológicas podem articular agricultura familiar, patrimônio cultural, geodiversidade e desenvolvimento territorial, fortalecendo as economias locais e valorizando os conhecimentos tradicionais das populações rurais.

As experiências analisadas evidenciaram categorias recorrentes: transmissão intergeracional de saberes, protagonismo feminino, juventude rural, sementes crioulas, soberania alimentar, circuitos curtos de comercialização, autonomia produtiva, sustentabilidade ambiental e permanência das famílias no campo.

Do ponto de vista pedagógico, os relatos demonstraram que a pesquisa territorializada fortaleceu a autoria estudantil, permitindo aos estudantes articular teoria e prática, desenvolver escrita acadêmica, produzir análises críticas e reconhecer os sujeitos do campo como produtores legítimos de conhecimento.

A integração das produções ao livro *Vozes do Campo: Histórias de Agricultores Familiares e Educação – Volume 4* fortaleceu ainda mais o caráter formativo da experiência, transformando vivências territoriais em produção científica coletiva e socialmente referenciada.

Nesse sentido, os resultados demonstram que ensinar e aprender na Educação do Campo exige reconhecer os territórios rurais como espaços vivos de produção do conhecimento, formação humana e construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento territorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida na disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia evidenciou a potência das atividades territorializadas como estratégias de formação crítica, investigativa e emancipatória na Licenciatura em Educação do Campo.

Os resultados demonstraram que as feiras agroecológicas, os quiosques da agricultura familiar e os territórios rurais constituem importantes espaços educativos, culturais e políticos, onde circulam saberes, práticas agroecológicas, sementes crioulas, relações comunitárias e estratégias de resistência das populações do campo.

As experiências investigadas evidenciaram o protagonismo das mulheres agricultoras, a relevância da juventude rural, a importância das sementes

crioulas, a valorização da produção orgânica e os circuitos curtos de comercialização como elementos centrais para fortalecimento da agricultura familiar e permanência das famílias no campo.

A produção coletiva do livro *Vozes do Campo: Histórias de Agricultores Familiares e Educação – Volume 4* fortaleceu a autoria estudantil e permitiu transformar experiências territoriais em conhecimento acadêmico sistematizado e socialmente referenciado.

Conclui-se que a Agroecologia, no contexto analisado, manifesta-se não apenas como técnica produtiva, mas como prática social, epistemológica e territorial comprometida com sustentabilidade, soberania alimentar, justiça social e valorização dos sujeitos do campo.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CANCELIER, Janete Webler et al. A condição polissêmica da Agroecologia: estudo de caso em uma turma de ensino superior. Revista Aracê, v. 7, n. 5, 2025.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. Porto Alegre: EMATER/RS, 2004.

DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecology: the ecology of sustainable food systems. 3. ed. Boca Raton: CRC Press, 2015.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MÜLLER, Liziany et al. Cultivando saberes na formação docente: formação continuada, territorialidades e redes colaborativas no ciclo Temas Emergentes 2025. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-22, 2026.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SCHNEIDER, Sergio. A agricultura familiar e o desenvolvimento rural no Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

CAPÍTULO 2

AGRICULTURA FAMILIAR E PRÁTICAS ORGÂNICAS NA FEIRA DE SANTANA DA BOA VISTA – RS: SABERES TERRITORIAIS E BASES EPISTÊMICAS DA AGROECOLOGIA

Andressa Oliveira de Almeida

Grasiele dos Santos Oliveira

Laís Fagundes Mota

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-1

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar brasileira ocupa posição estratégica na produção de alimentos, na preservação da biodiversidade e na manutenção das territorialidades rurais historicamente construídas pelas populações do campo. Para além de sua dimensão produtiva e econômica, constitui espaço de reprodução social, cultural e ambiental, articulando relações de pertencimento, memória coletiva, identidade e transmissão intergeracional de conhecimentos. Nesse contexto, os modos de vida camponeses consolidam formas específicas de interação entre sociedade e natureza, sustentadas por práticas agrícolas construídas historicamente no cotidiano das comunidades rurais.

Nas últimas décadas, entretanto, os territórios rurais brasileiros passaram por profundas transformações decorrentes da expansão do agronegócio, da intensificação dos processos de mecanização agrícola, da concentração fundiária e da crescente padronização tecnológica dos sistemas produtivos. Tais dinâmicas vêm provocando impactos significativos sobre a agricultura familiar, sobre as formas tradicionais de manejo da terra e sobre as territorialidades camponesas, intensificando desigualdades sociais, degradação ambiental e processos de exclusão territorial. Conforme destacam Caldart (2012) e Molina e Sá (2012),

as populações do campo foram historicamente submetidas a processos de inviabilização política, econômica e educacional, exigindo a construção de perspectivas críticas comprometidas com a valorização dos sujeitos rurais, de seus territórios e de seus saberes.

É nesse cenário que a Agroecologia emerge como importante campo científico, político e epistemológico voltado à construção de alternativas sustentáveis ao modelo agrícola convencional. Mais do que um conjunto de técnicas produtivas, a Agroecologia constitui-se como abordagem multidimensional que integra aspectos ecológicos, sociais, culturais, econômicos e éticos da produção agrícola. Segundo Altieri (2012), a Agroecologia busca compreender os agroecossistemas de forma sistêmica, reconhecendo agricultores e agricultoras como sujeitos produtores de conhecimento e protagonistas de práticas sustentáveis territorialmente contextualizadas.

A Agroecologia fundamenta-se no diálogo entre conhecimentos científicos e saberes populares, reconhecendo que os conhecimentos construídos pelas populações rurais possuem legitimidade histórica, cultural e técnica. Nessa perspectiva, agricultores familiares deixam de ser compreendidos apenas como executores de tecnologias e passam a ocupar posição central na construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento rural. Conforme Leff (2002), a racionalidade ambiental exige justamente o reconhecimento da pluralidade epistemológica e da diversidade de formas de produção do conhecimento, superando visões reducionistas e tecnicistas da relação entre sociedade e natureza.

As feiras da agricultura familiar e agroecológicas inserem-se diretamente nesse debate, constituindo-se como espaços de circulação de alimentos, saberes, práticas culturais e relações sociais. Mais do que locais destinados à comercialização, configuram-se como territórios vivos de encontro entre produtores(as) e consumidores(as), fortalecendo vínculos comunitários, identidades territoriais e redes de cooperação social. Nessas experiências, os alimentos carregam histórias, memórias e práticas produtivas construídas coletivamente nos territórios rurais.

Conforme discutem Müller et al. (2026), as territorialidades rurais expressam relações historicamente produzidas entre sujeitos, território, cultura,

trabalho e modos de vida, consolidando-se como elementos fundamentais para a permanência das populações do campo em seus territórios. Os autores destacam que experiências territorializadas vinculadas à Educação do Campo e à Agroecologia fortalecem processos de resistência frente às dinâmicas de homogeneização produtiva e exclusão socioterritorial promovidas pelo modelo agrário hegemônico. Dessa forma, os territórios rurais não podem ser compreendidos apenas como espaços produtivos, mas como ambientes de construção de identidades, pertencimentos e conhecimentos socialmente referenciados.

A centralidade do território torna-se ainda mais evidente quando se analisam experiências vinculadas à agricultura familiar e às práticas orgânicas. Conforme apontam Müller et al. (2026), as práticas educativas e comunitárias desenvolvidas nos territórios rurais exercem papel estratégico na valorização das identidades camponesas, na circulação horizontal dos saberes e no fortalecimento das relações comunitárias. Nesse sentido, as feiras agroecológicas assumem também importante dimensão educativa e sociocultural, constituindo-se como espaços de aprendizagem coletiva e democratização do conhecimento.

A perspectiva freireana contribui significativamente para essa compreensão ao defender que o conhecimento se constrói na relação crítica entre sujeitos e realidade. Freire (1996) argumenta que os saberes produzidos nas experiências concretas dos sujeitos sociais precisam ser reconhecidos como elementos centrais nos processos educativos emancipatórios. Assim, a valorização dos conhecimentos populares e das experiências territoriais das populações do campo constitui princípio fundamental tanto da Educação do Campo quanto da Agroecologia.

Além disso, em um contexto marcado pelas mudanças climáticas, pela degradação ambiental e pela crescente insegurança alimentar, experiências vinculadas à agricultura familiar e às práticas agroecológicas tornam-se ainda mais relevantes. A preservação de sementes crioulas, a diversificação produtiva, o manejo sem agrotóxicos e as formas solidárias de comercialização representam importantes estratégias de sustentabilidade ambiental, soberania alimentar e resistência socioterritorial. Tais práticas demonstram que a agricultura familiar permanece desempenhando papel fundamental na construção de formas mais sustentáveis e socialmente justas de relação entre sociedade e natureza.

O presente estudo volta-se à análise da feira de agricultura familiar localizada no quiosque da Praça Central do município de Santana da Boa Vista – RS, buscando compreender como os saberes territoriais, as práticas produtivas e as relações sociais presentes nesse espaço expressam princípios e fundamentos epistemológicos da Agroecologia. A pesquisa parte do seguinte problema: de que maneira as práticas desenvolvidas por agricultores familiares em espaços de comercialização local evidenciam princípios agroecológicos e contribuem para a compreensão crítica das bases epistemológicas trabalhadas na disciplina Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia?

A relevância desta investigação reside na necessidade de aproximar a formação acadêmica das realidades concretas vivenciadas nos territórios rurais, reconhecendo agricultores e agricultoras como sujeitos históricos produtores de conhecimentos fundamentais para a construção de modelos sustentáveis de desenvolvimento rural. Em oposição à lógica produtivista dominante, experiências territoriais como as feiras agroecológicas revelam formas alternativas de produzir, viver e construir relações equilibradas entre sociedade, cultura e natureza.

O objetivo geral consiste em analisar, por meio de um estudo de caso realizado em uma feira de agricultura familiar, como os saberes, práticas de manejo, relações sociais e trajetórias dos agricultores expressam princípios e fundamentos epistemológicos da Agroecologia. De maneira específica, busca-se compreender a feira enquanto território vivo de circulação de saberes e fortalecimento comunitário; analisar a trajetória da agricultora entrevistada e suas relações com o território; interpretar as práticas produtivas desenvolvidas à luz dos princípios agroecológicos; compreender o papel sociocultural, econômico e educativo da feira; investigar os principais desafios enfrentados pela agricultura familiar local; e relacionar os dados empíricos às bases epistemológicas discutidas na disciplina Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia.

METODOLOGIA

A presente pesquisa integra as atividades formativas da disciplina Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, vinculada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O estudo caracteriza-se como pesquisa aplicada, de abordagem qualitativa e natureza exploratória, fundamentando-se metodologicamente no estudo de caso enquanto estratégia de investigação capaz de compreender fenômenos sociais em seus contextos concretos de ocorrência.

A investigação foi realizada na feira de agricultura familiar localizada no quiosque da Praça Central do município de Santana da Boa Vista – RS. O espaço constitui importante ambiente de comercialização de alimentos oriundos da agricultura familiar, reunindo produtores(as) locais e promovendo relações diretas entre agricultores(as) e consumidores(as).

Participou da pesquisa a agricultora Elizabete Dutra de Almeida, 58 anos, residente na comunidade Cerro da Picada, cuja trajetória encontra-se historicamente vinculada às práticas da agricultura familiar. A entrevista foi realizada presencialmente no dia 24 de fevereiro de 2026, às 8h, mediante autorização verbal para utilização acadêmica das informações.

A coleta de dados ocorreu por meio de observação direta da dinâmica da feira e aplicação de entrevista semiestruturada elaborada no contexto da disciplina. As informações foram registradas por escrito e posteriormente sistematizadas para análise interpretativa, articulando os dados empíricos aos referenciais teóricos da Agroecologia, especialmente os conceitos de territorialidade, diálogo de saberes, sustentabilidade, autonomia produtiva e resistência socioterritorial.

A análise fundamentou-se na compreensão de que os conhecimentos produzidos pelas populações do campo constituem saberes legítimos, historicamente construídos nas experiências territoriais e nas práticas sociais desenvolvidas no cotidiano das comunidades rurais. O estudo respeitou os princípios éticos previstos na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, bem como os pressupostos estabelecidos pela Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Territorialidade, memória e transmissão intergeracional de saberes

A trajetória de vida da agricultora entrevistada evidencia a dimensão intergeracional da agricultura familiar e a profunda relação existente entre território, memória e construção do conhecimento. Ao afirmar que aprendeu a trabalhar na agricultura “desde pequena” junto aos pais, observa-se que os conhecimentos relacionados ao cultivo da terra não foram adquiridos em processos formais de escolarização, mas construídos no cotidiano das práticas familiares e comunitárias.

Essa dimensão revela que os saberes agrícolas constituem conhecimentos territorializados, produzidos historicamente nas relações concretas estabelecidas entre sujeitos, natureza e trabalho. Conforme discutem Müller et al. (2026), os territórios rurais configuram-se como espaços vivos de construção de identidades, pertencimentos e sociabilidades, nos quais os conhecimentos tradicionais permanecem articulados às experiências comunitárias e às práticas produtivas cotidianas.

A permanência da agricultora na comunidade Cerro da Picada, em propriedade herdada da família, demonstra forte vínculo territorial e importante sentimento de pertencimento ao espaço rural. Tal relação ultrapassa a dimensão econômica da terra, envolvendo aspectos afetivos, culturais e identitários que estruturam a permanência das populações rurais em seus territórios.

Nesse contexto, o território não pode ser compreendido apenas como delimitação geográfica, mas como espaço socialmente produzido e atravessado por relações de poder, memória e cultura. Conforme Santos (2006), o território constitui resultado das relações estabelecidas entre sociedade, técnica e espaço, sendo permanentemente produzido pelas práticas sociais dos sujeitos que nele vivem.

Práticas produtivas e fundamentos da Agroecologia

Os dados obtidos evidenciam que a propriedade da agricultora caracteriza-se pela diversificação produtiva, contemplando o cultivo de milho, feijão, mandioca, batata, abóbora e produção de mel. Tal diversidade representa importante estratégia agroecológica de fortalecimento da resiliência ambiental, conservação da biodiversidade e garantia de segurança alimentar.

A agricultora relatou utilizar adubação orgânica e preservar sementes crioulas, realizando trocas com familiares e vizinhos da comunidade. Essas práticas expressam princípios fundamentais da Agroecologia relacionados à autonomia produtiva, conservação da agrobiodiversidade e valorização dos conhecimentos locais. A não utilização de agrotóxicos não decorre exclusivamente de exigências mercadológicas, mas da continuidade de práticas historicamente construídas nas experiências familiares.

Segundo Gliessman (2009), sistemas agrícolas diversificados apresentam maior capacidade de equilíbrio ecológico e sustentabilidade ambiental, reduzindo a dependência de insumos externos e fortalecendo os processos naturais dos agroecossistemas. Nesse sentido, as práticas desenvolvidas pela agricultora demonstram formas concretas de manejo sustentável articuladas aos princípios discutidos no campo agroecológico.

Além disso, a preservação de sementes crioulas representa importante forma de resistência frente à crescente dependência tecnológica imposta pelas grandes corporações agrícolas. Trata-se de prática diretamente relacionada à soberania alimentar, à autonomia das famílias agricultoras e à preservação do patrimônio genético e cultural das populações rurais.

A feira como espaço educativo, sociocultural e de resistência

Os resultados demonstram que a feira da agricultura familiar ultrapassa sua função estritamente econômica, constituindo-se como importante espaço de convivência comunitária, circulação de saberes e fortalecimento das territorialidades rurais. Ao relatar que a feira é um “lugar bom” para conversar e

trocar experiências, a agricultora evidencia a dimensão sociocultural presente nesses espaços.

Nesse contexto, a feira configura-se como território pedagógico vivo, no qual agricultores(as), consumidores(as) e comunidade estabelecem relações de aprendizagem coletiva e compartilhamento de conhecimentos. Essa dinâmica aproxima-se da perspectiva freireana de educação enquanto prática dialógica construída nas relações sociais e na valorização das experiências concretas dos sujeitos.

Conforme discutem Müller et al. (2026), experiências territorializadas vinculadas à Educação do Campo fortalecem processos colaborativos de democratização do conhecimento e valorização das identidades rurais. As feiras agroecológicas constituem, portanto, importantes espaços educativos não formais, contribuindo para o fortalecimento das relações comunitárias e para a circulação horizontal dos saberes populares.

Além disso, a comercialização direta fortalece relações de confiança entre produtores(as) e consumidores(as), valorizando os alimentos produzidos pela agricultura familiar e reduzindo a dependência de intermediários comerciais. Tal dinâmica contribui para o fortalecimento das economias locais e para o reconhecimento social do trabalho desenvolvido pelas famílias agricultoras.

Desafios estruturais e permanência no campo

Entre os principais desafios apontados pela agricultora destacam-se os períodos de estiagem, o aumento dos custos de produção, as condições precárias das estradas rurais e os impactos causados pela presença de javalis nas lavouras. Tais dificuldades evidenciam vulnerabilidades estruturais historicamente enfrentadas pela agricultura familiar brasileira.

As mudanças climáticas intensificam processos de insegurança produtiva e fragilização ambiental, afetando diretamente as condições de permanência das famílias agricultoras nos territórios rurais. Paralelamente, as limitações infraestruturais dificultam o acesso aos mercados consumidores, às políticas públicas e aos serviços básicos necessários ao fortalecimento da agricultura familiar.

Apesar das dificuldades, a agricultora afirma não cogitar abandonar a atividade agrícola, destacando a tradição familiar e o vínculo com a terra como principais elementos motivadores de sua permanência no campo. Essa permanência constitui importante forma de resistência socioterritorial frente aos processos contemporâneos de concentração produtiva, exclusão social e homogeneização cultural presentes no espaço agrário brasileiro.

A ausência de participação em programas institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) evidencia ainda barreiras estruturais de acesso às políticas públicas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar. Tal realidade reforça a necessidade de ampliação das políticas de assistência técnica, comercialização e apoio institucional às populações rurais.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu compreender que a feira de agricultura familiar de Santana da Boa Vista – RS constitui importante espaço de territorialidade, circulação de saberes e resistência socioterritorial, no qual práticas produtivas, relações comunitárias e conhecimentos tradicionais expressam fundamentos centrais da Agroecologia.

A trajetória da agricultora entrevistada evidencia a força da transmissão intergeracional dos saberes do campo e a centralidade do território na construção dos conhecimentos agrícolas. As práticas de manejo sustentável, preservação de sementes crioulas, diversificação produtiva e comercialização direta demonstram princípios agroecológicos relacionados à autonomia, sustentabilidade, soberania alimentar e valorização da agricultura familiar.

Conclui-se que a feira ultrapassa sua dimensão econômica e comercial, constituindo-se como espaço educativo, sociocultural e político, no qual se fortalecem identidades rurais, relações comunitárias e formas alternativas de produção da vida. A pesquisa contribui para aproximar universidade e território, valorizando os sujeitos do campo como protagonistas de conhecimentos fundamentais para a construção de modelos sustentáveis de desenvolvimento rural socialmente referenciados e ambientalmente comprometidos.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IIICA, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GLIESSMAN, Stephen. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

LEFF, Enrique. Epistemologia ambiental. São Paulo: Cortez, 2002.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciaturas em Educação do Campo. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MÜLLER, Liziany et al. Cultivando saberes na formação docente: formação continuada, territorialidades e redes colaborativas no ciclo Temas Emergentes 2025. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/779738382.

MÜLLER, Liziany et al. Educação do campo e territorialidades rurais: trajetórias educadores(as) e desafios educacionais em Encruzilhada do Sul/RS. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/779904005.

MÜLLER, Liziany et al. Entre fronteiras, assentamentos e escolas do campo: desafios contemporâneos da docência em Santana do Livramento/RS. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/779903918.

MÜLLER, Liziany et al. Raízes do campo: territorialidades, escolas rurais e formação crítica na disciplina Educação do Campo: história, concepções e princípios. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/779740537.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

CAPÍTULO 3

MULHERES, AGROECOLOGIA E PERMANÊNCIA NO CAMPO: TERRITORIALIDADES DA AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA DA BOA VISTA (RS)

Edineia Silva Aires Dutra
Lucilene Consul de Oliveira Machado
Cátia Oliveira da Silva
Liziany Müller
Janete Webler Cancelier
Mateus Gonçalves Silva
Doi: 10.48209/978-65-5417-747-2

INTRODUÇÃO

No município de Santana da Boa Vista, localizado na região Sul do Rio Grande do Sul, a agricultura familiar constitui importante elemento da organização econômica, social e territorial das comunidades rurais. Em meio às paisagens marcadas por pequenas propriedades, relações comunitárias e forte presença do trabalho familiar, os agricultores seguem produzindo alimentos, preservando saberes tradicionais e construindo estratégias de permanência no campo diante das profundas transformações que atingem o meio rural contemporâneo.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas, associadas à expansão do agronegócio, à concentração fundiária, às mudanças climáticas, ao êxodo rural e à redução das políticas públicas voltadas ao campo, têm intensificado os desafios enfrentados pela agricultura familiar brasileira. Nesse cenário, os pequenos agricultores necessitam constantemente reinventar suas formas de produção, comercialização e organização social para garantir sustentabilidade econômica, reprodução social e permanência no território rural.

Entre essas estratégias, a Agroecologia emerge como importante alternativa para fortalecimento da agricultura familiar e construção de formas mais sustentáveis de desenvolvimento rural. Conforme Altieri (2012), a Agroecologia

ecologia constitui abordagem sistêmica dos agroecossistemas, articulando dimensões ecológicas, econômicas, sociais, culturais e políticas da produção agrícola. Caporal e Costabeber (2004) reforçam que a Agroecologia ultrapassa a dimensão técnica da agricultura, configurando-se como paradigma orientado pela valorização dos saberes locais, pela autonomia produtiva e pela conservação ambiental.

A Agroecologia também se apresenta como importante espaço de valorização do protagonismo feminino no campo. Historicamente invisibilizadas nas estruturas produtivas rurais, as mulheres agricultoras desempenham funções centrais na produção de alimentos, preservação dos saberes territoriais, organização comunitária e fortalecimento das economias locais. O trabalho feminino na agricultura familiar envolve não apenas atividades produtivas, mas também cuidado com a família, gestão da propriedade, transmissão cultural e participação em redes de cooperação e comercialização.

Nesse contexto, as feiras da agricultura familiar assumem relevância estratégica enquanto espaços de comercialização direta, fortalecimento econômico e valorização cultural das populações rurais. Mais do que ambientes comerciais, as feiras constituem territórios vivos de sociabilidade, troca de experiências e circulação de saberes. Conforme Gazolla e Schneider (2017), os circuitos curtos de comercialização fortalecem vínculos entre agricultores e consumidores, ampliando a valorização dos alimentos produzidos localmente e fortalecendo as territorialidades rurais.

A condição polissêmica da Agroecologia amplia ainda mais essa compreensão. Estudos recentes desenvolvidos no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria demonstram que a Agroecologia pode ser compreendida simultaneamente como ciência, prática, movimento social e forma ampliada de produção do conhecimento, articulando experiências acadêmicas e saberes produzidos nos territórios rurais (CANCELIER et al., 2025).

Sob essa perspectiva, compreender a agricultura familiar implica reconhecer os sujeitos rurais como protagonistas da construção de conhecimentos e das formas sustentáveis de organização da vida no campo. Conforme Cal-

dart (2012), os territórios rurais constituem espaços educativos, culturais e políticos, nos quais os saberes construídos historicamente pelas populações do campo desempenham papel central na construção da identidade camponesa e na permanência das famílias rurais.

A experiência da agricultora entrevistada torna-se particularmente significativa nesse contexto. Sua trajetória produtiva evidencia o protagonismo feminino na agricultura familiar, a valorização da produção artesanal e agroecológica, a importância das feiras da agricultura familiar e os desafios enfrentados pelas mulheres rurais na busca por sustentabilidade econômica e permanência no campo.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar como as práticas produtivas, os saberes territoriais, as experiências femininas e as relações sociais desenvolvidas pela agricultora entrevistada expressam princípios da Agroecologia e contribuem para a compreensão da permanência da agricultura familiar no campo em Santana da Boa Vista (RS).

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como estudo de caso de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, vinculada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A abordagem qualitativa mostrou-se adequada por possibilitar compreensão aprofundada das experiências, práticas e significados atribuídos pela agricultora às suas relações com o território, a produção agrícola e a feira da agricultura familiar. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, das experiências, das crenças e dos valores socialmente construídos pelos sujeitos em seus contextos de vida.

O estudo foi realizado junto à agricultora familiar L. D. A., 57 anos, residente na localidade Cerro da Picada, município de Santana da Boa Vista/RS. A entrevista foi realizada no dia 10 de fevereiro de 2026, no espaço conhecido

como Quiosque da Praça, localizado na Praça Jacinto Inácio, ambiente utilizado pelos agricultores familiares para comercialização direta de seus produtos durante as Feiras da Agricultura Familiar.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, observação direta e registros em diário de campo. O roteiro contemplou questões relacionadas à trajetória familiar, organização produtiva, práticas agroecológicas, participação na feira, desafios enfrentados, protagonismo feminino e perspectivas para a agricultura familiar.

As informações obtidas foram sistematizadas e submetidas à análise qualitativa interpretativa, articulando as narrativas da agricultora aos referenciais teóricos da Agroecologia, territorialidade, agricultura familiar, gênero e desenvolvimento rural sustentável. A interpretação buscou identificar categorias relacionadas à reprodução social, autonomia produtiva, permanência no campo, protagonismo feminino e circuitos curtos de comercialização.

A pesquisa observou os princípios éticos das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, assegurando participação voluntária e utilização das informações exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a experiência produtiva desenvolvida pela agricultora entrevistada constitui importante expressão das territorialidades agroecológicas e do protagonismo feminino na agricultura familiar de Santana da Boa Vista. Sua trajetória demonstra forte vínculo com os saberes construídos historicamente no interior da unidade familiar e evidencia a centralidade das mulheres na organização econômica, social e cultural das comunidades rurais.

A agricultora relata que iniciou suas atividades no campo ainda na adolescência, trabalhando junto à família e aprendendo com o pai os conhecimentos relacionados ao cultivo agrícola, ao manejo da terra e à produção de alimentos. Essa transmissão intergeracional de saberes evidencia que os conhecimentos agrícolas continuam sendo construídos a partir da experiência prática, da ora-

lidade e da convivência cotidiana no território rural. Conforme Woortmann e Woortmann (1997), os saberes camponeses constituem formas específicas de construção do conhecimento baseadas na relação direta entre trabalho, natureza e experiência coletiva.

Embora inicialmente participasse apenas como auxiliar das atividades familiares, a entrevistada passou a assumir papel central na produção e comercialização agrícola após o casamento, organizando a produção da propriedade juntamente com o esposo. Essa trajetória evidencia as transformações ocorridas nas relações de gênero no meio rural, nas quais as mulheres vêm assumindo protagonismo crescente nas atividades produtivas, na gestão econômica e na comercialização dos alimentos.

O trabalho feminino na agricultura familiar ultrapassa a dimensão produtiva, envolvendo múltiplas funções relacionadas ao cuidado com a família, à administração da propriedade, à produção de alimentos e à manutenção das relações comunitárias. A experiência analisada demonstra que as mulheres rurais desempenham papel estratégico na preservação dos saberes territoriais, na construção da segurança alimentar e no fortalecimento das economias locais.

Conforme destacado pela Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (ANATER, 2021), o protagonismo feminino tornou-se elemento central da agricultura brasileira, especialmente na agricultura familiar e nas experiências agroecológicas. As mulheres participam da produção, do beneficiamento, da comercialização e da organização comunitária, contribuindo diretamente para o fortalecimento das territorialidades rurais e para construção de formas mais sustentáveis de desenvolvimento.

A organização produtiva da propriedade demonstra significativa diversificação agrícola, envolvendo produção de hortifrutigranjeiros, milho, feijão, mel, sucos, vinhos e doces artesanais. A diversidade produtiva constitui importante estratégia de sustentabilidade econômica e ecológica, reduzindo riscos produtivos e fortalecendo a segurança alimentar da família agricultora. Conforme Altieri e Masera (1997), a Agroecologia busca justamente fortalecer sistemas produtivos biodiversos, capazes de promover sustentabilidade ambiental, autonomia econômica e resiliência social.

As práticas produtivas desenvolvidas pela família demonstram importantes aproximações com os princípios agroecológicos, especialmente no que se refere à produção artesanal, valorização dos saberes locais e construção de sistemas produtivos menos dependentes de insumos externos. Embora os agricultores enfrentem limitações estruturais e ausência de assistência técnica contínua, observa-se esforço permanente na busca por formas mais sustentáveis de produção e comercialização.

A feira da agricultura familiar constitui elemento central na reprodução social da família entrevistada. Mais do que espaço de comercialização, a feira representa ambiente de convivência, fortalecimento comunitário e circulação de conhecimentos. O espaço observado caracteriza-se por forte clima de solidariedade e cooperação entre os agricultores, evidenciando que as feiras funcionam também como territórios culturais e educativos.

As relações estabelecidas entre agricultores e consumidores são marcadas pela valorização dos alimentos frescos, artesanais e produzidos sem excesso de insumos químicos. Segundo relato da agricultora, houve crescimento da procura por alimentos mais saudáveis no município, demonstrando mudanças importantes nos padrões de consumo e maior preocupação da sociedade com alimentação e sustentabilidade ambiental.

Entretanto, os resultados também revelam importantes desafios enfrentados pela agricultura familiar contemporânea. Entre eles destacam-se as dificuldades de infraestrutura nas feiras, a ausência de apoio técnico permanente, as limitações de armazenamento dos produtos e a baixa valorização econômica dos alimentos produzidos pelos pequenos agricultores.

Outro aspecto significativo refere-se ao êxodo rural e à dificuldade de permanência dos jovens no campo. A entrevistada destaca que muitos jovens deixam as comunidades rurais em busca de melhores oportunidades de estudo e trabalho nas cidades maiores. Essa realidade evidencia fragilidades estruturais relacionadas à oferta de educação rural, qualificação profissional e perspectivas de continuidade da agricultura familiar.

Nesse sentido, a criação de cursos técnicos voltados ao agronegócio e à agricultura no município representa importante estratégia de fortalecimento

das territorialidades rurais e incentivo à permanência dos jovens no campo. A educação rural articulada à Agroecologia e ao desenvolvimento territorial pode contribuir significativamente para valorização da agricultura familiar e construção de novas perspectivas para as populações rurais.

Os resultados também demonstram a importância das políticas públicas voltadas à agricultura familiar, especialmente no que se refere ao fortalecimento das feiras, à assistência técnica e à ampliação dos mercados institucionais. A comercialização para órgãos públicos e o fortalecimento de associações e cooperativas aparecem como estratégias fundamentais para ampliação da renda e fortalecimento econômico das famílias agricultoras.

A experiência analisada demonstra que a agricultura familiar agroecológica continua desempenhando papel estratégico na produção de alimentos, na conservação ambiental e na manutenção das territorialidades rurais. Mesmo diante das dificuldades estruturais enfrentadas pelas populações do campo, as práticas desenvolvidas pela agricultora entrevistada evidenciam formas concretas de resistência territorial, sustentabilidade produtiva e permanência no campo.

CONCLUSÃO

O estudo realizado junto à agricultora familiar de Santana da Boa Vista permitiu compreender que as práticas produtivas, os saberes territoriais e as experiências femininas desenvolvidas no âmbito da agricultura familiar expressam importantes fundamentos da Agroecologia e contribuem significativamente para a permanência das famílias no campo.

Os resultados evidenciaram que o protagonismo feminino desempenha papel central na organização da produção agrícola, na comercialização dos alimentos, na preservação dos saberes locais e no fortalecimento das territorialidades rurais. A experiência analisada demonstra que as mulheres agricultoras atuam simultaneamente como produtoras, gestoras, cuidadoras e articuladoras comunitárias, contribuindo diretamente para sustentabilidade econômica, social e cultural das comunidades rurais.

A diversificação produtiva, a valorização da produção artesanal, a participação nas feiras da agricultura familiar e a busca por práticas mais sustentáveis revelam importantes aproximações com os princípios agroecológicos, especialmente no que se refere à valorização dos conhecimentos locais, à autonomia produtiva e à conservação ambiental.

As feiras da agricultura familiar mostraram-se espaços estratégicos de comercialização, convivência e circulação de saberes, configurando-se como importantes territórios de resistência cultural e fortalecimento econômico das populações rurais.

Entretanto, os desafios relacionados à infraestrutura das feiras, à ausência de assistência técnica contínua, à baixa valorização econômica da pequena produção e ao êxodo rural demonstram a necessidade de fortalecimento das políticas públicas voltadas à agricultura familiar e ao desenvolvimento rural sustentável.

Conclui-se que a agricultura familiar agroecológica constitui importante estratégia de resistência territorial, produção de alimentos saudáveis e fortalecimento das comunidades rurais. Em meio às transformações contemporâneas do espaço rural brasileiro, experiências como a analisada demonstram que os saberes construídos pelas populações do campo continuam fundamentais para construção de formas mais sustentáveis, solidárias e territorialmente comprometidas de desenvolvimento rural.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. São Paulo: Hucitec, 1992.

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ALTIERI, Miguel A.; MASERA, Octavio. Desenvolvimento rural sustentável na América Latina: construindo de baixo para cima. In: ALMEIDA, J.; NAVARRO, Z. (org.). Reconstruindo a agricultura: ideias e ideais na perspectiva de um desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 1997. p. 73-105.

ANATER. Anater destaca protagonismo da mulher rural na produção de alimentos. Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, 2021. Disponível em: <https://www.agraer.ms.gov.br/anater-destaca-protagonismo-da-mulher-rural-na-producao-de-alimentos/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CANCELIER, Janete Webler et al. A condição polissêmica da Agroecologia: estudo de caso em uma turma de ensino superior. Revista Aracê, v. 7, n. 5, 2025.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: conceitos e princípios para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis. Brasília: MDA/SAF, 2004.

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. Qualidade dos alimentos, mercados e desenvolvimento rural: os desafios da agricultura familiar. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sergio. Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciatura em Educação do Campo. Brasília: MDA, 2012.

PETERSEN, Paulo; WEID, Jean Marc von der; FERNANDES, Gabriel Bianconi. Agroecologia: reconectando agricultura e natureza. Rio de Janeiro: AS-P-TA, 2017.

SCHNEIDER, Sergio. A agricultura familiar e o desenvolvimento rural no Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer; WOORTMANN, Klaas. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: UnB, 1997.

CAPÍTULO 4

ENTRE SABERES, TERRITÓRIOS E ALIMENTOS: AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA DA BOA VISTA (RS)

Amelia Da Rosa Nobia

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-3

INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas no espaço agrário brasileiro nas últimas décadas têm intensificado debates acerca da sustentabilidade dos sistemas produtivos, da permanência das populações rurais em seus territórios e da construção de modelos alternativos de desenvolvimento rural. Em contraposição aos processos de modernização agrícola baseados na especialização produtiva, no uso intensivo de insumos externos e na crescente dependência dos mercados globais, a agricultura familiar e a Agroecologia emergem como importantes referências para a construção de sistemas alimentares mais sustentáveis, resilientes e socialmente justos (ALTIERI, 2012; PLOEG, 2008).

A agricultura familiar ocupa papel estratégico no contexto brasileiro, não apenas pela produção de alimentos, mas também por sua contribuição para a conservação da biodiversidade, manutenção das economias locais e preservação das identidades culturais dos territórios rurais. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), milhões de estabelecimentos familiares distribuem-se pelo território nacional, constituindo importante base social e econômica para o desenvolvimento rural sustentável.

Nesse contexto, a Agroecologia consolida-se como campo científico, político e epistemológico que articula conhecimentos ecológicos, sociais, econômicos e culturais, propondo uma nova racionalidade para a agricultura e para

as relações entre sociedade e natureza. Segundo Caporal e Costabeber (2004), a Agroecologia ultrapassa a dimensão técnica da produção agrícola, constituindo-se como estratégia de transformação social fundamentada na valorização dos saberes locais, na autonomia dos agricultores e na sustentabilidade dos agroecossistemas.

Essa perspectiva aproxima-se dos fundamentos da Educação do Campo, que compreende os sujeitos rurais como produtores de conhecimento, cultura e territorialidades próprias. Conforme Caldart (2012), a Educação do Campo emerge das lutas históricas dos povos do campo por reconhecimento social, valorização cultural e acesso a processos educativos vinculados às realidades concretas dos territórios rurais. Estudos recentes desenvolvidos por Müller et al. (2026) reforçam que os territórios rurais devem ser compreendidos como espaços de produção de saberes, identidades e experiências educativas, nos quais se articulam trabalho, cultura, agroecologia e desenvolvimento territorial.

A noção de território torna-se central para essa discussão. Para Haesbaert (2021), os territórios constituem construções sociais marcadas por relações de pertencimento, identidade, memória e poder. Assim, os espaços rurais não podem ser reduzidos à sua dimensão produtiva, configurando-se como territórios vivos nos quais se constroem práticas sociais, conhecimentos e formas de resistência frente às dinâmicas excludentes do desenvolvimento hegemônico.

É nesse cenário que se insere o Quiosque da Agricultura Familiar da Praça Central de Santana da Boa Vista, localizado na região da Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul. O espaço representa uma importante iniciativa de comercialização direta, permitindo a aproximação entre produtores e consumidores e fortalecendo as relações entre campo e cidade. Mais do que um ponto de venda, o quiosque constitui um território de circulação de saberes, valorização da agricultura familiar e fortalecimento das economias locais.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar como os saberes territoriais, as práticas produtivas e as relações sociais construídas por uma agricultora familiar expressam princípios da Agroecologia e contribuem para a compreensão de suas bases epistemológicas.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas sociais, produtivas e culturais, permitindo interpretar dimensões que extrapolam os aspectos meramente econômicos da atividade agrícola (MINAYO, 2014).

O estudo foi realizado junto ao Quiosque da Agricultura Familiar localizado na Praça Central do município de Santana da Boa Vista (RS). Participou da pesquisa uma agricultora familiar com aproximadamente vinte anos de atuação na atividade agrícola e oito anos de participação no espaço de comercialização.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada e observação direta, realizadas em fevereiro de 2026. O roteiro contemplou aspectos relacionados à trajetória familiar, organização produtiva, práticas agroecológicas, formas de comercialização, desafios enfrentados e percepções sobre a importância do quiosque para a agricultura familiar local.

Os dados foram organizados em categorias temáticas e analisados à luz dos referenciais teóricos da Agroecologia, da Agricultura Familiar, da Educação do Campo e dos estudos sobre territorialidades rurais. Os procedimentos éticos observaram a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e a Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trajetória da agricultora entrevistada revela a forte presença dos saberes intergeracionais que caracterizam a agricultura familiar brasileira. O aprendizado das práticas agrícolas ocorreu ainda na infância, por meio da convivência cotidiana com os pais e familiares, evidenciando processos educativos construídos no trabalho, na observação e na experiência acumulada

ao longo das gerações. Conforme Freire (1996), os saberes produzidos nas práticas sociais constituem formas legítimas de conhecimento e desempenham papel fundamental na construção da autonomia dos sujeitos.

A diversificação produtiva observada na propriedade, envolvendo hortaliças, frutas, ovos e alimentos processados artesanalmente, demonstra importante aproximação com os princípios da Agroecologia. Sistemas produtivos diversificados tendem a apresentar maior estabilidade ecológica, menor vulnerabilidade econômica e maior capacidade de adaptação frente às mudanças ambientais (GLIESSMAN, 2015). Além disso, a diversificação contribui para a segurança alimentar das famílias e para a ampliação das possibilidades de comercialização.

Outro aspecto relevante refere-se à utilização de práticas de manejo fundamentadas na valorização dos recursos locais, como compostagem, esterco curtido e métodos alternativos de controle de pragas. Essas estratégias reduzem a dependência de insumos externos e fortalecem a autonomia produtiva da unidade familiar, constituindo elementos centrais dos processos de transição agroecológica (ALTIERI, 2012).

A análise evidencia ainda que o Quiosque da Agricultura Familiar desempenha papel que ultrapassa a dimensão econômica da comercialização. O espaço configura-se como território de encontro, diálogo e circulação de conhecimentos, fortalecendo vínculos entre agricultores e consumidores. Essa característica aproxima-se das discussões desenvolvidas por Müller et al. (2026), que destacam a relevância dos territórios rurais como espaços de construção coletiva do conhecimento, fortalecimento das identidades locais e valorização das territorialidades camponesas.

Do ponto de vista territorial, o quiosque representa importante estratégia de fortalecimento da agricultura familiar local. A comercialização direta reduz intermediários, amplia a valorização dos produtos e contribui para a circulação da renda no próprio município. Segundo Ploeg (2008), os circuitos curtos de comercialização constituem mecanismos fundamentais para fortalecer a autonomia dos agricultores e construir mercados socialmente enraizados nos territórios.

A experiência analisada também dialoga com estudos recentes sobre Educação do Campo e territorialidades rurais desenvolvidos no Rio Grande do Sul. Pesquisas realizadas por Müller et al. (2026) evidenciam que as práticas territoriais vinculadas à agricultura familiar, às escolas do campo e às organizações comunitárias contribuem para a construção de processos educativos territorializados, fortalecendo pertencimentos, identidades e formas de resistência social.

Os desafios relatados pela agricultora, especialmente aqueles relacionados à irregularidade climática, aos custos de produção e às limitações das políticas públicas, refletem problemas estruturais presentes em diferentes territórios rurais brasileiros. As mudanças climáticas, associadas à crescente instabilidade dos mercados agrícolas, reforçam a necessidade de políticas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar e da Agroecologia como estratégias de adaptação e sustentabilidade.

De modo geral, os resultados evidenciam que a experiência analisada materializa importantes fundamentos epistemológicos da Agroecologia, especialmente aqueles relacionados ao diálogo de saberes, à sustentabilidade, à autonomia produtiva, à valorização dos territórios e à construção coletiva do conhecimento. O Quiosque da Agricultura Familiar revela-se, portanto, como espaço de resistência, produção de conhecimento e fortalecimento das territorialidades rurais.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu compreender que o Quiosque da Agricultura Familiar de Santana da Boa Vista constitui muito mais do que um espaço de comercialização de alimentos. Trata-se de um território de produção de conhecimentos, fortalecimento das identidades rurais e materialização dos princípios da Agroecologia.

A trajetória da agricultora entrevistada evidencia a importância dos saberes construídos ao longo das gerações e demonstra que a agricultura familiar permanece como espaço estratégico para a reprodução social, econômica e cultural das populações rurais. As práticas produtivas observadas

revelam a presença de princípios agroecológicos relacionados à diversificação, à sustentabilidade ambiental, à valorização dos recursos locais e à autonomia dos agricultores.

Conclui-se que experiências como a analisada reforçam a relevância da agricultura familiar para a construção de modelos de desenvolvimento rural territorialmente enraizados, socialmente inclusivos e ambientalmente sustentáveis. Ao mesmo tempo, demonstram que a Agroecologia constitui não apenas uma alternativa técnica de produção, mas uma perspectiva ética, política e epistemológica comprometida com a valorização dos sujeitos, dos territórios e dos saberes que sustentam a vida no campo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRASIL. Lei n.º 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 15 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 24 maio 2016.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. Porto Alegre: EMATER/RS, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecology: the ecology of sustainable food systems. 3. ed. Boca Raton: CRC Press, 2015.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário 2017: resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MÜLLER, L. et al. Cultivando saberes na formação docente: formação continuada, territorialidades e redes colaborativas no ciclo Temas Emergentes 2025. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-22, 2026. ISSN 2965-6672.

MÜLLER, L. et al. Educação do campo e territorialidades rurais: trajetórias educadores(as) e desafios educacionais em Encruzilhada do Sul/RS. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-24, 2026. ISSN 2965-6672.

MÜLLER, L. et al. Entre fronteiras, assentamentos e escolas do campo: desafios contemporâneos da docência em Santana do Livramento/RS. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-26, 2026. ISSN 2965-6672.

MÜLLER, L. et al. Escolas do campo e desenvolvimento territorial: perfil formativo e desafios da docência em Canguçu/RS. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-20, 2026. ISSN 2965-6672.

MÜLLER, L. et al. Raízes do campo: territorialidades, escolas rurais e formação crítica na disciplina Educação do Campo: história, concepções e princípios. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-18, 2026. ISSN 2965-6672.

MÜLLER, L. et al. Trajetórias formativas, inserção profissional e permanência acadêmica: um estudo com egressos(as) da Licenciatura em Educação do Campo EaD/UFSM. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-19, 2026. ISSN 2965-6672.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

CAPÍTULO 5

TERRITORIALIDADES AGROECOLÓGICAS E AGRICULTURA FAMILIAR: SABERES, RESISTÊNCIAS E SUSTENTABILIDADE NO CAMPO DE SANTANA DA BOA VISTA (RS)

Almira Oliveira Eugênio

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-5

INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas no espaço agrário brasileiro ao longo das últimas décadas têm intensificado os debates sobre sustentabilidade, soberania alimentar, desenvolvimento territorial e permanência das populações rurais em seus territórios. A expansão dos sistemas agrícolas convencionais, associada à concentração fundiária, à homogeneização produtiva e aos impactos socioambientais decorrentes do modelo dominante de agricultura, tem produzido desafios crescentes para os agricultores familiares e para as comunidades rurais. Nesse cenário, a agricultura familiar permanece como importante estratégia de produção de alimentos, geração de renda, conservação da biodiversidade e reprodução social dos territórios rurais brasileiros (IBGE, 2019).

Mais do que uma categoria produtiva, a agricultura familiar constitui uma forma de organização social baseada na articulação entre trabalho, família, território e produção. Conforme Ploeg (2008), as unidades familiares representam espaços de construção de autonomia, nos quais os agricultores desenvolvem estratégias próprias para garantir sua reprodução social diante das pressões econômicas e das transformações estruturais que atingem o campo. Nesse contexto, os conhecimentos construídos historicamente pelas

famílias agricultoras assumem papel fundamental para a sustentabilidade dos sistemas produtivos e para a permanência das populações rurais em seus territórios.

A Agroecologia emerge como importante campo científico, político e epistemológico capaz de articular conhecimentos ecológicos, sociais, econômicos e culturais na construção de sistemas produtivos sustentáveis. Segundo Altieri (2012), a Agroecologia propõe uma nova racionalidade para a agricultura, fundamentada na valorização da biodiversidade, dos saberes locais e da autonomia dos agricultores. Para Caporal e Costabeber (2004), trata-se de uma perspectiva que ultrapassa a dimensão técnica da produção agrícola, constituindo-se como estratégia de desenvolvimento rural comprometida com a sustentabilidade ambiental, a justiça social e a valorização dos sujeitos do campo.

Essa discussão encontra forte aproximação com o conceito de territorialidade. Conforme Haesbaert (2021), os territórios constituem construções sociais produzidas pelas relações de pertencimento, identidade, memória e poder estabelecidas pelos sujeitos em seus espaços de vida. Dessa forma, os territórios rurais não podem ser compreendidos apenas como espaços produtivos, mas como territórios vivos onde se articulam conhecimentos, culturas, formas de sociabilidade e estratégias de resistência social. Estudos recentes desenvolvidos por Müller et al. (2026a; 2026b; 2026c; 2026d) reforçam que as territorialidades rurais constituem importantes espaços de produção de conhecimento, fortalecimento comunitário e construção de alternativas para o desenvolvimento territorial sustentável.

No âmbito da Educação do Campo, essa perspectiva assume importância ainda maior. Conforme Caldart (2012), os sujeitos do campo devem ser reconhecidos como protagonistas dos processos educativos e produtores legítimos de conhecimentos vinculados aos seus territórios. Os saberes construídos pelas famílias agricultoras expressam formas específicas de compreender a natureza, organizar o trabalho e construir relações sociais, constituindo importante patrimônio cultural das comunidades rurais. Assim, compreender as experiências desenvolvidas por agricultores familiares significa também

compreender processos educativos, culturais e territoriais que contribuem para a sustentabilidade da vida no campo.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar a trajetória produtiva, os saberes territoriais e as práticas agroecológicas desenvolvidas por Valdenira Oliveira, agricultora familiar residente na comunidade Serra dos Pereira, em Santana da Boa Vista (RS), buscando compreender como essas experiências expressam princípios da Agroecologia e contribuem para a construção de territorialidades rurais sustentáveis.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a compreensão aprofundada dos significados, experiências e percepções atribuídos pelos sujeitos às suas práticas sociais e produtivas, permitindo analisar aspectos que ultrapassam a dimensão econômica da atividade agrícola (MINAYO, 2014).

O estudo foi realizado na comunidade Serra dos Pereira, localizada no município de Santana da Boa Vista, Rio Grande do Sul. Participou da pesquisa a agricultora familiar Valdenira Oliveira, cuja trajetória de vida está diretamente vinculada à agricultura familiar, à produção de alimentos e à manutenção dos saberes construídos no cotidiano do meio rural.

A produção dos dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada realizada presencialmente, complementada pela observação direta do contexto produtivo e territorial da propriedade. O roteiro contemplou questões relacionadas à trajetória familiar, organização produtiva, práticas de manejo, utilização de sementes crioulas, comercialização, desafios enfrentados e perspectivas futuras para a agricultura familiar.

Os dados foram organizados em categorias temáticas e analisados à luz dos referenciais da Agroecologia, Agricultura Familiar, Territorialidade e Edu-

cação do Campo. Os procedimentos éticos observaram os princípios estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e pela Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trajetória de vida e trabalho da agricultora Valdenira Oliveira evidencia a centralidade dos saberes construídos no cotidiano da agricultura familiar, revelando processos de aprendizagem intergeracional, relações de pertencimento territorial e estratégias produtivas que expressam importantes fundamentos da Agroecologia contemporânea.

Desde a infância, sua inserção nas atividades agrícolas ocorreu por meio da convivência com familiares, possibilitando a aprendizagem de práticas de cultivo, manejo do solo, conservação de sementes e organização da produção. Essa forma de construção do conhecimento aproxima-se da concepção defendida por Freire (2021), segundo a qual os saberes produzidos na experiência cotidiana constituem formas legítimas de conhecimento e desempenham papel fundamental na formação dos sujeitos. Os relatos da agricultora demonstram que os conhecimentos agrícolas foram construídos por meio da observação, da prática e da convivência comunitária, revelando a importância dos processos educativos presentes no próprio território.

Estudos desenvolvidos por Müller et al. (2026b) demonstram que os territórios rurais constituem espaços educativos nos quais a aprendizagem ocorre articulada às experiências de trabalho, às relações familiares e às dinâmicas comunitárias. Nesse sentido, os saberes construídos por Valdenira Oliveira representam patrimônio cultural e social fundamental para a reprodução da agricultura familiar e para a manutenção das territorialidades rurais.

A relação da agricultora com a terra revela que o território ultrapassa sua dimensão econômica, assumindo significados associados à memória, ao pertencimento e à identidade. A comunidade Serra dos Pereira constitui um espaço de vida onde se articulam trabalho, relações familiares, práticas produtivas e formas de sociabilidade. Conforme Haesbaert (2021), os territórios são construídos pelas práticas sociais dos sujeitos e pelos vínculos que estabelecem

com seus espaços de existência. Essa compreensão é reforçada por Müller et al. (2026c) e Müller et al. (2026d), ao demonstrarem que as territorialidades rurais desempenham papel estratégico na manutenção das identidades camponesas, no fortalecimento das relações comunitárias e na permanência das populações em seus territórios.

No que se refere à organização produtiva, observa-se significativa diversificação das atividades agrícolas desenvolvidas pela família. A produção de hortaliças, legumes, frutas e outros alimentos destinados tanto ao consumo familiar quanto à comercialização demonstra forte aproximação com os princípios agroecológicos. Segundo Gliessman (2015), sistemas produtivos diversificados apresentam maior estabilidade ecológica, melhor aproveitamento dos recursos naturais e maior capacidade de adaptação frente às instabilidades ambientais e econômicas.

Outro aspecto relevante refere-se às práticas de manejo adotadas na propriedade. A utilização de adubação orgânica, defensivos naturais e sementes crioulas evidencia a valorização dos recursos locais e a busca por maior autonomia produtiva. Conforme Altieri (2012), a conservação da agrobiodiversidade constitui um dos pilares da Agroecologia, sendo fundamental para a sustentabilidade dos agroecossistemas. As sementes crioulas, em particular, representam importante mecanismo de conservação genética, preservação cultural e fortalecimento da soberania alimentar.

A experiência analisada também evidencia a importância da comercialização direta como estratégia de fortalecimento da agricultura familiar. A participação em feiras e espaços locais de comercialização possibilita a aproximação entre produtores e consumidores, favorece a valorização dos alimentos produzidos localmente e amplia a circulação da renda no próprio território. Conforme Ploeg (2008), os circuitos curtos de comercialização constituem importantes mecanismos de fortalecimento da autonomia dos agricultores familiares e de construção de mercados territorializados.

Os desafios relatados por Valdenira Oliveira revelam questões estruturais enfrentadas pela agricultura familiar brasileira. A irregularidade climática, especialmente os períodos de estiagem, afeta diretamente a produção agrícola e

evidencia os impactos das mudanças climáticas sobre os territórios rurais. Somam-se a isso dificuldades relacionadas ao transporte, à comercialização e ao acesso a determinadas políticas públicas. Tais desafios refletem processos mais amplos que atingem diferentes regiões rurais do país e reforçam a necessidade de estratégias capazes de fortalecer a resiliência dos agroecossistemas e das famílias agricultoras.

Apesar dessas dificuldades, a trajetória da agricultora evidencia importantes processos de resistência e adaptação. A permanência na atividade agrícola, a valorização dos conhecimentos tradicionais, a preservação das sementes crioulas e a adoção de práticas sustentáveis demonstram a capacidade dos agricultores familiares de construir alternativas produtivas comprometidas com a conservação ambiental e com a sustentabilidade territorial. Conforme destacam Müller et al. (2026a) e Müller et al. (2026e), a valorização dos saberes locais e das experiências territoriais constitui elemento estratégico para o fortalecimento da agricultura familiar e para a construção de modelos sustentáveis de desenvolvimento rural.

CONCLUSÃO

A pesquisa permitiu compreender que a trajetória da agricultora Valdenira Oliveira expressa importantes fundamentos da Agroecologia, da agricultura familiar e das territorialidades rurais contemporâneas. Os saberes construídos ao longo das gerações, as práticas de manejo sustentável, a valorização das sementes crioulas e a diversificação produtiva demonstram a existência de formas de produção comprometidas com a sustentabilidade ambiental, a autonomia produtiva e a valorização dos territórios rurais.

A experiência analisada evidencia que a agricultura familiar permanece como importante estratégia de desenvolvimento territorial, contribuindo para a produção de alimentos, conservação da biodiversidade, fortalecimento das economias locais e reprodução social das comunidades rurais. Ao mesmo tempo, revela a necessidade de ampliação das políticas públicas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar, da Agroecologia e da adaptação às mudanças climáticas.

Conclui-se que as territorialidades agroecológicas construídas por agricultoras familiares como Valdenira Oliveira constituem importantes espaços de resistência, produção de conhecimento e sustentabilidade. Essas experiências demonstram que a Agroecologia não se limita a um conjunto de técnicas produtivas, configurando-se como prática social, cultural e política capaz de fortalecer territórios, preservar saberes e promover formas mais equilibradas de relação entre sociedade e natureza.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRASIL. Lei n.º 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Brasília, DF, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016. Brasília, DF, 2016.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. Porto Alegre: EMATER/RS, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecology: the ecology of sustainable food systems. 3. ed. Boca Raton: CRC Press, 2015.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IBGE. Censo Agropecuário 2017: resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MÜLLER, L. et al. Cultivando saberes na formação docente: formação continuada, territorialidades e redes colaborativas no ciclo Temas Emergentes 2025. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-22, 2026.

MÜLLER, L. et al. Educação do campo e territorialidades rurais: trajetórias educadores(as) e desafios educacionais em Encruzilhada do Sul/RS. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-24, 2026.

MÜLLER, L. et al. Entre fronteiras, assentamentos e escolas do campo: desafios contemporâneos da docência em Santana do Livramento/RS. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-26, 2026.

MÜLLER, L. et al. Escolas do campo e desenvolvimento territorial: perfil formativo e desafios da docência em Canguçu/RS. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-20, 2026.

MÜLLER, L. et al. Raízes do campo: territorialidades, escolas rurais e formação crítica na disciplina Educação do Campo: história, concepções e princípios. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-18, 2026.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

CAPÍTULO 6

AGROECOLOGIA, AGRICULTURA FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: A EXPERIÊNCIA DA FEIRA SANTA OLINA EM SANTANA DA BOA VISTA (RS)

Luciane Reis da Silva

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-6

INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas nos sistemas agroalimentares contemporâneos têm intensificado debates relacionados à sustentabilidade, à segurança alimentar, à conservação ambiental e à permanência das populações rurais em seus territórios. A expansão do modelo agrícola convencional, baseada na especialização produtiva, na dependência de insumos externos e na crescente concentração dos mercados alimentares, tem produzido impactos ambientais, econômicos e sociais que desafiam a construção de formas mais sustentáveis de desenvolvimento rural (ALTIERI, 2012).

Nesse contexto, a Agroecologia emerge como um campo científico, político e epistemológico capaz de articular conhecimentos ecológicos, agrônômicos, sociais e culturais na construção de agroecossistemas sustentáveis. Segundo Altieri (2012), a Agroecologia propõe uma abordagem sistêmica da agricultura, fundamentada na valorização da biodiversidade, dos conhecimentos tradicionais e da autonomia dos agricultores. Para Caporal e Costabeber (2004), trata-se de uma perspectiva que ultrapassa os limites da dimensão técnica da produção agrícola, constituindo-se como estratégia de desenvolvimento rural comprometida com a sustentabilidade ambiental, a justiça social e a valorização dos sujeitos do campo.

A agricultura familiar ocupa posição estratégica nesse processo. Conforme Ploeg (2008), as unidades familiares representam importantes espaços de resistência frente aos processos de homogeneização produtiva, preservando formas próprias de organização do trabalho, transmissão de conhecimentos e construção de vínculos territoriais. Além de produzir alimentos, as famílias agricultoras desempenham funções sociais, culturais e ambientais fundamentais para a manutenção dos territórios rurais.

As feiras agroecológicas e da agricultura familiar constituem uma das expressões mais significativas dessas dinâmicas. Mais do que espaços de comercialização, configuram-se como territórios de encontro, circulação de saberes, fortalecimento comunitário e valorização da produção local. Nessas experiências, os alimentos carregam não apenas valor econômico, mas também significados culturais, ambientais e territoriais que fortalecem as relações entre campo e cidade.

A compreensão dessas experiências exige considerar a noção de território como construção social produzida pelas relações de pertencimento, identidade, memória e poder estabelecidas pelos sujeitos em seus espaços de vida (HAESBAERT, 2021). Nessa perspectiva, as feiras constituem espaços privilegiados de interação social, troca de conhecimentos e fortalecimento das territorialidades rurais.

Estudos recentes desenvolvidos por Müller et al. (2026a; 2026b; 2026c; 2026d; 2026e) demonstram que as territorialidades rurais constituem importantes espaços de produção de conhecimento, fortalecimento comunitário e construção de alternativas para o desenvolvimento territorial sustentável. Essas experiências revelam que os agricultores familiares não são apenas produtores de alimentos, mas também produtores de saberes, identidades e formas próprias de relação com a natureza.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar a experiência da Feira Santa Olina e a trajetória produtiva do agricultor familiar Miro Phoren, buscando compreender como suas práticas produtivas, saberes territoriais e relações sociais expressam princípios da Agroecologia

e contribuem para processos de desenvolvimento territorial sustentável em Santana da Boa Vista (RS).

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, práticas e relações sociais, permitindo interpretar fenômenos complexos presentes nos contextos rurais (MINAYO, 2014). O estudo assumiu caráter exploratório e descritivo, buscando compreender as práticas produtivas e os saberes construídos no cotidiano da agricultura familiar.

A investigação foi realizada na Feira Santa Olina, localizada na Praça Central do município de Santana da Boa Vista (RS). Participou da pesquisa o agricultor familiar Miro Phoren, de 69 anos, residente na localidade Passo do Marmeleiro, com aproximadamente 42 anos de atuação na agricultura e doze anos de participação na feira.

A produção dos dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, observação direta e registros em diário de campo. O roteiro contemplou aspectos relacionados à trajetória familiar, práticas de manejo, utilização de sementes crioulas, comercialização, desafios enfrentados e perspectivas futuras para a agricultura familiar.

Os dados foram organizados em categorias temáticas e analisados à luz dos referenciais da Agroecologia, Agricultura Familiar, Territorialidade, Desenvolvimento Rural e Educação do Campo. A pesquisa observou os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e pela Lei nº 13.709/2018 (LGPD).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Saberes intergeracionais e construção do conhecimento agroecológico

A trajetória de Miro Phoren evidencia a importância dos processos de transmissão intergeracional dos conhecimentos na constituição da agricultura familiar. Conforme relatado pelo agricultor, sua inserção na produção orgânica foi fortemente influenciada pelos avós, agricultores que transmitiram conhecimentos relacionados ao cultivo, à conservação das sementes e ao cuidado com os recursos naturais.

Essa experiência demonstra que o conhecimento agroecológico é construído por meio da convivência, da observação e da prática cotidiana. Freire (2021) destaca que os saberes produzidos na experiência concreta dos sujeitos constituem formas legítimas de conhecimento, enquanto Caldart (2012) enfatiza que os territórios rurais representam importantes espaços educativos. Nesse sentido, a trajetória de Miro evidencia que a Agroecologia não se reduz a técnicas de produção, mas envolve processos culturais, educativos e históricos que atravessam gerações.

Agroecologia, sementes crioulas e conservação da agrobiodiversidade

As práticas produtivas adotadas pelo agricultor revelam significativa aproximação com os fundamentos da Agroecologia. O uso de compostagem, calda bordalesa, preservação das nascentes e utilização predominante de sementes crioulas demonstra uma racionalidade produtiva orientada pela valorização dos recursos locais e pela redução da dependência de insumos externos.

Segundo Altieri (2012), a conservação da biodiversidade constitui um dos pilares da sustentabilidade dos agroecossistemas. As sementes crioulas assumem papel central nesse processo, pois representam patrimônio genético, cultural e territorial acumulado ao longo de gerações. Além de contribuírem

para a conservação da agrobiodiversidade, fortalecem a soberania alimentar e a autonomia produtiva das famílias agricultoras.

A preservação das nascentes e da vegetação existente na propriedade reforça essa perspectiva, evidenciando uma compreensão integrada das relações entre produção agrícola e conservação ambiental. Tais práticas demonstram que a Agroecologia se materializa na construção de sistemas produtivos que respeitam os ciclos ecológicos e valorizam os recursos disponíveis no território.

A Feira Santa Olina como território educativo e espaço de sociabilidade

A Feira Santa Olina configura-se como muito mais do que um espaço de comercialização. Trata-se de um território educativo e sociocultural onde circulam alimentos, conhecimentos, experiências e formas de sociabilidade que fortalecem as relações entre produtores e consumidores.

A observação realizada evidenciou relações marcadas pela confiança e pela proximidade entre agricultores e comunidade. Os alimentos comercializados carregam histórias, práticas culturais e valores associados à agricultura familiar, contribuindo para a valorização dos modos de vida rurais.

Conforme Haesbaert (2021), os territórios são construídos pelas relações sociais que os sujeitos estabelecem em seus espaços de vida. Nesse sentido, a feira constitui um espaço de fortalecimento das territorialidades rurais, promovendo a circulação de saberes e ampliando o reconhecimento social da agricultura familiar.

Circuitos curtos de comercialização e desenvolvimento territorial

A comercialização direta realizada na feira e o fornecimento de alimentos para a merenda escolar representam importantes estratégias de fortalecimento da agricultura familiar e do desenvolvimento territorial. Essas iniciativas reduzem a dependência de intermediários, ampliam a renda dos agricultores e fortalecem as economias locais.

Segundo Ploeg (2008), os circuitos curtos de comercialização favorecem a construção de mercados territorializados, fortalecendo relações de proximidade entre produtores e consumidores. Além disso, contribuem para a valorização dos alimentos produzidos localmente e para a circulação da renda dentro do próprio território.

Os resultados evidenciam que a Feira Santa Olina desempenha papel estratégico para o município de Santana da Boa Vista, fortalecendo a agricultura familiar, ampliando as oportunidades de comercialização e promovendo formas mais sustentáveis de desenvolvimento local.

Resistência camponesa e sustentabilidade territorial

Os desafios relatados por Miro Phoren, especialmente aqueles relacionados às condições das estradas, à distância da propriedade e à insegurança das vendas, refletem dificuldades estruturais enfrentadas por grande parte da agricultura familiar brasileira.

Entretanto, a permanência do agricultor na atividade por mais de quatro décadas demonstra importantes processos de resistência social e territorial. A continuidade da produção orgânica, a preservação das sementes crioulas e o compromisso com a conservação ambiental evidenciam estratégias de adaptação que fortalecem a resiliência dos agroecossistemas e das famílias agricultoras.

Essas práticas confirmam a compreensão da Agroecologia como estratégia de construção de sustentabilidade territorial, contribuindo para fortalecer a autonomia dos agricultores e ampliar a capacidade de enfrentamento dos desafios econômicos e ambientais contemporâneos.

CONCLUSÃO

A experiência da Feira Santa Olina demonstra que a Agroecologia se materializa não apenas por meio das técnicas produtivas adotadas pelo agricultor Miro Phoren, mas também nas relações sociais, econômicas, culturais e territoriais construídas no cotidiano da agricultura familiar.

Os resultados evidenciam que a feira constitui um território de produção de alimentos, circulação de saberes, fortalecimento comunitário e desenvolvimento territorial sustentável. A utilização de sementes crioulas, a preservação dos recursos naturais, a comercialização direta e a valorização dos conhecimentos transmitidos entre gerações revelam importantes fundamentos da Agroecologia contemporânea.

Conclui-se que a agricultura familiar permanece como importante estratégia de resistência, soberania alimentar e sustentabilidade territorial, contribuindo para a construção de alternativas capazes de fortalecer os territórios rurais e promover formas mais equilibradas de relação entre sociedade e natureza.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRASIL. Lei n.º 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 15 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 24 maio 2016.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. Porto Alegre: EMATER/RS, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecology: the ecology of sustainable food systems. 3. ed. Boca Raton: CRC Press, 2015.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IBGE. Censo Agropecuário 2017: resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MÜLLER, L. et al. Cultivando saberes na formação docente: formação continuada, territorialidades e redes colaborativas no ciclo Temas Emergentes 2025. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-22, 2026.

MÜLLER, L. et al. Educação do campo e territorialidades rurais: trajetórias educadores(as) e desafios educacionais em Encruzilhada do Sul/RS. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-24, 2026.

MÜLLER, L. et al. Entre fronteiras, assentamentos e escolas do campo: desafios contemporâneos da docência em Santana do Livramento/RS. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-26, 2026.

MÜLLER, L. et al. Escolas do campo e desenvolvimento territorial: perfil formativo e desafios da docência em Canguçu/RS. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-20, 2026.

MÜLLER, L. et al. Raízes do campo: territorialidades, escolas rurais e formação crítica na disciplina Educação do Campo: história, concepções e princípios. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-18, 2026.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

REINIGER, Lia Rejane Silveira; WIZNIEWSKY, José Geraldo; KAUFMANN, Marielen Priscila. Princípios de agroecologia. 1. ed. Santa Maria: UFSM/UAB, 2017.

CAPÍTULO 7

HIDROPONIA, JUVENTUDE RURAL E D EENVOLVIMENTO TERRITORIAL: INOVAÇÃO SOCIOTÉCNICA E REPRODUÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA DA BOA VISTA (RS)

Mila Simões Pires da Silva

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-7

INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas no espaço rural brasileiro nas últimas décadas têm produzido novos desafios para a agricultura familiar, especialmente aqueles relacionados à sucessão geracional, à sustentabilidade dos sistemas produtivos e à permanência das populações rurais em seus territórios. Embora a agricultura familiar seja responsável por parcela significativa da produção de alimentos consumidos pela população brasileira, esse segmento enfrenta limitações estruturais relacionadas ao acesso à terra, à infraestrutura, ao crédito, à assistência técnica e aos mercados de comercialização (IBGE, 2019).

Paralelamente, as mudanças climáticas, a crescente instabilidade dos mercados agroalimentares e a intensificação dos processos de urbanização têm ampliado as pressões sobre os agricultores familiares, exigindo a construção de estratégias inovadoras capazes de garantir a sustentabilidade econômica, social e ambiental das unidades produtivas. Nesse contexto, a Agroecologia emerge como importante paradigma científico e político, propondo formas de produção fundamentadas na valorização da biodiversidade, dos conhecimentos locais e da autonomia dos agricultores (ALTIERI, 2012; GLIESSMAN, 2015).

Entretanto, discutir Agroecologia no século XXI exige compreender que os processos de inovação tecnológica também podem desempenhar papel rele-

vante na construção da sustentabilidade dos agroecossistemas. A incorporação de tecnologias apropriadas ao contexto da agricultura familiar, quando associada à conservação ambiental e ao fortalecimento dos territórios rurais, pode contribuir para ampliar a eficiência produtiva, reduzir vulnerabilidades e fortalecer a permanência das famílias agricultoras no campo.

Entre essas tecnologias, a hidroponia tem despertado crescente interesse devido à sua capacidade de produzir alimentos em espaços reduzidos, otimizar o uso da água e ampliar a produtividade agrícola. Souza e Teixeira (2020) destacam que a produção de hortaliças em sistemas hidropônicos apresenta elevada eficiência produtiva, reduz desperdícios de água e nutrientes e constitui uma alternativa economicamente viável para agricultores familiares que dispõem de pequenas áreas produtivas. Além disso, os autores demonstram que a hidroponia pode gerar rentabilidade significativa e contribuir para o fortalecimento da agricultura familiar, especialmente em contextos de restrição fundiária e necessidade de diversificação produtiva.

A discussão sobre inovação tecnológica também se relaciona diretamente à permanência da juventude rural. Estudos recentes evidenciam que a continuidade das atividades agrícolas pelas novas gerações depende não apenas da disponibilidade de terra, mas também da existência de perspectivas econômicas, reconhecimento social e possibilidades de inovação nos territórios rurais. Müller et al. (2026) argumentam que as territorialidades rurais constituem espaços de construção de identidades, pertencimentos e projetos de vida, sendo fundamentais para compreender os processos de permanência dos jovens no campo.

Nesse cenário, a experiência do agricultor Gilberto Oliveira, jovem produtor rural do município de Santana da Boa Vista (RS), constitui importante objeto de análise. Sua trajetória evidencia a articulação entre conhecimentos familiares, inovação tecnológica, mercados locais e desenvolvimento territorial, revelando novas possibilidades para a agricultura familiar contemporânea.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar como a adoção da hidroponia, articulada aos saberes familiares, às estratégias

de comercialização e às territorialidades rurais, contribui para a reprodução social da agricultura familiar e para a construção de processos de desenvolvimento territorial sustentável em Santana da Boa Vista (RS).

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas produtivas, relações sociais e experiências territoriais, permitindo interpretar fenômenos complexos presentes nos contextos rurais (MINAYO, 2014). O estudo de caso, conforme Yin (2015), constitui estratégia metodológica adequada para investigar fenômenos contemporâneos inseridos em seus contextos reais.

A pesquisa foi realizada no município de Santana da Boa Vista (RS), tendo como sujeito participante o agricultor familiar Gilberto do Prado Oliveira, de 25 anos, residente na localidade Areão Velho. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, observação direta na Feira do Quiosque Municipal e registros em diário de campo.

Os dados foram organizados por categorias temáticas e analisados à luz dos referenciais da Agroecologia, Agricultura Familiar, Juventude Rural, Territorialidade e Desenvolvimento Rural Sustentável.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trajetória de Gilberto Oliveira evidencia um dos principais desafios enfrentados pela agricultura familiar brasileira: a sucessão geracional. Em um contexto marcado pelo êxodo rural e pelo envelhecimento da população agrícola, a permanência de jovens no campo constitui elemento estratégico para a sustentabilidade dos territórios rurais.

A opção do agricultor por permanecer na propriedade familiar e investir na atividade agrícola demonstra que a permanência dos jovens no campo não depende exclusivamente da tradição familiar, mas da capacidade de construir projetos de vida compatíveis com as transformações sociais contemporâneas. Conforme Müller et al. (2026), os territórios rurais constituem espaços de produção de identidades e pertencimentos, nos quais os sujeitos constroem sentidos para sua permanência e atuação profissional.

Nesse sentido, a continuidade da atividade agrícola após o falecimento do pai não representa apenas a sucessão de uma propriedade, mas a continuidade de um patrimônio cultural, produtivo e territorial construído ao longo de gerações.

A adoção da hidroponia constitui o principal diferencial da experiência analisada. Mais do que uma técnica de cultivo, ela representa uma inovação sociotécnica que permite ao agricultor ampliar sua capacidade produtiva, diversificar mercados e fortalecer sua autonomia econômica.

Souza e Teixeira (2020) demonstram que a hidroponia possibilita elevada produtividade em pequenas áreas, reduzindo desperdícios de água e nutrientes e apresentando resultados positivos de rentabilidade para agricultores familiares. Os autores verificaram margens de lucro variando entre 16,21% e 32,67%, concluindo que a tecnologia constitui alternativa economicamente viável para pequenas propriedades rurais.

Os resultados observados na propriedade de Gilberto corroboram essas conclusões. A hidroponia permite otimizar o uso dos recursos disponíveis, ampliar a regularidade da produção e reduzir parte das limitações associadas às condições climáticas e à disponibilidade de solo agrícola.

Contudo, a experiência também evidencia que a inovação tecnológica não substitui os conhecimentos tradicionais. A manutenção do cultivo de mandioca, abóbora e outras espécies associadas ao uso de sementes crioulas demonstra que a inovação é incorporada de forma contextualizada, articulando tecnologia e tradição na construção de sistemas produtivos mais resilientes.

A inserção da produção nos mercados locais, na Feira do Quiosque Municipal e no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) evidencia a

importância dos circuitos curtos de comercialização para o fortalecimento da agricultura familiar.

Segundo Ploeg (2008), esses circuitos fortalecem a autonomia dos agricultores ao reduzir a dependência de intermediários e ampliar a circulação da renda dentro dos próprios territórios. Além disso, contribuem para a construção de relações de confiança entre produtores e consumidores, fortalecendo vínculos sociais e econômicos locais.

A experiência analisada demonstra que a comercialização não deve ser compreendida apenas como etapa final da produção agrícola. Ela constitui processo fundamental de construção territorial, contribuindo para a valorização dos alimentos produzidos localmente, para a geração de renda e para o fortalecimento da economia municipal.

Apesar dos resultados positivos observados, a experiência evidencia desafios estruturais significativos. A dependência de energia elétrica para o funcionamento do sistema hidropônico, as dificuldades relacionadas à infraestrutura viária e a vulnerabilidade frente aos eventos climáticos extremos revelam limitações que extrapolam a capacidade individual dos agricultores.

Souza e Teixeira (2020) observam que, embora a hidroponia apresente vantagens produtivas e econômicas, sua sustentabilidade depende de condições adequadas de infraestrutura e gestão dos custos de produção.

Esses elementos reforçam a necessidade de políticas públicas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar, à ampliação da assistência técnica, à melhoria da infraestrutura rural e ao incentivo à inovação apropriada aos diferentes contextos territoriais.

CONCLUSÃO

A experiência de Gilberto Oliveira demonstra que a agricultura familiar contemporânea é capaz de articular inovação tecnológica, conhecimentos territoriais e estratégias de comercialização na construção de processos sustentáveis de desenvolvimento rural. A hidroponia revelou-se não apenas uma técnica de produção, mas uma ferramenta de fortalecimento econômico, permanência da juventude rural e diversificação produtiva.

Os resultados evidenciam que a inovação, quando apropriada pelos agricultores e integrada aos saberes familiares e territoriais, pode contribuir para ampliar a autonomia produtiva, fortalecer os mercados locais e promover a sustentabilidade dos agroecossistemas. Ao mesmo tempo, demonstram que a permanência dos jovens no campo depende da existência de oportunidades concretas de geração de renda, reconhecimento social e construção de projetos de vida vinculados ao território.

Conclui-se que a experiência analisada constitui importante exemplo de desenvolvimento territorial sustentável, evidenciando que a agricultura familiar permanece como espaço de inovação, resistência e construção de futuros possíveis para as novas gerações rurais.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecology: the ecology of sustainable food systems. 3. ed. Boca Raton: CRC Press, 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário 2017: resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MÜLLER, L. et al. Cultivando saberes na formação docente: formação continuada, territorialidades e redes colaborativas no ciclo Temas Emergentes 2025. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-22, 2026. ISSN 2965-6672.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SOUZA, Orli Alves Pereira de; TEIXEIRA, Jailson da Conceição. Agricultura familiar: um estudo da rentabilidade do cultivo de hortaliças no sistema de hidroponia. Revista Científica Interdisciplinar, Campos dos Goytacazes, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2020.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

CAPÍTULO 8

GUARDIÃS DE SEMENTES, SABERES E TERRITÓRIOS: AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA DA BOA VISTA (RS)

Mariane Oliveira da Silva

Taslins Hebstrith

Wéllynson Vittor de Freitas

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-8

INTRODUÇÃO

As profundas transformações econômicas, ambientais e socioterritoriais ocorridas nas últimas décadas têm provocado importantes mudanças nos modos de vida das populações rurais, especialmente no contexto da agricultura familiar. A expansão do agronegócio globalizado, a intensificação da mecanização agrícola, a crescente dependência de insumos externos e os impactos decorrentes das mudanças climáticas têm ampliado os desafios enfrentados pelos agricultores familiares brasileiros, exigindo a construção de estratégias capazes de conciliar produção de alimentos, conservação ambiental, autonomia produtiva e permanência nos territórios rurais (ALTIERI, 2012; PLOEG, 2008).

Nesse contexto, a agricultura familiar permanece como um dos principais pilares da segurança e da soberania alimentar do país. Segundo o Censo Agropecuário, grande parte dos alimentos consumidos pela população brasileira é produzida por unidades familiares, evidenciando sua relevância econômica, social e cultural para o desenvolvimento rural (IBGE, 2019). Entretanto, sua contribuição ultrapassa a dimensão produtiva. Conforme Wanderley (2009), a agricultura familiar constitui um espaço de reprodução social, cultural e territorial, no qual se articulam trabalho, identidade, memória e pertencimento.

A Agroecologia emerge nesse cenário como um importante paradigma científico, político e epistemológico capaz de oferecer respostas aos desafios contemporâneos da agricultura. Para Altieri (2012), a Agroecologia integra princípios ecológicos aos sistemas produtivos, promovendo a construção de agroecossistemas sustentáveis e resilientes. Gliessman (2015) amplia essa compreensão ao afirmar que a Agroecologia envolve a transformação dos sistemas agroalimentares como um todo, incorporando dimensões sociais, econômicas, culturais e ambientais.

Mais do que um conjunto de técnicas agrícolas, a Agroecologia representa uma nova forma de compreender as relações entre sociedade e natureza. Conforme Leff (2015), a sustentabilidade exige o reconhecimento da diversidade cultural e dos saberes historicamente produzidos pelas comunidades locais. Nessa perspectiva, os agricultores familiares deixam de ser vistos apenas como produtores de alimentos e passam a ser reconhecidos como sujeitos produtores de conhecimento, inovação e desenvolvimento territorial.

As discussões sobre território contribuem para aprofundar essa compreensão. Para Santos (2008), o território é resultado das relações sociais construídas historicamente pelos sujeitos em seus espaços de vida. Haesbaert (2021) acrescenta que os territórios são constituídos por múltiplas territorialidades, envolvendo identidades, memórias, afetos, pertencimentos e relações de poder. Dessa forma, compreender a agricultura familiar implica reconhecer os territórios rurais como espaços de produção de saberes, culturas e formas específicas de relação com a natureza.

Nesse sentido, os estudos desenvolvidos por Müller, Folmer e colaboradores demonstram que as territorialidades rurais constituem espaços fundamentais para a construção de conhecimentos, fortalecimento comunitário e desenvolvimento territorial sustentável. Müller et al. (2026) destacam que os sujeitos do campo produzem saberes vinculados às experiências de trabalho, convivência e interação com seus territórios. De forma semelhante, Müller et al. (2026) evidenciam que a agricultura familiar desempenha papel estratégico na manutenção dos modos de vida rurais e na valorização das identidades territoriais.

A Educação do Campo contribui para esse debate ao reconhecer os agricultores como sujeitos históricos e produtores legítimos de conhecimento. Segundo Caldart (2012), a formação dos povos do campo deve partir da valorização de suas experiências, culturas e modos de vida. Freire (2021) reforça essa perspectiva ao afirmar que os saberes construídos na prática cotidiana constituem formas legítimas de compreensão da realidade e elementos fundamentais para processos emancipatórios.

As feiras agroecológicas constituem espaços privilegiados onde essas múltiplas dimensões se materializam. Mais do que locais de comercialização, configuram-se como territórios educativos, culturais e econômicos, nos quais circulam alimentos, sementes, conhecimentos e experiências. Petersen, Weid e Fernandes (2009) destacam que esses espaços fortalecem circuitos curtos de comercialização, ampliam a autonomia dos agricultores e favorecem a construção de mercados territorializados. Caporal e Costabeber (2004) complementam que as feiras agroecológicas fortalecem a agricultura familiar e promovem processos de desenvolvimento rural sustentáveis.

É nesse contexto que se insere a trajetória da agricultora Lizabete Dutra Almeida, participante da Feira Agroecológica de Santana da Boa Vista (RS). Sua experiência evidencia a importância da conservação das sementes crioulas, da transmissão intergeracional dos conhecimentos, da valorização das práticas agroecológicas e da construção de estratégias de resistência frente aos desafios impostos pelas transformações contemporâneas do meio rural.

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo analisar como os saberes, as práticas produtivas e as territorialidades construídas pela agricultora Lizabete Dutra Almeida expressam princípios da Agroecologia e contribuem para a construção de processos de desenvolvimento territorial sustentável em Santana da Boa Vista (RS).

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria.

A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, práticas produtivas e relações territoriais, permitindo interpretar fenômenos complexos presentes nos contextos rurais (MINAYO, 2014). Conforme Yin (2015), o estudo de caso constitui uma estratégia metodológica adequada para investigar fenômenos contemporâneos em seus contextos reais, especialmente quando as fronteiras entre fenômeno e contexto não são claramente definidas.

A pesquisa foi realizada junto à agricultora familiar Lizabete Dutra Almeida, participante da Feira Agroecológica de Santana da Boa Vista. A produção dos dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, observação direta e registros em diário de campo.

Posteriormente, os dados foram organizados em categorias temáticas relacionadas à Agroecologia, agricultura familiar, territorialidade, soberania alimentar, sementes crioulas e desenvolvimento territorial sustentável.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trajetória de Lizabete Dutra Almeida evidencia que os conhecimentos utilizados na agricultura familiar são construídos por meio de processos históricos de aprendizagem familiar e comunitária. Os saberes relacionados ao cultivo da terra, à seleção das sementes, ao manejo das culturas e à conservação dos recursos naturais foram transmitidos entre gerações, demonstrando a centralidade da família na produção e reprodução do conhecimento agrícola.

Esses resultados corroboram as reflexões de Freire (2021), para quem o conhecimento emerge das experiências concretas vividas pelos sujeitos. De forma semelhante, Caldart (2012) argumenta que os povos do campo são produtores de saberes historicamente construídos em seus territórios. Os estudos de Müller et al. (2026) reforçam essa compreensão ao demonstrar que as territorialidades rurais constituem espaços permanentes de aprendizagem, formação humana e produção de conhecimento.

A trajetória da agricultora revela que a identidade camponesa não é uma condição dada, mas uma construção social produzida pela interação entre famí-

lia, trabalho, território e memória. Conforme Wanderley (2009), a agricultura familiar constitui um espaço privilegiado de reprodução dos modos de vida rurais, permitindo a continuidade dos conhecimentos e valores compartilhados entre gerações.

A conservação das sementes crioulas constitui um dos aspectos mais significativos observados na experiência da agricultora. Essas sementes representam patrimônio biológico e cultural acumulado ao longo de gerações, constituindo elemento fundamental para a manutenção da autonomia produtiva das famílias agricultoras.

Segundo Altieri (2012), a conservação da biodiversidade constitui um dos pilares centrais da Agroecologia. Gliessman (2015) complementa que sistemas agrícolas diversificados apresentam maior resiliência frente às mudanças climáticas e às oscilações dos mercados agrícolas.

A prática de guardar, selecionar e compartilhar sementes fortalece a autonomia dos agricultores, reduzindo sua dependência em relação aos sistemas comerciais de sementes. Leff (2015) destaca que a valorização dos conhecimentos associados à biodiversidade constitui elemento estratégico para a construção de racionalidades ambientais sustentáveis.

Nesse contexto, Lizabete assume o papel de guardiã de sementes e de conhecimentos, contribuindo para a conservação da agrobiodiversidade e para a continuidade de práticas produtivas vinculadas à identidade territorial da agricultura familiar.

A Feira Agroecológica de Santana da Boa Vista revelou-se muito mais do que um espaço de comercialização. Os relatos evidenciam que a feira constitui um ambiente de convivência, troca de experiências, fortalecimento comunitário e circulação de saberes.

Essa dimensão aproxima-se das reflexões de Petersen, Weid e Fernandes (2009), que compreendem as feiras agroecológicas como espaços de construção de mercados solidários e fortalecimento das economias locais. Para Müller et al. (2026a), esses espaços desempenham importante papel na constituição de redes colaborativas, fortalecendo processos de aprendizagem coletiva e desenvolvimento territorial.

A interação entre agricultores e consumidores favorece a valorização dos produtos locais e amplia o reconhecimento social da agricultura familiar. Nesse sentido, a feira configura-se como território educativo, onde os conhecimentos relacionados à produção de alimentos, às práticas agroecológicas e às formas de organização comunitária são compartilhados e ressignificados continuamente.

Os resultados evidenciam que a participação da agricultora na feira contribui para a geração de renda, para a valorização da produção local e para o fortalecimento da soberania alimentar. Os alimentos produzidos e comercializados representam não apenas mercadorias, mas expressões concretas das territorialidades rurais e dos conhecimentos acumulados pelas famílias agricultoras.

Segundo Ploeg (2008), a agricultura familiar desempenha papel estratégico na construção de formas mais autônomas e sustentáveis de desenvolvimento rural. Schneider (2010) destaca que esse segmento contribui significativamente para a dinamização das economias locais e para a segurança alimentar das populações.

Os estudos de Müller e Folmer apontam que os processos de desenvolvimento territorial sustentável dependem da articulação entre produção, educação, cultura, participação social e valorização dos saberes locais. A experiência analisada confirma essa perspectiva ao demonstrar que a agricultura familiar constitui importante vetor de desenvolvimento econômico, social e cultural para o território.

Apesar das potencialidades observadas, a agricultora enfrenta desafios significativos relacionados às mudanças climáticas, à estiagem, à infraestrutura rural, à falta de energia elétrica e aos prejuízos provocados pela presença de javalis.

Esses fatores evidenciam as vulnerabilidades enfrentadas pelas famílias agricultoras diante das transformações ambientais e econômicas contemporâneas. Entretanto, a continuidade da produção e a permanência no território revelam importantes processos de resistência social e territorial.

Conforme Ploeg (2008), a agricultura familiar caracteriza-se por sua capacidade de adaptação e construção de estratégias autônomas diante das adversidades. A experiência de Lizabete demonstra que a Agroecologia, a conservação das sementes crioulas e a participação em redes comunitárias constituem mecanismos fundamentais para fortalecer a resiliência dos agroecossistemas e das famílias agricultoras.

CONCLUSÃO

A experiência de Lizabete Dutra Almeida evidencia que a agricultura familiar constitui um espaço de produção de alimentos, saberes, identidades e territorialidades. Os resultados demonstram que a conservação das sementes crioulas, a transmissão intergeracional dos conhecimentos e a participação na feira agroecológica representam elementos centrais para a construção de processos de desenvolvimento territorial sustentável.

A feira revelou-se um importante território educativo, fortalecendo redes de cooperação, ampliando a circulação de conhecimentos e contribuindo para a valorização da agricultura familiar. Ao mesmo tempo, os desafios enfrentados pela agricultora evidenciam a necessidade de políticas públicas voltadas ao fortalecimento da infraestrutura rural, da assistência técnica e das estratégias de adaptação às mudanças climáticas.

Conclui-se que as guardiãs de sementes, saberes e territórios desempenham papel fundamental na construção de sistemas alimentares mais sustentáveis, reafirmando a relevância da Agroecologia e da agricultura familiar para o futuro dos territórios rurais e para a promoção da soberania alimentar.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis: Vozes, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. Porto Alegre: EMATER/RS, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecology: the ecology of sustainable food systems. 3. ed. Boca Raton: CRC Press, 2015.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário 2017: resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MÜLLER, Liziany et al. Raízes do Campo: territorialidades, escolas rurais e formação crítica na disciplina Educação do Campo: história, concepções e princípios. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-18, 2026. ISSN 2965-6672.

PETERSEN, Paulo; WEID, Jean Marc von der; FERNANDES, Gabriel Bianconi. Agroecologia: reconciliando agricultura e natureza. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

REINIGER, Lia Rejane Silveira; WIZNIEWSKY, José Geraldo; KAUFMANN, Marielen Priscila. Princípios de agroecologia. 1. ed. Santa Maria: UFSM; UAB, 2017.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SCHNEIDER, Sergio. A pluriatividade na agricultura familiar. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

CAPÍTULO 9

FEIRAS AGROECOLÓGICAS, TERRITORIALIDADES E PRODUÇÃO DE SABERES: AGRICULTURA FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NO GEOPARQUE MUNDIAL UNESCO CAÇAPAVA (RS)

Helmesona de Oliveira Santana

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-9

INTRODUÇÃO

A crescente complexidade dos desafios ambientais, sociais e econômicos contemporâneos tem impulsionado a busca por estratégias capazes de conciliar conservação ambiental, valorização cultural, desenvolvimento econômico e fortalecimento comunitário. Nesse contexto, os Geoparques Mundiais da UNESCO consolidam-se internacionalmente como importantes instrumentos de desenvolvimento territorial sustentável, articulando geoconservação, geoeducação, geoturismo e valorização dos patrimônios naturais e culturais (UNESCO, 2023; COSTA; VIEIRA; FERREIRA, 2024).

Diferentemente da concepção tradicional de parque, um geoparque constitui uma área geográfica integrada, gerida de forma holística, cujo objetivo é promover simultaneamente proteção do patrimônio, educação e desenvolvimento sustentável. Geoparque são as pessoas, as instituições, os patrimônios e o território (BORBA et al., 2022).

Segundo Costa, Vieira e Ferreira (2024), os Geoparques representam estratégias contemporâneas de preservação associadas ao desenvolvimento das comunidades locais, fundamentadas em modelos de governança participativa, educação, turismo, conservação e envolvimento comunitário. Os autores destacam que o Geoparque Caçapava possui potencial para gerar valor

social, econômico e ambiental para o território, articulando diferentes segmentos produtivos, especialmente agricultura, gastronomia, artesanato, turismo e iniciativas empreendedoras locais.

Inserido nesse contexto, o município de Caçapava do Sul apresenta singular importância no cenário brasileiro. Reconhecido como Capital Gaúcha da Geodiversidade e integrante do Geoparque Mundial UNESCO Caçapava, o território reúne expressivos patrimônios geológicos, culturais, históricos e produtivos, constituindo um espaço privilegiado para a análise das relações entre agricultura familiar, desenvolvimento territorial e sustentabilidade.

Nesse cenário, a Feira da Agricultura Familiar emerge como um importante espaço de produção, circulação e valorização de alimentos, conhecimentos, identidades e territorialidades. Mais do que um local de comercialização, a feira configura-se como um território vivo de sociabilidade, diálogo de saberes e fortalecimento das economias locais, contribuindo para a construção de sistemas alimentares mais sustentáveis e para a valorização dos modos de vida rurais.

A Agroecologia oferece importantes referenciais para compreender essas experiências. Altieri (2012) define a Agroecologia como uma ciência voltada à construção de agroecossistemas sustentáveis, integrando dimensões ecológicas, econômicas, sociais e culturais. Gliessman (2015) complementa que a Agroecologia transcende a esfera produtiva, propondo transformações nos sistemas alimentares e nas relações entre sociedade e natureza. Para Leff (2015), a sustentabilidade exige o reconhecimento da pluralidade epistemológica e dos saberes produzidos pelas comunidades locais.

Essa valorização dos conhecimentos tradicionais aproxima-se das reflexões de Freire (2021), que compreende os sujeitos como produtores de saberes a partir de suas experiências concretas de vida e trabalho. Caldart (2012) e Arroyo (2012) reforçam que os povos do campo são protagonistas na construção do conhecimento e das práticas educativas, devendo ser reconhecidos como sujeitos históricos e políticos.

Do ponto de vista territorial, Santos (2008) compreende o território como resultado das relações sociais construídas historicamente pelos sujei-

tos em seus espaços de vida. Haesbaert (2021) acrescenta que os territórios são constituídos por múltiplas territorialidades, identidades e pertencimentos. Essa compreensão é particularmente relevante para analisar a Feira da Agricultura Familiar, uma vez que ela representa um espaço onde patrimônio, cultura, economia, produção e identidade territorial se encontram.

Os estudos de Müller et al. (2026) demonstram que os territórios rurais constituem espaços privilegiados de produção de saberes, fortalecimento comunitário e desenvolvimento territorial sustentável. Da mesma forma, Folmer et al. (2025) destacam que as experiências vinculadas à agricultura familiar e à Educação do Campo contribuem para a construção de alternativas sustentáveis e para a valorização das identidades rurais.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar as práticas produtivas, os saberes territoriais e as relações sociais presentes na Feira da Agricultura Familiar de Caçapava do Sul, buscando compreender como essas experiências expressam princípios da Agroecologia e contribuem para o desenvolvimento territorial sustentável no contexto do Geoparque Mundial UNESCO Caçapava.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria.

A investigação foi realizada na Feira da Agricultura Familiar de Caçapava do Sul, município integrante do Geoparque Mundial UNESCO Caçapava. A coleta de dados ocorreu por meio de observação direta, registros em diário de campo e entrevista semiestruturada com agricultora familiar participante da feira.

A abordagem qualitativa possibilita compreender significados, percepções e experiências construídas pelos sujeitos em seus contextos de vida e trabalho (MINAYO, 2014). Os dados foram organizados em categorias temá-

ticas e analisados à luz dos referenciais teóricos da Agroecologia, Agricultura Familiar, Territorialidade, Desenvolvimento Territorial Sustentável, Educação do Campo e Geoparques.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A observação realizada evidenciou que a Feira da Agricultura Familiar constitui muito mais do que um espaço de comercialização de produtos agrícolas. Trata-se de um ambiente de interação social, troca de experiências, circulação de conhecimentos e fortalecimento dos vínculos entre agricultores e consumidores.

Essa realidade aproxima-se da concepção de Geoparque defendida por Borba et al. (2022), segundo a qual os territórios são construídos pela interação entre pessoas, instituições, patrimônios e espaços. Nesse sentido, a feira materializa uma das expressões concretas do Geoparque Caçapava, ao articular patrimônio cultural, produção de alimentos e valorização dos saberes locais.

Os conhecimentos compartilhados pelos agricultores acerca do manejo do solo, das condições climáticas, da conservação de sementes crioulas e da utilização de plantas medicinais evidenciam processos permanentes de construção coletiva do conhecimento. Essa dinâmica dialoga diretamente com Freire (2021), que compreende o conhecimento como resultado da interação dialógica entre sujeitos e realidade.

A pesquisa revelou forte valorização dos conhecimentos tradicionais transmitidos entre gerações. Os relatos evidenciaram que os saberes relacionados à produção agrícola não se restringem ao conhecimento técnico-científico, mas incorporam experiências acumuladas ao longo da história das famílias agricultoras.

Para Leff (2015), a sustentabilidade exige a valorização dos conhecimentos produzidos localmente e a superação das visões reducionistas da ciência. Essa perspectiva encontra respaldo nos princípios da Agroecologia, que reconhecem a importância da integração entre conhecimento científico e saberes tradicionais (ALTIERI, 2012; GLIESSMAN, 2015).

Müller et al. (2026) destacam que os territórios rurais constituem importantes espaços de produção de conhecimentos e fortalecimento das identidades coletivas. Da mesma forma, Folmer et al. (2025) ressaltam que os sujeitos do campo produzem conhecimentos fundamentais para a construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento.

A diversidade de produtos observados na feira demonstra a relevância da agricultura familiar para a segurança alimentar, a soberania alimentar e a sustentabilidade dos territórios rurais. Hortaliças, frutas, conservas, mel, produtos processados artesanalmente e plantas medicinais constituem expressões concretas da diversidade produtiva presente no território.

Segundo Ploeg (2008), a agricultura familiar fortalece processos de autonomia produtiva e reduz a dependência dos agricultores em relação aos sistemas agroalimentares globalizados. Wanderley (2009) complementa que a agricultura familiar constitui um espaço de vida onde se articulam trabalho, cultura, família e território.

Costa, Vieira e Ferreira (2024) identificaram que agricultura, gastronomia, artesanato e empreendedorismo constituem segmentos estratégicos para o desenvolvimento do Geoparque Caçapava. Os autores verificaram que a maioria dos parceiros do Geoparque está vinculada a pequenos negócios e atividades empreendedoras, demonstrando o papel estratégico desses atores para a construção do desenvolvimento territorial sustentável.

Os resultados permitem compreender a Feira da Agricultura Familiar como uma das expressões práticas dos princípios que orientam o Geoparque Caçapava. Conforme Costa, Vieira e Ferreira (2024), os geoparques constituem estratégias capazes de integrar conservação, educação, turismo e desenvolvimento sustentável, fundamentadas na participação comunitária e na valorização dos patrimônios locais.

O estudo dos autores revelou que os parceiros do Geoparque apresentam percepções positivas acerca da iniciativa, reconhecendo seu potencial para promover desenvolvimento socioeconômico, valorização cultural e fortalecimento do turismo. Essa percepção encontra correspondência nas experiências observadas na feira, onde agricultores familiares contribuem para a valorização da identidade territorial e para a dinamização das economias locais.

Ao valorizar os produtos locais, os conhecimentos tradicionais e os patrimônios culturais, a feira fortalece aquilo que Costa, Vieira e Ferreira (2024) definem como geração de valor social, econômico e ambiental para o território.

CONCLUSÃO

A Feira da Agricultura Familiar de Caçapava do Sul constitui um importante espaço de produção, circulação e valorização de conhecimentos, alimentos, identidades e territorialidades. Os resultados evidenciam que a feira ultrapassa sua função econômica, configurando-se como território educativo, cultural e político, onde se materializam princípios da Agroecologia, da agricultura familiar e do desenvolvimento territorial sustentável.

Os conhecimentos construídos pelas famílias agricultoras, a valorização da diversidade produtiva, a preservação dos saberes tradicionais e o fortalecimento das relações comunitárias demonstram a relevância da agricultura familiar para a construção de sistemas alimentares mais sustentáveis e socialmente justos.

Inserida no contexto do Geoparque Mundial UNESCO Caçapava, a feira amplia ainda mais sua importância, tornando-se parte de uma estratégia territorial que articula patrimônio, educação, geoconservação, desenvolvimento econômico e valorização cultural. Conforme destacam Costa, Vieira e Ferreira (2024), os Geoparques representam territórios vivos capazes de gerar valor social, econômico e ambiental para as comunidades locais, perspectiva plenamente evidenciada nas experiências observadas neste estudo.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis: Vozes, 2012.

BORBA, André Weissheimer. Geoparque Caçapava aspirante UNESCO: patrimônio geológico, geoconservação e desenvolvimento territorial. Caçapava do Sul: AGEOTUR, 2017.

BORBA, André Weissheimer et al. Geoparque Caçapava: território, patrimônio e desenvolvimento sustentável. Caçapava do Sul: AGEOTUR, 2022.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre: EMATER/RS, 2004.

COSTA, Ana Carolina Constante; VIEIRA, Kelmara Mendes; FERREIRA, Patrícia de Freitas. Geoparque Caçapava: diagnósticos e percepções dos parceiros. Desenvolvimento em Questão, Ijuí, v. 22, n. 60, e15363, 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2024.60.15363>. Acesso em: 14 mar. 2025.

FOLMER, Ivanio et al. Território e cultura local na Educação do Campo: perspectivas geográficas e ambientais. Revista Políticas Públicas & Cidades, v. 13, n. 1, p. 1-18, 2025. DOI: 10.23900/2359-1552v13n1-1563.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecology: the ecology of sustainable food systems. 3. ed. Boca Raton: CRC Press, 2015.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MÜLLER, Liziany et al. Cultivando saberes na formação docente: formação continuada, territorialidades e redes colaborativas no ciclo Temas Emergentes 2025. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-22, 2026.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SCHNEIDER, Sergio. A pluriatividade na agricultura familiar. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

UNESCO. UNESCO Global Geoparks. Paris: UNESCO, 2023.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. O mundo rural como espaço de vida. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

CAPÍTULO 10

AGROECOLOGIA, EDUCAÇÃO DO CAMPO E PRODUÇÃO DE SABERES NA TURMA 5 DO POLO SÃO GABRIEL: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA DISCIPLINA EAD2269 – PRINCÍPIOS E BASES EPISTÊMICAS DA AGROECOLOGIA

Liziany Müller

Ivanio Folmer

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Tatiana Félix da Silva

Janisse Viero

Tatiana Montagner Dalcin Bertoldo

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-A

INTRODUÇÃO

A Agroecologia consolidou-se, nas últimas décadas, como um dos principais referenciais teóricos, metodológicos e políticos voltados à construção de sistemas agroalimentares sustentáveis. Sua emergência ocorre em resposta às limitações socioambientais decorrentes do modelo convencional de agricultura, caracterizado pela simplificação dos agroecossistemas, elevada dependência de insumos externos, erosão da biodiversidade e crescente vulnerabilidade social dos agricultores familiares (ALTIERI, 2012; GLIESSMAN, 2015). Entretanto, a Agroecologia transcende a dimensão estritamente produtiva, constituindo-se simultaneamente como campo científico, prática social e movimento político comprometido com a sustentabilidade, a soberania alimentar, a valorização dos saberes locais e a justiça socioambiental (CAPO-RAL; COSTABEBER, 2004; SEVILLA GUZMÁN, 2006).

No Brasil, a Agroecologia vem assumindo papel estratégico nas discussões sobre desenvolvimento rural sustentável, agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas. Sua relevância está associada à capacidade

de integrar conhecimentos científicos e populares, promovendo formas de produção mais resilientes e fortalecendo a autonomia dos sujeitos do campo. Conforme destaca Leff (2001), a construção da sustentabilidade exige o reconhecimento da pluralidade de saberes produzidos nos territórios, rompendo com visões reducionistas e tecnocráticas que historicamente orientaram os processos de desenvolvimento.

Essa perspectiva encontra profunda convergência com os princípios da Educação do Campo. Enquanto projeto político-pedagógico, a Educação do Campo reconhece os povos do campo como sujeitos históricos produtores de conhecimentos, culturas e práticas sociais, defendendo processos educativos vinculados às realidades territoriais e às lutas por direitos sociais (CALDART, 2012; MOLINA; SÁ, 2012). Nesse sentido, a formação de educadores do campo exige metodologias capazes de articular teoria e prática, universidade e comunidade, ciência e experiência.

Foi nesse horizonte que se desenvolveu a disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, ofertada à Turma 5 do Polo São Gabriel, no Curso de Licenciatura em Educação do Campo Semipresencial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Como estratégia pedagógica central, os estudantes foram desafiados a realizar visitas a feiras agroecológicas e de agricultura familiar, entrevistar agricultores e agricultoras e elaborar relatos de caso fundamentados na análise crítica das experiências observadas.

A proposta partiu do entendimento de que as feiras constituem muito mais do que espaços de comercialização. Elas representam territórios educativos vivos, onde circulam conhecimentos, práticas produtivas, memórias, identidades, valores culturais e estratégias de resistência social. Conforme Ploeg (2008), os mercados de proximidade assumem papel fundamental na construção da autonomia camponesa e na valorização dos sistemas alimentares territorializados.

Ao promover o encontro entre estudantes e agricultores, a atividade permitiu construir processos de aprendizagem fundamentados na escuta, no diálogo e na investigação da realidade concreta. Dessa forma, os licenciandos foram convidados a compreender a Agroecologia não apenas como conteúdo curricular, mas como experiência social vivida nos territórios rurais.

O presente capítulo tem como objetivo analisar a experiência pedagógica desenvolvida na disciplina EAD2269, discutindo como os estudos de caso produzidos pelos estudantes contribuíram para a formação docente, para a compreensão da diversidade da agricultura familiar gaúcha e para o fortalecimento das relações entre Agroecologia, Educação do Campo e produção de saberes.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter documental, interpretativo e reflexivo, construída a partir da análise dos trabalhos produzidos pelos estudantes da Turma 5 do Polo São Gabriel no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia.

A atividade pedagógica foi organizada em três momentos articulados. Inicialmente, os estudantes realizaram visitas a feiras agroecológicas ou de agricultura familiar, observando sua dinâmica organizativa, os produtos comercializados, as relações estabelecidas entre agricultores e consumidores e os elementos territoriais presentes nesses espaços. Em seguida, realizaram entrevistas semiestruturadas com agricultores e agricultoras participantes das feiras ou vinculados às experiências produtivas investigadas. Por fim, elaboraram relatos de caso narrativo-analíticos articulando os dados coletados aos referenciais teóricos discutidos na disciplina.

Foram analisados quatro capítulos produzidos pelos estudantes do Polo São Gabriel. O primeiro estudo investigou a experiência de uma agricultora familiar participante da Feira da Agricultura Familiar de São Sepé, abordando questões relacionadas à sucessão rural, agroindustrialização familiar, protagonismo feminino e participação em organizações sociais. O segundo estudo analisou a trajetória da família Strieder, participante da Feira do Produtor de São Gabriel, discutindo os desafios da horticultura familiar, os processos de transmissão intergeracional dos conhecimentos agrícolas e as transformações nos mercados alimentares locais. O terceiro estudo examinou a experiência de um agricultor participante da Feira Agroecológica Municipal de São Gabriel, enfatizando práticas agroecológicas, territorialidades rurais, circuitos curtos de

comercialização e estratégias de resistência frente à hegemonia do agronegócio na Fronteira Oeste gaúcha. O quarto estudo abordou uma experiência de agricultura familiar desenvolvida na comunidade Capororoca, em Charqueadas, analisando aspectos relacionados à territorialidade, autonomia produtiva, diálogo de saberes, agroecossistemas e permanência rural em um território historicamente marcado pela mineração e industrialização.

Os relatos foram analisados por meio da interpretação temática, buscando identificar categorias comuns e singularidades relacionadas à Agroecologia, Educação do Campo, produção de saberes, agricultura familiar, territorialidade, comercialização, políticas públicas, sucessão rural e formação docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das principais contribuições evidenciadas pelos estudos refere-se à compreensão das feiras como espaços educativos. Em todos os relatos analisados, as feiras ultrapassam a função econômica da comercialização, constituindo-se como territórios de encontro, convivência, troca de experiências e construção coletiva do conhecimento.

Ao realizar as entrevistas, os estudantes perceberam que os agricultores compartilham conhecimentos relacionados ao manejo dos cultivos, à conservação dos recursos naturais, à organização da produção e à comercialização dos alimentos. Esses saberes são construídos ao longo de gerações e constantemente atualizados pela experiência cotidiana.

Tal constatação reforça uma das premissas centrais da Educação do Campo: o reconhecimento dos sujeitos do campo como produtores legítimos de conhecimento. Conforme Freire (2019), a aprendizagem ocorre por meio do diálogo entre sujeitos que refletem criticamente sobre sua realidade, superando relações hierárquicas de transmissão do saber.

Os trabalhos revelaram a diversidade de contextos rurais presentes no Rio Grande do Sul. São Gabriel, localizado na Fronteira Oeste, apresentou experiências vinculadas à horticultura familiar desenvolvida em uma região marcada pela expansão do agronegócio, pela pecuária extensiva e pelas monoculturas de arroz e soja.

Em São Sepé, destacou-se o protagonismo feminino, a agroindustrialização familiar e os processos de sucessão rural, demonstrando que a permanência das famílias no campo depende cada vez mais da diversificação das atividades econômicas e da capacidade de agregação de valor à produção.

Já em Charqueadas, a agricultura familiar aparece inserida em um território fortemente marcado pela industrialização e pela mineração, evidenciando a capacidade de resistência e reinvenção dos sujeitos rurais mesmo em contextos urbanos-industriais.

Esses resultados permitem compreender que a agricultura familiar brasileira não constitui uma realidade homogênea. Ao contrário, manifesta-se de formas distintas conforme as características históricas, econômicas, culturais e ambientais de cada território.

Outro resultado relevante refere-se à ampliação da compreensão dos estudantes sobre a Agroecologia. Os relatos demonstram que a Agroecologia não pode ser reduzida à substituição de insumos químicos ou à adoção de técnicas específicas.

Nos estudos de São Gabriel e Charqueadas, por exemplo, foram identificadas práticas relacionadas à diversificação produtiva, conservação de sementes crioulas, compostagem, rotação de culturas, manejo ecológico e valorização dos recursos locais.

Entretanto, a dimensão mais significativa observada pelos estudantes refere-se às relações sociais presentes nessas experiências. Cooperação, solidariedade, troca de conhecimentos, organização coletiva e construção da autonomia aparecem como elementos centrais da Agroecologia enquanto projeto de transformação social.

Essa percepção aproxima-se da concepção defendida por Sevilla Guzmán (2006), segundo a qual a Agroecologia constitui uma abordagem capaz de integrar dimensões ecológicas, sociais, econômicas, culturais e políticas na análise dos processos de desenvolvimento rural.

Os relatos evidenciaram também a importância das políticas públicas para a sustentabilidade da agricultura familiar. Programas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), o Programa de Aquisição de Ali-

mentos (PAA), a assistência técnica da Emater e as políticas voltadas à agroindustrialização familiar foram frequentemente mencionados pelos agricultores entrevistados.

Ao mesmo tempo, os estudos apontaram desafios relacionados à burocracia, ao aumento dos custos de produção, à concorrência com grandes redes varejistas, às mudanças climáticas e à dificuldade de inserção em mercados formais.

Esses resultados demonstram que a permanência no campo não depende exclusivamente da capacidade produtiva das famílias agricultoras. Ela está diretamente relacionada à existência de políticas públicas estruturantes, mercados acessíveis e processos permanentes de formação e assistência técnica.

Do ponto de vista da formação acadêmica, a atividade revelou-se extremamente significativa. Os estudantes assumiram o papel de pesquisadores, desenvolvendo habilidades relacionadas à observação, elaboração de entrevistas, análise crítica, interpretação de dados e produção científica.

Mais do que estudar a Agroecologia em livros e materiais didáticos, os licenciandos puderam vivenciar experiências concretas nos territórios rurais. Esse processo fortaleceu a compreensão da pesquisa como princípio educativo e da extensão universitária como espaço privilegiado de diálogo entre universidade e sociedade.

A elaboração dos relatos e sua futura publicação no e-book Vozes do Campo – Volume 6 ampliaram ainda mais o sentido formativo da atividade, transformando experiências de aprendizagem em produção acadêmica e valorizando o protagonismo estudantil.

CONCLUSÃO

A experiência desenvolvida na disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia evidenciou o potencial transformador das atividades de campo fundamentadas na aproximação entre universidade, território e sujeitos rurais.

Os estudos de caso produzidos pelos estudantes permitiram compreender a diversidade da agricultura familiar gaúcha, evidenciando diferentes

formas de organização produtiva, territorialidade, construção de saberes, comercialização e resistência social. Também demonstraram que as feiras agroecológicas e de agricultura familiar constituem importantes espaços de formação, circulação de conhecimentos, fortalecimento comunitário e valorização das identidades rurais.

A análise dos relatos permitiu reconhecer a Agroecologia como prática social, campo científico e perspectiva epistemológica comprometida com a sustentabilidade, a autonomia dos agricultores e a construção de territórios mais justos e resilientes.

Conclui-se que experiências pedagógicas dessa natureza fortalecem significativamente a formação dos licenciandos em Educação do Campo, contribuindo para a construção de educadores comprometidos com os sujeitos do campo, com a valorização dos saberes territoriais e com a produção de conhecimentos socialmente relevantes. Mais do que estudar a Agroecologia, os estudantes tiveram a oportunidade de vivenciá-la, reconhecendo-a como prática cotidiana, experiência educativa e horizonte de transformação social.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Lei nº 12.188, de 11 de janeiro de 2010. Institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER). Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF, 2016.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GLIESSMAN, Stephen. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

KUMMER, Lydia. Metodologias participativas no meio rural: uma visão interdisciplinar. Salvador: GTZ, 2007.

LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SCHNEIDER, Sergio. Reflexões sobre diversidade e diversificação da agricultura familiar. Ruris, Campinas, v. 4, n. 1, p. 85-131, 2010.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. De la sociología rural a la agroecología. Barcelona: Icaria, 2006.

SILIPRANDI, Emma. Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. Brasília: ABA, 2015.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

CAPÍTULO 11

FEIRAS DA AGRICULTURA FAMILIAR COMO ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA, SUCESSÃO RURAL E CONSTRUÇÃO DE SABERES AGROECOLÓGICOS: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE SÃO SEPÉ (RS)

Cristiane Aparecida Silveira Aires

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Tatiana Félix da Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-B

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar ocupa posição estratégica nos sistemas alimentares contemporâneos, constituindo-se como uma das principais responsáveis pela produção de alimentos destinados ao abastecimento interno, pela geração de trabalho e renda no meio rural e pela conservação dos recursos naturais. No contexto brasileiro, sua relevância foi institucionalmente reconhecida por meio da Lei nº 11.326/2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e dos Empreendimentos Familiares Rurais, reconhecendo a diversidade social, produtiva e cultural presente nos territórios rurais brasileiros.

Mais do que uma categoria econômica, a agricultura familiar representa uma forma singular de organização da vida social, baseada na integração entre trabalho, família, propriedade e território. Segundo Wanderley (2009), trata-se de um modo de vida no qual as dimensões produtivas, culturais e afetivas encontram-se profundamente articuladas, configurando formas específicas de pertencimento e reprodução social. Nesse sentido, compreender a agricultura familiar implica analisar não apenas os processos produtivos, mas também as relações sociais, os conhecimentos tradicionais, as identidades culturais e as estratégias de permanência das famílias no campo.

Paralelamente, a Agroecologia vem se consolidando como um campo científico interdisciplinar, uma prática produtiva e um movimento social comprometido com a construção de sistemas agroalimentares sustentáveis. Conforme Altieri (2012), Caporal e Costabeber (2004), a Agroecologia propõe uma ruptura com os modelos convencionais de produção agrícola, fundamentados na simplificação dos agroecossistemas e na dependência de insumos externos, valorizando a biodiversidade, os conhecimentos locais, a autonomia dos agricultores e a sustentabilidade socioambiental.

A partir dessa perspectiva, as feiras da agricultura familiar assumem papel de destaque nos processos de desenvolvimento rural sustentável. Muito além de simples espaços de comercialização, constituem territórios de encontro, socialização, intercâmbio de conhecimentos, fortalecimento das identidades rurais e aproximação entre produtores e consumidores. Para Ploeg (2008), os mercados de proximidade representam importantes estratégias de resistência frente à crescente industrialização e globalização dos sistemas alimentares, permitindo maior autonomia econômica e valorização da produção local.

As feiras também podem ser compreendidas como espaços educativos e culturais, onde circulam saberes construídos historicamente pelas famílias agricultoras. Nesse contexto, a comercialização dos produtos torna-se apenas uma das dimensões presentes nesses territórios, que também envolvem processos de construção coletiva do conhecimento, fortalecimento das organizações sociais e valorização das culturas camponesas (CALDART, 2012; MOLINA; SÁ, 2012).

Outro aspecto que merece destaque refere-se aos desafios relacionados à sucessão rural. O envelhecimento da população rural e o êxodo de jovens para os centros urbanos têm sido apontados como importantes obstáculos à continuidade da agricultura familiar. Entretanto, experiências de retorno ao campo e de diversificação produtiva demonstram que novas formas de inserção econômica e social podem contribuir para fortalecer a permanência das famílias nos territórios rurais (ABRAMOVAY, 2012; SCHNEIDER, 2010).

Nesse cenário, o presente estudo teve como objetivo analisar como os saberes, as práticas produtivas, as relações sociais e os processos organiza-

tivos de uma unidade produtiva familiar participante da Feira da Agricultura Familiar do município de São Sepé (RS) expressam princípios epistemológicos da Agroecologia, contribuindo para a compreensão dos processos de desenvolvimento rural, sucessão familiar e construção de territorialidades agroecológicas.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O estudo de caso constitui uma estratégia metodológica amplamente utilizada em pesquisas sociais por possibilitar a compreensão aprofundada de fenômenos complexos inseridos em contextos específicos (YIN, 2015).

A investigação foi realizada junto a uma unidade produtiva familiar localizada na comunidade Mata Grande, município de São Sepé, região central do Rio Grande do Sul. A propriedade estudada integra a Feira da Agricultura Familiar realizada no Mercado Público Municipal, espaço que reúne agricultores familiares responsáveis pela comercialização de hortifrutigranjeiros, panificados, doces e demais produtos oriundos da agricultura familiar.

A produção dos dados ocorreu mediante observação participante, entrevista semiestruturada e registros de campo. A entrevista contemplou aspectos relacionados à trajetória de vida da agricultora, histórico da propriedade, organização produtiva, estratégias de comercialização, participação em organizações sociais, acesso a políticas públicas, práticas de manejo, assistência técnica e perspectivas futuras para a agricultura familiar.

A análise dos dados foi realizada por meio da interpretação temática, articulando as narrativas da entrevistada com os referenciais teóricos da Agroecologia, da agricultura familiar, da extensão rural e da Educação do Campo. Essa abordagem permitiu compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências e identificar elementos relacionados aos princípios agroecológicos presentes na realidade estudada.

Do ponto de vista ético, foram observados os princípios previstos na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo a participação voluntária da entrevistada e o respeito às informações compartilhadas durante a pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a unidade produtiva estudada representa uma experiência significativa de resistência, diversificação produtiva e fortalecimento da agricultura familiar no contexto rural do município de São Sepé. A trajetória da agricultora entrevistada revela elementos centrais para compreender os processos contemporâneos de permanência e retorno ao campo, especialmente entre jovens agricultores.

A entrevistada, atualmente com 39 anos, nasceu na comunidade rural onde se localiza a propriedade familiar. Após migrar para Santa Maria em busca de oportunidades de estudo e trabalho, retornou à propriedade durante o período da pandemia da Covid-19, assumindo papel protagonista na reorganização produtiva da unidade familiar.

Esse movimento de retorno ao campo contrasta com a histórica tendência de êxodo rural observada no Brasil desde a segunda metade do século XX. Segundo Abramovay (2012), a permanência dos jovens no meio rural depende cada vez mais da existência de condições econômicas, sociais e culturais capazes de garantir perspectivas de futuro. Nesse sentido, a experiência analisada demonstra que a agricultura familiar contemporânea não pode mais ser compreendida apenas como espaço de produção agrícola, mas também como ambiente de inovação, empreendedorismo e construção de novas ruralidades.

Outro aspecto relevante refere-se à forte presença da sucessão familiar. A propriedade investigada encontra-se vinculada à mesma família há quatro gerações, configurando um importante patrimônio histórico, cultural e territorial. A transmissão intergeracional dos conhecimentos agrícolas, dos valores comunitários e do sentimento de pertencimento ao território evidencia a importância dos processos de sucessão para a sustentabilidade da agricultura familiar.

Conforme relatado pela agricultora, a propriedade possui aproximadamente nove hectares, combinando diferentes atividades produtivas, entre elas criação animal, horticultura, fruticultura, cultivo de morangos, produção de mandioca, milho e processamento artesanal de alimentos.

Essa diversificação produtiva constitui um dos princípios fundamentais da Agroecologia. De acordo com Gliessman (2015), sistemas produtivos diversificados apresentam maior estabilidade ecológica, econômica e social, reduzindo riscos e fortalecendo a autonomia das famílias agricultoras. A presença de diferentes atividades produtivas favorece ainda a circulação interna de nutrientes, a conservação da biodiversidade e a redução da dependência de insumos externos.

A pesquisa revelou também o protagonismo feminino como elemento central da dinâmica produtiva. A agricultora entrevistada assumiu a liderança da agroindústria familiar voltada à produção de panificados, doces e conservas, atividade que se tornou sua principal fonte de renda. A comercialização ocorre principalmente na Feira da Agricultura Familiar, responsável por aproximadamente 70% das vendas realizadas pela unidade produtiva.

Esse resultado dialoga com estudos de Siliprandi (2015), que destacam o papel das mulheres como agentes fundamentais nos processos de transição agroecológica, segurança alimentar e fortalecimento da agricultura familiar. Ao mesmo tempo, evidencia transformações importantes nas relações de gênero no meio rural, ampliando a autonomia econômica e social das mulheres agricultoras.

A inserção da entrevistada em diferentes organizações sociais constitui outro aspecto de grande relevância. Sua participação em associações, cooperativas, grupos de mulheres, sindicato rural e organizações da agricultura familiar demonstra a importância das redes sociais e institucionais para o fortalecimento das estratégias de desenvolvimento rural.

Segundo Schneider (2010), a participação em organizações coletivas amplia o acesso às políticas públicas, fortalece os processos de aprendizagem social e favorece a construção de capital social nos territórios rurais. Os relatos da entrevistada confirmam essa perspectiva, destacando que a atuação

nessas organizações possibilitou acesso a novos conhecimentos, ampliação das redes de comercialização e fortalecimento de sua identidade enquanto agricultora familiar.

Os dados também evidenciam a relevância das políticas públicas para a consolidação da atividade produtiva. A obtenção do Cadastro Nacional da Agricultura Familiar (CAF), o enquadramento no Programa Estadual de Agroindústrias Familiares (PEAF) e a regularização sanitária da agroindústria representam importantes conquistas no processo de agregação de valor à produção.

Tais resultados demonstram a importância das políticas de apoio à agricultura familiar para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Conforme destaca a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), o fortalecimento das capacidades produtivas e organizativas dos agricultores familiares constitui elemento fundamental para a construção de sistemas produtivos sustentáveis e socialmente inclusivos.

Outro aspecto relevante refere-se à assistência técnica desenvolvida pela Emater/RS-Ascar. A agricultora reconhece a importância do acompanhamento técnico recebido tanto nas áreas produtivas quanto organizacionais, destacando a participação em cursos, oficinas e atividades formativas voltadas à qualificação da produção e da gestão da propriedade.

Sob a perspectiva da Agroecologia, a extensão rural assume papel estratégico na mediação entre conhecimentos científicos e saberes locais. Conforme Caporal e Costabeber (2004), os processos de desenvolvimento rural sustentável dependem da construção coletiva do conhecimento, valorizando simultaneamente os saberes técnicos e as experiências acumuladas pelas famílias agricultoras.

A feira da agricultura familiar emerge, nesse contexto, como um território privilegiado de construção dessas relações. Mais do que um espaço econômico, configura-se como ambiente de socialização, intercâmbio cultural e fortalecimento das identidades rurais. Os produtos comercializados carregam consigo histórias, memórias e conhecimentos construídos ao longo das gerações, reafirmando a importância da agricultura familiar para a segurança alimentar e para a preservação dos patrimônios culturais rurais.

Por fim, destaca-se que as perspectivas futuras da família estão associadas à continuidade das atividades produtivas, à ampliação da agroindústria familiar e à manutenção da sucessão rural. Tal expectativa demonstra que a permanência no campo não se restringe à dimensão econômica, envolvendo também projetos de vida, pertencimento territorial e valorização dos modos de vida rurais.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu compreender que a agricultura familiar constitui muito mais do que uma atividade econômica, configurando-se como espaço de produção de alimentos, construção de identidades, preservação cultural e fortalecimento das dinâmicas territoriais rurais.

A experiência analisada evidenciou que a combinação entre diversificação produtiva, protagonismo feminino, participação em organizações sociais, acesso às políticas públicas e inserção em circuitos curtos de comercialização fortalece significativamente a sustentabilidade das unidades produtivas familiares.

A Feira da Agricultura Familiar de São Sepé revelou-se um importante território de construção de saberes agroecológicos, promovendo não apenas a comercialização dos produtos, mas também a circulação de conhecimentos, valores e práticas que contribuem para o fortalecimento do desenvolvimento rural sustentável.

Os resultados demonstram que a Agroecologia, enquanto ciência, prática e movimento social, encontra materialidade nas experiências cotidianas das famílias agricultoras, expressando-se nas formas de manejo, nas relações comunitárias, nos processos organizativos e na valorização dos recursos locais.

Conclui-se, portanto, que iniciativas como a analisada neste estudo representam experiências concretas de resistência e inovação social, reafirmando o papel estratégico da agricultura familiar na construção de sistemas alimentares sustentáveis, na promoção da segurança alimentar e na consolidação de territórios rurais socialmente justos, economicamente viáveis e ambientalmente equilibrados.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Lei nº 12.188, de 11 de janeiro de 2010. Institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – PNATER. Brasília, DF, 2010.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF, 2004.

GLIESSMAN, Stephen. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

KUMMER, Lydia. Metodologias participativas no meio rural: uma visão interdisciplinar. Salvador: GTZ, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SCHNEIDER, Sergio. Reflexões sobre diversidade e diversificação da agricultura, formas familiares e desenvolvimento rural. Ruris, Campinas, v. 4, n. 1, p. 85-131, 2010.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. De la sociología rural a la agroecología. Barcelona: Icaria, 2006.

SILIPRANDI, Emma. Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. Brasília: ABA, 2015.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como espaço de vida. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

CAPÍTULO 12

TERRITORIALIDADES DA AGRICULTURA FAMILIAR: FEIRAS LIVRES, DESENVOLVIMENTO RURAL E DESAFIOS DA PRODUÇÃO HORTÍCOLA NA FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL

Michelle Silveira Teixeira

Mateus Gonçalves Silva

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Tatiana Félix da Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-C

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar constitui um dos pilares estruturantes da produção de alimentos no Brasil, desempenhando papel fundamental na segurança alimentar, na geração de trabalho e renda, na preservação dos recursos naturais e na manutenção das dinâmicas socioculturais dos territórios rurais. Reconhecida legalmente pela Lei nº 11.326/2006, essa categoria social representa muito mais do que uma forma de organização econômica, configurando-se como um modo de vida construído historicamente pela articulação entre trabalho, família, terra, produção e território.

Nas últimas décadas, entretanto, os espaços rurais brasileiros passaram por profundas transformações decorrentes dos processos de modernização agrícola, globalização dos mercados agroalimentares, intensificação tecnológica e reorganização das cadeias produtivas. Tais mudanças provocaram impactos significativos sobre a agricultura familiar, especialmente em regiões onde predominam pequenas e médias propriedades voltadas ao abastecimento alimentar local. Nesse contexto, os agricultores familiares convivem simultaneamente com oportunidades de inserção em novos mercados e com desafios relacionados ao aumento dos custos de produção, à concorrência com grandes redes va-

rejistas, à redução da mão de obra rural e às mudanças nos hábitos de consumo da população (SCHNEIDER, 2010; PLOEG, 2008).

É nesse cenário que as feiras da agricultura familiar assumem papel estratégico para o desenvolvimento rural sustentável. Mais do que espaços de comercialização, as feiras constituem territórios de encontro, sociabilidade, circulação de conhecimentos e fortalecimento das economias locais. Nesses ambientes, agricultores e consumidores estabelecem relações de confiança que ultrapassam a lógica estritamente mercantil, permitindo a valorização dos produtos locais, dos saberes tradicionais e das identidades culturais construídas ao longo das gerações (WANDERLEY, 2009).

Sob a perspectiva da Agroecologia, as feiras representam espaços privilegiados para a construção de sistemas agroalimentares mais sustentáveis e territorializados. Conforme Altieri (2012), a Agroecologia propõe uma abordagem integradora capaz de compreender os agroecossistemas a partir das relações estabelecidas entre os componentes ecológicos, econômicos, sociais, culturais e políticos. Dessa forma, a análise das feiras permite compreender não apenas os processos produtivos, mas também as dinâmicas sociais que sustentam a permanência das famílias agricultoras no campo.

No município de São Gabriel, localizado na região da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, a produção hortícola familiar possui importância significativa para o abastecimento alimentar local. Entretanto, os agricultores enfrentam desafios relacionados às oscilações econômicas, à elevação dos custos dos insumos agrícolas, às mudanças climáticas e à crescente concentração dos mercados alimentares. Apesar dessas dificuldades, muitas famílias persistem na atividade agrícola, construindo estratégias de resistência econômica e social que garantem sua permanência nos territórios rurais.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar a trajetória produtiva e social da família Strieder, participante da Feira do Produtor de São Gabriel, buscando compreender os processos históricos de construção de saberes, as estratégias produtivas adotadas, os desafios enfrentados pela agricultura familiar contemporânea e as perspectivas futuras para o desenvolvimento rural na Fronteira Oeste gaúcha.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito da disciplina Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A escolha pelo estudo de caso fundamenta-se na possibilidade de compreender em profundidade uma realidade específica, valorizando os aspectos históricos, sociais, culturais e produtivos que constituem a experiência investigada. Segundo Yin (2015), essa estratégia metodológica permite examinar fenômenos contemporâneos inseridos em seus contextos reais, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno estudado e o contexto social não estão claramente definidas.

A produção dos dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada realizada com o agricultor familiar Tomé Strieder, participante da Feira do Produtor de São Gabriel há aproximadamente trinta anos. A entrevista contemplou questões relacionadas à trajetória de vida, organização produtiva, estratégias de comercialização, práticas agrícolas, participação em políticas públicas, assistência técnica, desafios da atividade agrícola e perspectivas futuras para a agricultura familiar.

Além da entrevista, foram realizados registros fotográficos e observação direta da propriedade, permitindo complementar as informações obtidas e ampliar a compreensão das dinâmicas produtivas e territoriais vivenciadas pela família. Os dados foram analisados por meio da interpretação temática, articulando as narrativas do entrevistado com referenciais teóricos da Agroecologia, da agricultura familiar, do desenvolvimento rural e da Educação do Campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trajetória da família Strieder evidencia elementos centrais para a compreensão das transformações da agricultura familiar brasileira nas últimas décadas. O relato do agricultor demonstra que sua relação com a agricultura teve

origem ainda na infância, acompanhando as atividades desenvolvidas pelos pais em propriedades agrícolas localizadas inicialmente na região de Santa Rosa. Posteriormente, a família migrou para a região de São Gabriel em busca de melhores condições de produção e trabalho, estabelecendo-se definitivamente na atividade hortícola.

Essa trajetória expressa uma característica recorrente da agricultura familiar brasileira: a mobilidade territorial associada à busca por condições que garantam a reprodução social das famílias rurais. Conforme argumenta Wanderley (2009), a permanência dos agricultores familiares depende da capacidade de construir estratégias adaptativas diante das transformações econômicas e sociais que afetam os territórios rurais.

Outro aspecto relevante refere-se à transmissão intergeracional dos conhecimentos agrícolas. O entrevistado atribui aos pais os aprendizados relacionados ao cultivo, ao manejo da terra e à comercialização dos produtos, evidenciando a importância dos saberes familiares na formação dos agricultores. Essa dimensão dialoga diretamente com os princípios da Educação do Campo, que reconhece os sujeitos do campo como produtores de conhecimentos socialmente construídos a partir de suas experiências e práticas cotidianas (CALDART, 2012).

A análise da Feira do Produtor de São Gabriel revela importantes transformações ocorridas ao longo das últimas décadas. Segundo o entrevistado, em períodos anteriores as feiras constituíam praticamente o principal canal de acesso da população urbana a frutas, verduras e hortaliças frescas. Com a expansão dos supermercados e a diversificação dos canais de comercialização, as feiras passaram a disputar espaço com grandes redes varejistas, alterando significativamente a dinâmica de consumo local.

Essa percepção encontra respaldo em estudos de Ploeg (2008), que apontam para o avanço dos chamados impérios alimentares, caracterizados pela crescente concentração econômica das cadeias de abastecimento. Nesse processo, agricultores familiares passam a enfrentar dificuldades para competir com produtos oriundos de grandes centros de distribuição, muitas vezes comercializados em condições mais favoráveis devido à escala de produção.

Apesar dessas transformações, a feira continua desempenhando papel fundamental para a sustentabilidade econômica da família entrevistada. A comercialização ocorre por meio de diferentes canais, incluindo programas institucionais, mercados locais, consumidores diretos e a própria feira. Essa diversificação dos mercados representa uma estratégia importante para reduzir riscos econômicos e ampliar as oportunidades de geração de renda.

Do ponto de vista produtivo, a propriedade caracteriza-se pela diversificação agrícola, envolvendo a produção de alface, tempero verde, couve, pepino, milho verde, melão, mandioca, abóbora e diversas outras culturas hortícolas. Essa diversidade constitui um elemento importante para a sustentabilidade econômica da unidade produtiva, permitindo maior estabilidade da renda ao longo do ano.

Segundo Gliessman (2015), sistemas produtivos diversificados apresentam maior capacidade de adaptação frente às oscilações climáticas e econômicas, contribuindo para a resiliência dos agroecossistemas. Além disso, a diversidade produtiva favorece a manutenção da biodiversidade agrícola e amplia as possibilidades de comercialização.

Entretanto, a pesquisa também evidencia contradições presentes na agricultura familiar contemporânea. Embora existam práticas relacionadas à rotação de culturas e à preocupação com a conservação dos recursos naturais, o sistema produtivo permanece fortemente dependente de insumos químicos, incluindo fertilizantes sintéticos, herbicidas, inseticidas e fungicidas.

Essa realidade demonstra que os processos de transição agroecológica ainda encontram limitações estruturais importantes. Conforme Caporal e Costabeber (2004), a construção de sistemas agroecológicos depende não apenas da adoção de técnicas alternativas, mas também da transformação das condições econômicas, políticas e institucionais que sustentam os modelos convencionais de produção.

O relato do agricultor revela ainda uma percepção crítica sobre a viabilidade da produção orgânica na região de São Gabriel. Segundo sua avaliação, as exigências produtivas e mercadológicas locais dificultariam a adoção integral de sistemas orgânicos, evidenciando a existência de barreiras econômicas e

culturais que precisam ser consideradas nos debates sobre Agroecologia e desenvolvimento rural.

Outro aspecto de destaque refere-se à importância das políticas públicas e da assistência técnica para a sustentabilidade da atividade agrícola. A participação em programas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e os serviços de assistência técnica da Emater é reconhecida pelo agricultor como fundamental para a manutenção da atividade produtiva.

Esses resultados reforçam a relevância da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), que reconhece a extensão rural como instrumento estratégico para o fortalecimento da agricultura familiar e para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. A presença da assistência técnica contribui não apenas para a qualificação dos processos produtivos, mas também para o acesso às políticas públicas e para a construção de estratégias coletivas de desenvolvimento.

Os maiores desafios identificados pela pesquisa relacionam-se à elevação dos custos de produção e à redução da rentabilidade da atividade agrícola. O agricultor destaca que os preços das sementes, fertilizantes, defensivos e demais insumos aumentaram significativamente nos últimos anos, enquanto os valores recebidos pelos produtos comercializados permaneceram relativamente estáveis.

Essa situação reflete uma problemática amplamente discutida na literatura sobre agricultura familiar. Schneider (2010) destaca que a crescente dependência de insumos externos reduz a autonomia econômica dos agricultores e amplia sua vulnerabilidade diante das oscilações do mercado. Como consequência, muitas famílias enfrentam dificuldades para manter a viabilidade econômica das atividades agrícolas.

A fala do entrevistado também evidencia uma preocupação recorrente entre agricultores familiares: a sensação de desvalorização social do trabalho rural. Embora reconheça a importância da agricultura para o abastecimento alimentar da população, o agricultor percebe que a sociedade ainda possui pouco conhecimento sobre os desafios enfrentados pelos produtores rurais. Essa per-

cepção reforça a necessidade de fortalecer ações educativas voltadas à valorização da agricultura familiar e dos sujeitos do campo.

Por fim, merece destaque a mensagem direcionada pelo agricultor aos futuros educadores e profissionais das Ciências Agrárias. Ao enfatizar a importância de levar conhecimentos acessíveis e soluções práticas para os agricultores, o entrevistado evidencia a necessidade de uma formação profissional comprometida com as realidades dos territórios rurais. Tal perspectiva dialoga diretamente com os princípios freireanos de construção coletiva do conhecimento, nos quais educadores e comunidades aprendem mutuamente a partir do diálogo e da valorização dos saberes locais (FREIRE, 2019).

CONCLUSÃO

O estudo permitiu compreender que a agricultura familiar na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul permanece desempenhando papel fundamental na produção de alimentos, na geração de renda e na manutenção das dinâmicas territoriais rurais. A trajetória da família Strieder evidencia a capacidade de adaptação dos agricultores familiares diante das transformações econômicas, sociais e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas.

Os resultados demonstram que as feiras livres continuam constituindo importantes espaços de comercialização, sociabilidade e valorização dos produtos locais, embora enfrentem desafios decorrentes da concorrência com grandes redes varejistas e das mudanças nos hábitos de consumo da população.

Também foi possível identificar a importância das políticas públicas, da assistência técnica e da diversificação produtiva para a sustentabilidade econômica da agricultura familiar. Ao mesmo tempo, persistem desafios relacionados ao aumento dos custos de produção, à dependência de insumos externos e à necessidade de maior valorização social do trabalho agrícola.

Conclui-se que o fortalecimento da agricultura familiar exige investimentos contínuos em políticas públicas, extensão rural, pesquisa, formação profissional e valorização dos mercados locais. Mais do que produtores de alimentos, os agricultores familiares constituem sujeitos fundamentais para a construção de territórios rurais sustentáveis, socialmente justos e comprometidos com a soberania e a segurança alimentar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Lei nº 12.188, de 11 de janeiro de 2010. Institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER). Brasília, DF, 2010.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GLIESSMAN, Stephen. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SCHNEIDER, Sergio. Reflexões sobre diversidade e diversificação da agricultura familiar. Ruris, Campinas, v. 4, n. 1, p. 85-131, 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como espaço de vida. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

CAPÍTULO 13

ENTRE O PAMPA E A FEIRA: AGRICULTURA FAMILIAR, TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIA AGROECOLÓGICA NA FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL

Stefany Karolaine Acosta Soca

Mery Hellen Oliveira Mendonça

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Tatiana Félix da Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-D

INTRODUÇÃO

A Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul ocupa posição singular na formação histórica, econômica e territorial do estado. Tradicionalmente associada à pecuária extensiva, às grandes propriedades rurais e, mais recentemente, à expansão das monoculturas de arroz irrigado e soja, a região consolidou-se como um dos principais territórios do agronegócio gaúcho. Essa configuração produtiva, entretanto, muitas vezes invisibiliza a presença de outros sujeitos sociais que historicamente constroem o espaço rural regional, entre eles os agricultores familiares responsáveis pela produção de alimentos destinados ao abastecimento das cidades e comunidades locais.

No município de São Gabriel, localizado no Bioma Pampa, a agricultura familiar desempenha papel relevante na produção de hortaliças, frutas, grãos, produtos processados e alimentos comercializados diretamente aos consumidores. Apesar de sua importância econômica, social e ambiental, esses agricultores convivem diariamente com desafios relacionados à concentração fundiária, à concorrência com grandes redes varejistas, ao aumento dos custos de produção, às mudanças climáticas e à limitada valorização social do trabalho agrícola familiar.

Nesse contexto, as feiras agroecológicas e de agricultura familiar assumem relevância estratégica para a reprodução social das famílias rurais. Mais do que espaços de comercialização, constituem territórios de encontro, convivência, construção de identidades e circulação de conhecimentos. Conforme destaca Ploeg (2008), os mercados de proximidade representam importantes mecanismos de resistência frente à crescente industrialização dos sistemas agroalimentares, fortalecendo a autonomia dos agricultores e aproximando produtores e consumidores.

Ao mesmo tempo, as feiras podem ser compreendidas como espaços educativos, culturais e políticos, onde diferentes formas de conhecimento dialogam e se articulam. Essa compreensão aproxima-se dos princípios da Educação do Campo, que reconhece os sujeitos rurais como protagonistas na construção do conhecimento e na elaboração de alternativas de desenvolvimento fundamentadas na valorização dos territórios, dos saberes locais e da diversidade sociocultural (CALDART, 2012; MOLINA; SÁ, 2012).

Sob a perspectiva da Agroecologia, tais espaços assumem importância ainda maior. A Agroecologia não se restringe a um conjunto de técnicas agrícolas, mas constitui um campo científico, político e epistemológico comprometido com a construção de sistemas alimentares sustentáveis, socialmente justos e ecologicamente equilibrados (ALTIERI, 2012; SEVILLA GUZMÁN, 2006). Nesse sentido, analisar a trajetória de agricultores familiares inseridos em feiras agroecológicas permite compreender como diferentes formas de resistência são construídas cotidianamente diante das transformações contemporâneas do mundo rural.

Além disso, o contexto atual é marcado por desafios cada vez mais complexos relacionados às mudanças climáticas, à degradação ambiental, à insegurança alimentar e à necessidade de fortalecer sistemas produtivos resilientes. Nesse cenário, a agricultura familiar agroecológica emerge como alternativa estratégica para a promoção da soberania alimentar, da conservação da biodiversidade e da sustentabilidade dos territórios rurais (GLIESSMAN, 2015).

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar a trajetória produtiva, social e territorial de um agricultor familiar participante

da Feira Agroecológica Municipal de São Gabriel, buscando compreender como suas práticas produtivas, formas de organização social, estratégias de comercialização e relações com o território expressam princípios da Agroecologia e contribuem para o fortalecimento da agricultura familiar na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, desenvolvido no âmbito da disciplina Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, vinculada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a compreensão aprofundada das experiências, percepções e significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas sociais. Conforme Minayo (2014), esse tipo de investigação permite interpretar fenômenos complexos a partir da perspectiva dos próprios participantes, valorizando aspectos históricos, culturais e simbólicos frequentemente invisibilizados por abordagens quantitativas.

O estudo foi realizado junto a um agricultor familiar participante da Feira Agroecológica Municipal de São Gabriel. A produção dos dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, realizada em janeiro de 2026, contemplando aspectos relacionados à trajetória de vida, organização produtiva, práticas agroecológicas, comercialização, participação em políticas públicas, desafios enfrentados e perspectivas futuras para a agricultura familiar.

O entrevistado possui 45 anos de idade, atua na agricultura há aproximadamente 25 anos e participa da feira há seis anos. Sua unidade produtiva caracteriza-se pela diversificação agrícola, envolvendo a produção de hortaliças, grãos, frutas e outros alimentos comercializados diretamente aos consumidores e por meio de programas institucionais. A análise das informações foi realizada por meio da interpretação temática, articulando os relatos do agricultor com referenciais teóricos da Agroecologia, da Educação do Campo, do desenvolvimento rural e da agricultura familiar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Historicamente, São Gabriel consolidou sua economia rural associada à pecuária extensiva e às grandes lavouras de arroz e soja. Nesse contexto, a agricultura familiar frequentemente ocupa posição secundária nos discursos institucionais e nas representações sociais sobre o desenvolvimento regional. Entretanto, a pesquisa evidencia que são justamente os agricultores familiares que garantem significativa parcela da produção de alimentos destinados ao consumo cotidiano da população.

A trajetória do agricultor entrevistado demonstra a permanência histórica da agricultura familiar no território. Seu vínculo com a atividade agrícola teve início ainda na infância, por meio da convivência com os pais e familiares, que já atuavam na produção rural há várias gerações. Essa transmissão intergeracional de conhecimentos evidencia que a agricultura familiar não constitui apenas uma atividade econômica, mas também um patrimônio cultural construído ao longo do tempo.

Segundo Wanderley (2009), a agricultura familiar caracteriza-se pela integração entre trabalho, família e território, constituindo um modo de vida que ultrapassa a dimensão produtiva. Essa perspectiva torna-se evidente na fala do agricultor ao destacar sua escolha consciente pela permanência no campo, motivada não apenas por questões econômicas, mas também pelo vínculo afetivo e identitário com o espaço rural.

A permanência dessas famílias no campo assume relevância ainda maior em um contexto marcado pelo êxodo rural e pelo envelhecimento da população agrícola. A continuidade da produção familiar representa, portanto, um importante mecanismo de manutenção da vida rural, da cultura local e da segurança alimentar regional.

A análise da unidade produtiva investigada revela forte aproximação com os princípios da Agroecologia. A diversificação produtiva observada na propriedade, envolvendo hortaliças, feijão, milho, mandioca e frutas da época, contribui para a estabilidade ecológica e econômica do agroecossistema.

Segundo Gliessman (2015), sistemas agrícolas diversificados apresentam maior resiliência frente às oscilações climáticas, econômicas e biológicas, reduzindo a vulnerabilidade dos agricultores. A diversificação também favorece a conservação da biodiversidade, a ciclagem de nutrientes e o equilíbrio ecológico das áreas cultivadas.

Outro aspecto relevante refere-se à utilização de práticas agroecológicas, como a rotação de culturas, o uso de adubação orgânica, a conservação das fontes de água, o manejo ecológico das lavouras e a utilização de sementes crioulas. Essas práticas demonstram uma lógica produtiva fundamentada na valorização dos recursos locais e na redução da dependência de insumos externos.

As sementes crioulas assumem papel central nesse processo. Conforme Altieri (2012), a conservação dessas variedades representa uma estratégia de resistência frente aos processos de padronização genética promovidos pelas grandes corporações do setor agrícola. Além de preservar a biodiversidade, as sementes crioulas fortalecem a autonomia produtiva dos agricultores e garantem a reprodução de conhecimentos acumulados ao longo das gerações.

A troca de sementes entre agricultores, mencionada pelo entrevistado, reforça ainda a existência de redes de cooperação e solidariedade construídas nos territórios rurais. Tais práticas demonstram que a Agroecologia não se limita ao manejo técnico das lavouras, envolvendo também dimensões sociais, culturais e políticas.

Os resultados evidenciam que a Feira Agroecológica Municipal desempenha funções que ultrapassam a simples comercialização dos produtos agrícolas. Para o agricultor entrevistado, a feira constitui espaço de convivência, diálogo e fortalecimento comunitário, permitindo a construção de relações de confiança entre produtores e consumidores.

Sob a perspectiva da Educação do Campo, esses espaços podem ser compreendidos como territórios educativos não formais, nos quais circulam saberes, experiências e práticas sociais construídas coletivamente. Conforme Freire (2019), o conhecimento emerge do diálogo entre sujeitos que compartilham experiências e constroem aprendizagens a partir da realidade vivida.

Nesse sentido, a feira constitui um espaço privilegiado de produção e socialização do conhecimento. Ao comercializar seus produtos, os agricultores também compartilham informações sobre formas de cultivo, alimentação saudável, preservação ambiental e cultura rural. Simultaneamente, os consumidores passam a compreender melhor os desafios enfrentados pelos produtores e a valorizar os alimentos produzidos localmente.

Além disso, a existência de reuniões e processos de decisão coletiva entre os feirantes demonstra a importância da organização social para o fortalecimento da agricultura familiar. A cooperação entre agricultores constitui elemento fundamental para ampliar a capacidade de negociação, fortalecer a identidade coletiva e construir estratégias conjuntas de enfrentamento das dificuldades existentes.

A participação do agricultor em programas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) evidencia a importância das políticas públicas para a sustentabilidade econômica da agricultura familiar.

Esses programas constituem importantes instrumentos de promoção da segurança alimentar e de fortalecimento dos mercados institucionais. Ao garantir a aquisição de alimentos produzidos localmente, contribuem para ampliar a renda das famílias agricultoras e fortalecer as economias territoriais.

Entretanto, o entrevistado destaca a existência de dificuldades burocráticas que, em determinados momentos, limitam o acesso a essas políticas. Tal situação demonstra a necessidade de aperfeiçoar os mecanismos de gestão pública, garantindo maior efetividade às ações destinadas ao fortalecimento da agricultura familiar.

A assistência técnica também aparece como elemento estratégico para o desenvolvimento da atividade agrícola. Conforme estabelece a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), a construção de processos de desenvolvimento rural sustentável exige ações permanentes de formação, acompanhamento técnico e valorização dos conhecimentos produzidos pelos agricultores.

Entre os principais desafios identificados pelo agricultor destacam-se as mudanças climáticas, o aumento dos custos de produção e a insuficiência de incentivos governamentais. Tais dificuldades refletem problemas estruturais enfrentados pela agricultura familiar em diferentes regiões do país.

Os eventos climáticos extremos, cada vez mais frequentes em decorrência das mudanças climáticas globais, afetam diretamente a produtividade agrícola e ampliam os riscos associados à atividade rural. Ao mesmo tempo, a elevação dos preços dos insumos agrícolas compromete a rentabilidade das propriedades familiares, reduzindo sua capacidade de investimento.

Apesar dessas dificuldades, o agricultor manifesta confiança na continuidade da agricultura familiar e reconhece sua importância para a produção de alimentos saudáveis. Sua fala evidencia uma compreensão profunda do papel social desempenhado pelos agricultores familiares e reforça a necessidade de ampliar o reconhecimento da sociedade em relação a esses sujeitos.

CONCLUSÃO

A pesquisa evidenciou que a agricultura familiar constitui elemento fundamental para a sustentabilidade econômica, social e ambiental dos territórios rurais da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Em um contexto historicamente marcado pela predominância do agronegócio, as experiências construídas pelos agricultores familiares demonstram a existência de alternativas produtivas fundamentadas na diversificação, na cooperação e na valorização dos recursos locais.

A trajetória analisada revela que a Agroecologia se manifesta não apenas por meio de técnicas produtivas sustentáveis, mas também através da construção de relações sociais solidárias, da preservação dos conhecimentos tradicionais e do fortalecimento das identidades territoriais.

A Feira Agroecológica Municipal mostrou-se um importante espaço de resistência, comercialização, educação e construção coletiva de conhecimentos, contribuindo para aproximar produtores e consumidores e fortalecer os circuitos curtos de comercialização.

Conclui-se que o fortalecimento da agricultura familiar exige investimentos permanentes em políticas públicas, assistência técnica, formação continuada, valorização dos mercados locais e incentivo às práticas agroecológicas. Mais do que produtores de alimentos, os agricultores familiares constituem sujeitos estratégicos para a construção de sistemas alimentares sustentáveis, para a conservação da biodiversidade e para a promoção do desenvolvimento territorial sustentável.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Lei nº 12.188, de 11 de janeiro de 2010. Institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER). Brasília, DF, 2010.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GLIESSMAN, Stephen. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SCHNEIDER, Sergio. Agricultura familiar e desenvolvimento rural brasileiro: desafios contemporâneos. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. De la sociología rural a la agroecología. Barcelona: Icaria, 2006.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

CAPÍTULO 14

CULTIVAR PARA PERMANECER: AGROECOLOGIA, TERRITORIALIDADE E AGRICULTURA FAMILIAR EM CHARQUEADAS, RIO GRANDE DO SUL

Andrielle Lopes Cezar de Figueiredo

Bianca da Silva Vargas

Juliana da Silva Ramos

Nadir Benícia Leal da Silva

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Tatiana Felix da Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-E

INTRODUÇÃO

Charqueadas, município localizado na Região Carbonífera do Rio Grande do Sul, carrega em sua formação histórica marcas profundas da mineração, da industrialização e das transformações territoriais associadas ao desenvolvimento urbano-industrial do Baixo Jacuí. Com população de 35.012 habitantes no Censo Demográfico de 2022 e área territorial de 217,362 km², o município apresenta uma configuração territorial marcada pela proximidade com a Região Metropolitana de Porto Alegre e pela presença de dinâmicas econômicas historicamente vinculadas ao carvão mineral, à indústria e aos serviços urbanos.

Nesse cenário, a agricultura familiar costuma ocupar posição menos visível nas narrativas oficiais sobre o desenvolvimento local. Entretanto, mesmo em territórios fortemente atravessados por processos de industrialização e urbanização, permanecem experiências rurais que sustentam a produção de alimentos, preservam saberes territoriais e reafirmam vínculos históricos com a terra. A existência dessas práticas revela que o rural não desaparece diante do avanço urbano-industrial; ao contrário, reorganiza-se, resiste e produz novas formas de permanência.

O caso analisado neste estudo insere-se justamente nessa complexidade. Trata-se de uma experiência de agricultura familiar desenvolvida na comunidade Capororoca, em Charqueadas, onde um agricultor de 42 anos, com cerca de vinte anos de experiência no trabalho agrícola, é responsável pelo manejo produtivo de uma horta com aproximadamente três hectares.

A experiência investigada demonstra que a Agroecologia não se materializa apenas em grandes projetos formais ou em circuitos institucionalizados de comercialização. Muitas vezes, ela se expressa em práticas cotidianas, silenciosas e territorialmente situadas: no preparo do solo, na compostagem, na irrigação cuidadosa, na rotação de culturas, na troca de sementes com vizinhos e na recusa ao uso de agrotóxicos.

Nesse sentido, a Agroecologia precisa ser compreendida como racionalidade socioambiental, e não apenas como técnica agrícola. Conforme Leff (2001), a construção da sustentabilidade exige reconhecer os saberes ambientais produzidos pelos sujeitos em seus territórios, superando a lógica fragmentada e economicista que historicamente orientou os modelos convencionais de desenvolvimento.

A partir dessa perspectiva, este estudo teve como objetivo analisar como as práticas produtivas, os saberes territoriais e as estratégias de permanência de um agricultor familiar em Charqueadas expressam princípios agroecológicos e contribuem para compreender a relação entre agricultura familiar, territorialidade e resistência em um município marcado pela história industrial e carbonífera.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito da disciplina Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A opção pelo estudo de caso justifica-se pela possibilidade de compreender em profundidade uma experiência concreta de agricultura familiar em

seu contexto territorial específico. A abordagem qualitativa permitiu interpretar sentidos, trajetórias, práticas e percepções do sujeito investigado, valorizando a dimensão social e cultural da produção agrícola.

O estudo foi realizado no município de Charqueadas, na comunidade Capororoca, em uma propriedade rural onde o participante atua como caseiro e responsável pelo manejo produtivo de uma horta com aproximadamente três hectares.

O participante da pesquisa possui 42 anos de idade e aproximadamente vinte anos de experiência na agricultura. A seleção ocorreu por conveniência, considerando a disponibilidade do agricultor e sua relação direta com práticas produtivas de base familiar.

A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, realizada em 15 de fevereiro de 2026, mediante autorização verbal do participante. Além da entrevista, foram realizadas observações diretas da propriedade e registros fotográficos autorizados, os quais contribuíram para a análise das práticas produtivas, da organização dos canteiros e das formas de manejo adotadas.

A análise foi conduzida de forma interpretativa, articulando as narrativas do agricultor e os registros de campo às categorias teóricas da Agroecologia, especialmente territorialidade, diálogo de saberes, agroecossistema, sustentabilidade, autonomia produtiva e permanência no campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência analisada revela uma dimensão pouco evidenciada da realidade de Charqueadas: a permanência da agricultura familiar em um município historicamente associado à mineração e à industrialização. A Região Carbonífera do Baixo Jacuí compreende municípios como Arroio dos Ratos, Butiá e Charqueadas, cuja história regional foi fortemente marcada pela exploração do carvão mineral e por seus impactos econômicos, sociais e territoriais.

Nesse contexto, a agricultura familiar tende a aparecer como atividade secundária, muitas vezes invisibilizada diante das narrativas de desenvolvi-

mento urbano-industrial. Contudo, a permanência do agricultor na comunidade Capororoca demonstra que o rural segue ativo, produzindo alimentos, conhecimentos e formas próprias de relação com o território.

A territorialidade, nesse caso, não se restringe à posse ou ao uso da terra. Ela expressa vínculos afetivos, experiências acumuladas, práticas produtivas e formas de pertencimento. Conforme Leff (2001), o território é construído pela articulação entre natureza, cultura e racionalidades sociais. Assim, cultivar em Charqueadas significa também disputar sentidos sobre o que pode ser o desenvolvimento em um município historicamente marcado pela lógica industrial.

A permanência no campo, portanto, assume caráter político e pedagógico. Permanecer não significa apenas continuar produzindo; significa afirmar a dignidade do trabalho rural, preservar saberes e construir alternativas de vida em meio a territórios pressionados pela urbanização, pela industrialização e pela desvalorização da agricultura familiar.

A trajetória do agricultor evidencia que o conhecimento agrícola foi construído a partir da prática cotidiana, da observação, da experimentação e da influência de familiares com experiência técnica na área agrônômica. O trabalho relata que o agricultor iniciou sua trajetória aos 17 anos, influenciado por familiar formado em Agronomia, articulando saber técnico e experiência prática.

Essa dinâmica aproxima-se do conceito de diálogo de saberes, central para a Agroecologia. Caporal e Costabeber (2004) defendem que a construção agroecológica não pode ocorrer de forma verticalizada, como mera transferência de tecnologias, mas precisa reconhecer os conhecimentos historicamente produzidos pelos agricultores.

Também se aproxima da perspectiva freireana de educação, segundo a qual ensinar e aprender são processos mediados pela experiência concreta dos sujeitos. Para Freire (1996), o conhecimento nasce da relação crítica com a realidade e se fortalece quando os sujeitos reconhecem sua capacidade de interpretar e transformar o mundo.

No caso estudado, o agricultor não aparece como mero executor de técnicas. Ele interpreta o solo, observa o desenvolvimento das plantas, ajusta o manejo, organiza os canteiros e toma decisões a partir da experiência acumu-

lada. Isso evidencia que a Agroecologia, antes de ser um conjunto fechado de recomendações técnicas, constitui um processo de aprendizagem situado.

A organização produtiva observada na propriedade demonstra planejamento, cuidado e conhecimento prático sobre o funcionamento do agroecossistema. O cultivo de hortifrutigranjeiros é desenvolvido com adubação orgânica, compostagem, aplicação controlada de calcário, irrigação por gotejamento com água de açude local e ausência de agrotóxicos.

As imagens presentes no trabalho reforçam essa leitura. Na Figura 1, observa-se o cultivo de hortaliças em canteiros organizados, com desenvolvimento vigoroso das plantas, indicando manejo atento à diversidade e ao equilíbrio produtivo.

Na Figura 2, o canteiro recém-implantado apresenta mudas distribuídas de forma ordenada, com espaçamento regular e proteção lateral, o que evidencia cuidado técnico com ventilação, luminosidade e desenvolvimento inicial das plantas.

A Figura 3 apresenta o preparo do solo e a organização das linhas de plantio, demonstrando que o manejo começa antes da implantação das culturas e envolve preparo físico do terreno, planejamento das linhas e atenção às condições de enraizamento.

Essas práticas revelam uma compreensão concreta do solo como organismo vivo e fundamento da produção agrícola. Na perspectiva agroecológica, o solo não é apenas suporte físico para as plantas, mas um sistema dinâmico, cuja fertilidade depende da matéria orgânica, da biodiversidade, da umidade e da interação entre organismos.

A rotação de culturas e a troca de sementes com vizinhos fortalecem ainda mais essa lógica, pois ampliam a biodiversidade, reduzem riscos produtivos e favorecem a cooperação comunitária.

A autonomia produtiva constitui uma das dimensões mais relevantes da experiência analisada. Ao utilizar compostagem, adubação orgânica, práticas de manejo ecológico e sementes compartilhadas com vizinhos, o agricultor reduz sua dependência de insumos externos e fortalece o controle sobre o próprio processo produtivo.

Essa autonomia aproxima-se do debate sobre soberania alimentar, pois envolve a capacidade dos sujeitos e comunidades de decidir como produzir, o que produzir e para quem produzir. A produção destinada ao consumo familiar e à venda informal demonstra que a agricultura familiar continua desempenhando papel estratégico na alimentação cotidiana, mesmo quando não está plenamente integrada a mercados institucionalizados.

Nesse ponto, o caso de Charqueadas apresenta uma contribuição importante: mostra que a Agroecologia não depende exclusivamente da certificação, da feira formal ou do reconhecimento institucional. Ela também se manifesta em práticas concretas de cuidado, reciprocidade e produção local.

Um dos aspectos mais importantes do estudo é o fato de o agricultor não participar diretamente da feira tradicional existente na praça central do município, destinando sua produção ao consumo familiar e à venda informal.

Esse dado é fundamental porque revela uma tensão estrutural: produzir de forma sustentável não garante, automaticamente, acesso a mercados organizados. Muitos agricultores familiares desenvolvem práticas agroecológicas, mas permanecem à margem dos circuitos formais de comercialização por dificuldades logísticas, burocráticas, econômicas ou institucionais.

Essa realidade evidencia a necessidade de fortalecer políticas públicas capazes de aproximar agricultores familiares de feiras, compras institucionais, programas de alimentação escolar e circuitos curtos de comercialização. Sem esse apoio, práticas sustentáveis podem permanecer invisíveis, restritas ao autoconsumo e à venda ocasional.

A experiência analisada, portanto, aponta para uma contradição importante: há produção agroecológica, há saber territorial e há potencial de abastecimento local, mas ainda existem barreiras para que essa produção seja plenamente reconhecida e valorizada no município.

Do ponto de vista formativo, o caso estudado contribui para compreender a Agroecologia como pedagogia do território. A prática agrícola observada ensina sobre solo, água, biodiversidade, trabalho, permanência, cooperação e autonomia. Ensina também que o campo não é espaço atrasado, mas território de produção de conhecimento.

Essa compreensão é central para a Licenciatura em Educação do Campo, pois fortalece uma formação docente comprometida com a realidade dos sujeitos rurais. A pesquisa evidencia que o território é lugar de aprendizagem, e que a escuta dos agricultores constitui procedimento pedagógico indispensável para construir uma educação contextualizada.

Assim, o estudo supera a ideia de que a Agroecologia é apenas conteúdo disciplinar. Ela aparece como experiência viva, construída no cotidiano, nas escolhas produtivas e nas relações sociais que sustentam a permanência no campo.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu compreender que a agricultura familiar em Charqueadas permanece como prática social relevante, mesmo em um município historicamente marcado pela mineração, pela industrialização e pela urbanização. A experiência analisada demonstra que o rural não desaparece em territórios industrializados; ele se reinventa por meio de práticas produtivas, vínculos territoriais e estratégias de resistência.

As práticas desenvolvidas pelo agricultor expressam fundamentos centrais da Agroecologia, como sustentabilidade, autonomia produtiva, diálogo de saberes, cuidado com o solo, conservação da água, diversidade produtiva e cooperação comunitária.

A análise evidenciou também que a Agroecologia pode existir para além dos espaços formalmente reconhecidos. Mesmo sem participação direta em feiras organizadas, a experiência estudada revela um agroecossistema construído com base em princípios ecológicos e em forte vínculo com o território.

Entretanto, o estudo também aponta desafios importantes, especialmente no que se refere à comercialização e à ausência de maior inserção em mercados estruturados. A produção sustentável precisa ser acompanhada de políticas públicas capazes de garantir visibilidade, renda e permanência digna aos agricultores familiares.

Conclui-se que fortalecer a agricultura familiar em Charqueadas significa reconhecer que a sustentabilidade territorial não se constrói apenas pela

indústria ou pelos grandes projetos econômicos, mas também pelas pequenas hortas, pelos agricultores invisibilizados, pelas sementes trocadas entre vizinhos e pelos saberes que seguem cultivando vida no território.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 2006.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. De la sociología rural a la agroecología. Barcelona: Icaria, 2006.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

CAPÍTULO 15

ENTRE FEIRAS, MEMÓRIAS E TERRITORIALIDADES: A AGRICULTURA FAMILIAR COMO ESPAÇO FORMATIVO NO POLO ENCRUZILHADA DO SUL

Liziany Müller

Ivanio Folmer

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Elaine Guterres Rodrigues

Tatiana Montagner Dalcin Bertoldo

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-F

INTRODUÇÃO

O município de Encruzilhada do Sul, localizado na região Centro-Sul do Rio Grande do Sul, apresenta trajetória historicamente vinculada à agricultura familiar, à pecuária e às territorialidades rurais que caracterizam grande parte do interior gaúcho. Ao longo das últimas décadas, entretanto, o território municipal passou por profundas transformações socioeconômicas e ambientais decorrentes da expansão das monoculturas de soja e eucalipto, da intensificação tecnológica da agricultura e das mudanças nos processos de ocupação e uso da terra.

Essas transformações têm produzido impactos significativos sobre os modos de vida rurais, as relações comunitárias, a sucessão familiar e as estratégias de permanência das populações no campo. Conforme Wanderley (2014), o rural deve ser compreendido não apenas como espaço de produção econômica, mas como espaço de vida, pertencimento, identidade e construção de relações socioculturais historicamente produzidas pelas populações rurais.

Nesse contexto, a agricultura familiar continua desempenhando papel estratégico na produção de alimentos, na conservação ambiental, na preservação dos saberes territoriais e na manutenção das territorialidades rurais. As feiras da agricultura familiar assumem importância singular nesse cenário,

pois configuram-se como espaços de comercialização direta, fortalecimento comunitário, circulação de saberes e valorização dos modos de vida do campo.

Mais do que ambientes econômicos, as feiras constituem territórios educativos, culturais e políticos, nos quais agricultores e agricultoras compartilham conhecimentos, experiências produtivas, sementes crioulas, práticas agroecológicas e estratégias de resistência territorial. Conforme Darolt et al. (2016), os circuitos curtos de comercialização fortalecem vínculos sociais entre produtores e consumidores, promovendo valorização da produção local e fortalecimento das economias territoriais.

Paralelamente, a Agroecologia emerge como importante referencial científico, político e epistemológico para compreender as relações entre agricultura, sustentabilidade ambiental, soberania alimentar e desenvolvimento territorial. Conforme Altieri (2012), a Agroecologia constitui abordagem sistêmica dos agroecossistemas, articulando dimensões ecológicas, econômicas, sociais, culturais e políticas da agricultura.

Caporal e Costabeber (2004) destacam que a Agroecologia ultrapassa a dimensão técnica da produção agrícola, constituindo-se como racionalidade orientada pela valorização dos conhecimentos locais, autonomia produtiva, sustentabilidade ambiental e fortalecimento das populações rurais.

A condição polissêmica da Agroecologia amplia ainda mais essa compreensão. Estudos desenvolvidos no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria evidenciam que a Agroecologia pode ser compreendida simultaneamente como ciência, prática, movimento social e forma ampliada de produção do conhecimento, articulando experiências acadêmicas e saberes produzidos nos territórios rurais (CANCELIER et al., 2025).

Sob essa perspectiva, a Educação do Campo contribui para reconhecer os agricultores familiares como sujeitos históricos produtores de conhecimento. Conforme Caldart (2012), os territórios rurais constituem espaços vivos de formação humana, cultura, memória e resistência social. Assim, ensinar e aprender no contexto da Educação do Campo implica reconhecer os saberes

produzidos pelas populações rurais enquanto conhecimentos legítimos e fundamentais para construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento.

Foi a partir dessa compreensão que a disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, ofertada à Turma 5 da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculada ao Polo UAB Encruzilhada do Sul, desenvolveu uma proposta pedagógica territorializada fundamentada na investigação de experiências agroecológicas e práticas da agricultura familiar regional.

A atividade consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com agricultores familiares, observação direta das dinâmicas territoriais e elaboração de relatos de caso narrativo-analíticos. Mais do que atividade avaliativa, a proposta buscou aproximar os estudantes das experiências concretas da agricultura familiar, das territorialidades rurais e das estratégias de permanência construídas pelas famílias agricultoras diante das transformações contemporâneas do espaço agrário.

Os relatos produzidos pelos estudantes revelaram importantes discussões sobre sucessão rural, sementes crioulas, circuitos curtos de comercialização, soberania alimentar, diversificação produtiva, mudanças climáticas e resistência territorial. As experiências analisadas demonstraram que as feiras da agricultura familiar constituem importantes espaços de aprendizagem, produção de saberes e fortalecimento comunitário.

Diante desse contexto, o presente capítulo tem como objetivo analisar a experiência pedagógica desenvolvida na disciplina EAD2269 no Polo UAB Encruzilhada do Sul, discutindo como os relatos produzidos pelos estudantes contribuíram para compreensão das territorialidades rurais, das práticas agroecológicas e das estratégias de permanência da agricultura familiar no campo.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como relato de experiência de abordagem qualitativa, natureza analítico-reflexiva e caráter exploratório, desenvolvido a partir das atividades pedagógicas realizadas na disciplina

EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, vinculada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no âmbito da Turma 5 do Polo UAB Encruzilhada do Sul.

A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar compreensão aprofundada das experiências, práticas produtivas, relações territoriais e formas de organização social construídas pelos agricultores familiares investigados. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo das representações, experiências, valores e relações humanas socialmente construídas.

A proposta metodológica fundamentou-se nos pressupostos da Educação do Campo, da Agroecologia e da pesquisa participante, compreendendo agricultores e agricultoras familiares como sujeitos históricos produtores de conhecimento. Conforme Freire (2021), o conhecimento emerge da relação crítica entre sujeitos e realidade concreta, sendo construído por meio do diálogo, da escuta e da problematização das experiências vividas.

As atividades foram organizadas em diferentes etapas. Inicialmente, os estudantes realizaram estudos teóricos sobre Agroecologia, territorialidade, agricultura familiar, soberania alimentar e desenvolvimento territorial sustentável, dialogando com autores como Altieri (2012), Caporal e Costabeber (2004), Ploeg (2008), Schneider (2010), Caldart (2012), Wanderley (2014), Haesbaert (2021) e Leff (2015).

Posteriormente, os estudantes desenvolveram atividades territorializadas junto à Feira do Produtor Rural de Encruzilhada do Sul e experiências vinculadas à agricultura familiar regional. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observação direta e registros em diário de campo, contemplando questões relacionadas à trajetória familiar, práticas agrícolas, comercialização, sucessão rural, mudanças climáticas, sementes crioulas, assistência técnica e permanência no campo.

Além das experiências desenvolvidas em Encruzilhada do Sul, também foi incorporado ao processo formativo o estudo realizado junto à Feira da Terrinha, no município de Amaral Ferrador, possibilitando ampliar as discus-

sões sobre territorialidades agroecológicas, saberes camponeses e reprodução social da agricultura familiar.

Os relatos produzidos pelos estudantes foram sistematizados em formato de estudos de caso narrativo-analíticos, articulando os dados empíricos aos referenciais teóricos discutidos na disciplina. Essa etapa possibilitou transformar experiências territoriais em produção acadêmica, fortalecendo processos de autoria estudantil, pesquisa crítica e valorização dos sujeitos do campo enquanto produtores legítimos de conhecimento.

A análise interpretativa fundamentou-se na compreensão de que os territórios rurais constituem espaços vivos de produção do conhecimento, identidade, cultura e resistência social. Os dados foram organizados em categorias relacionadas à Agroecologia, territorialidade, sucessão rural, soberania alimentar, sementes crioulas, circuitos curtos de comercialização, desenvolvimento territorial sustentável e permanência no campo.

A pesquisa observou os princípios éticos previstos na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo participação voluntária dos sujeitos entrevistados e utilização das informações exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência pedagógica desenvolvida na disciplina EAD2269 revelou a potência das atividades territorializadas como estratégias de formação crítica, investigativa e socialmente referenciada na Licenciatura em Educação do Campo. Os relatos produzidos pelos estudantes evidenciaram que a Agroecologia se manifesta concretamente nos modos de vida, nas práticas produtivas, nas relações comunitárias e nos processos de resistência construídos pelas populações rurais em seus territórios.

Os estudos desenvolvidos junto à Feira do Produtor Rural de Encruzilhada do Sul demonstraram que as feiras da agricultura familiar ultrapassam amplamente a dimensão econômica da comercialização agrícola. Configuram-se como territórios educativos, culturais e políticos, onde circulam saberes, memórias, práticas produtivas e formas coletivas de organização social.

Os relatos evidenciaram que a feira constitui importante espaço de fortalecimento comunitário, valorização da produção agrícola local e construção de vínculos entre agricultores e consumidores. A comercialização direta fortalece os circuitos curtos de comercialização e reduz a dependência de intermediários, contribuindo para ampliação da autonomia econômica das famílias agricultoras.

Outro aspecto fortemente presente nas experiências analisadas refere-se à transmissão intergeracional dos saberes agrícolas. Os agricultores entrevistados relataram que aprenderam as práticas de cultivo, manejo do solo, conservação de sementes e organização produtiva junto aos pais e avós, demonstrando que os conhecimentos rurais continuam sendo produzidos por meio da oralidade, da convivência familiar e da experiência cotidiana no território.

As experiências analisadas revelaram significativa diversificação produtiva envolvendo hortaliças, frutas, raízes, panificados, conservas e alimentos processados artesanalmente. Essa diversidade representa importante estratégia de redução de riscos produtivos e fortalecimento da segurança alimentar das famílias agricultoras. Conforme Altieri (2012), sistemas agrícolas biodiversos apresentam maior estabilidade ecológica e maior capacidade de adaptação diante das transformações ambientais contemporâneas.

Os relatos também evidenciaram importantes aproximações com os princípios agroecológicos. Foram identificadas práticas relacionadas à utilização de adubação orgânica, preservação de sementes crioulas, compostagem, conservação dos recursos naturais e produção de alimentos saudáveis. Mesmo sem participação formal em sistemas de certificação, os agricultores desenvolvem práticas fortemente alinhadas aos fundamentos da Agroecologia.

Outro elemento de destaque refere-se às sementes crioulas enquanto patrimônio cultural e produtivo das comunidades rurais. Os relatos demonstraram que guardar, selecionar e compartilhar sementes constitui prática central para fortalecimento da autonomia produtiva, conservação da agrobiodiversidade e preservação dos conhecimentos tradicionais das populações do campo.

As experiências investigadas também revelaram preocupações relacionadas à permanência das famílias no campo. Os agricultores destacaram

desafios associados às mudanças climáticas, à expansão das monoculturas, ao envelhecimento da população rural, à dificuldade de sucessão familiar e às limitações de acesso às políticas públicas e assistência técnica.

Nos relatos produzidos pelos estudantes, os agricultores manifestaram preocupação com a expansão da soja e do eucalipto no município, percebendo mudanças significativas na ocupação do território e redução da diversidade produtiva local. A expansão das monoculturas aparece associada à diminuição das pequenas propriedades rurais e à fragilização das territorialidades tradicionais da agricultura familiar.

A temática da sucessão rural surgiu de forma recorrente nas entrevistas. Os agricultores destacaram a reduzida participação de jovens nas atividades agrícolas e as dificuldades de permanência das novas gerações no campo. Essa realidade foi associada à busca por oportunidades educacionais e profissionais nos centros urbanos, à baixa valorização social da agricultura e às dificuldades econômicas enfrentadas pelas famílias rurais.

As experiências desenvolvidas em Amaral Ferrador ampliaram ainda mais as discussões sobre territorialidade e reprodução social da agricultura familiar. O estudo relacionado à Feira da Terrinha demonstrou que as territorialidades rurais articulam trabalho, identidade, memória, pertencimento e produção de saberes, constituindo importantes estratégias de resistência territorial das populações rurais.

Os relatos evidenciaram também que as feiras funcionam como espaços educativos vivos, onde agricultores e consumidores compartilham conhecimentos relacionados à alimentação saudável, práticas agrícolas, conservação ambiental e cultura alimentar local. Essa dimensão educativa aproxima-se diretamente dos fundamentos da Educação do Campo, que reconhece os territórios rurais como espaços produtores de conhecimento e formação humana.

Do ponto de vista pedagógico, a experiência fortaleceu processos de autoria estudantil, pesquisa crítica e articulação entre teoria e prática. Os estudantes puderam compreender os agricultores familiares como sujeitos históricos produtores de conhecimento e reconhecer os territórios rurais como espaços vivos de aprendizagem e produção científica socialmente referenciada.

A sistematização das experiências em relatos de caso permitiu aos estudantes desenvolver habilidades relacionadas à pesquisa qualitativa, escrita acadêmica, interpretação territorializada da realidade e construção coletiva do conhecimento. Além disso, a atividade contribuiu para fortalecer os vínculos entre universidade, território e comunidades rurais, reafirmando o compromisso da Educação do Campo com valorização das populações rurais e de seus saberes.

Nesse sentido, os resultados demonstram que ensinar e aprender na Licenciatura em Educação do Campo exige reconhecer os territórios rurais como espaços vivos de produção do conhecimento, formação humana e construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento territorial.

CONCLUSÃO

A experiência desenvolvida na disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia evidenciou a potência das atividades territorializadas como estratégias de formação crítica, investigativa e emancipatória na Licenciatura em Educação do Campo.

Os relatos produzidos pelos estudantes do Polo UAB Encruzilhada do Sul demonstraram que as feiras da agricultura familiar constituem importantes espaços educativos, culturais e políticos, nos quais circulam saberes, práticas agroecológicas, sementes crioulas, relações comunitárias e estratégias de resistência das populações rurais.

As experiências analisadas evidenciaram a relevância da diversificação produtiva, da valorização dos conhecimentos locais, da preservação das sementes crioulas, dos circuitos curtos de comercialização e das territorialidades rurais para fortalecimento da agricultura familiar e permanência das famílias no campo. Ao mesmo tempo, os relatos revelaram desafios importantes relacionados às mudanças climáticas, à sucessão rural, à expansão das monoculturas e às limitações de acesso às políticas públicas e assistência técnica.

Do ponto de vista formativo, a experiência possibilitou fortalecer processos de pesquisa, autoria estudantil e produção de conhecimento socialmente

referenciado, aproximando os estudantes das realidades concretas das populações rurais e reafirmando o compromisso da Educação do Campo com os territórios e sujeitos do campo.

Conclui-se que a Agroecologia, no contexto analisado, manifesta-se não apenas como técnica produtiva, mas como prática social, epistemológica e territorial comprometida com sustentabilidade ambiental, soberania alimentar, valorização dos sujeitos do campo e fortalecimento das territorialidades rurais.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CANCELIER, Janete Webler et al. A condição polissêmica da Agroecologia: estudo de caso em uma turma de ensino superior. Revista Aracê, v. 7, n. 5, 2025.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. Porto Alegre: EMATER/RS, 2004.

DAROLT, Moacir Roberto et al. Circuitos curtos de comercialização e novas relações entre agricultores e consumidores. Revista NERA, Presidente Prudente, v. 19, n. 34, p. 9-34, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciatura em Educação do Campo. Brasília: MDA, 2012.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SCHNEIDER, Sergio. Reflexões sobre diversidade e diversificação: agricultura familiar e desenvolvimento rural. *Ruris*, Campinas, v. 4, n. 1, p. 85-131, 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

CAPÍTULO 16

ENTRE A FEIRA E A MONOCULTURA: AGRICULTURA FAMILIAR, TERRITORIALIDADE E RESISTÊNCIA CAMPONESA EM ENCRUZILHADA DO SUL (RS)

Felipe Copes Santos

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Elaine Guterres Rodrigues

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-G

INTRODUÇÃO

As transformações observadas no espaço agrário brasileiro nas últimas décadas têm provocado profundas alterações nas dinâmicas sociais, econômicas e culturais dos territórios rurais. A expansão das monoculturas, a concentração fundiária, a intensificação tecnológica, a redução da população rural e o envelhecimento dos agricultores configuram processos que desafiam a permanência da agricultura familiar e a sustentabilidade das comunidades do campo. Nesse contexto, compreender as estratégias de resistência construídas pelos agricultores familiares torna-se fundamental para interpretar os rumos do desenvolvimento rural contemporâneo.

O município de Encruzilhada do Sul, localizado na região Centro-Sul do Rio Grande do Sul, constitui um exemplo emblemático dessas transformações. Reconhecido historicamente pela produção agropecuária, pela melancia, pela pecuária e pela expressiva presença da agricultura familiar, o município vem experimentando significativa expansão das monoculturas de soja e eucalipto, fenômeno que modifica a paisagem rural, altera as formas de ocupação da terra e produz impactos sobre a diversidade produtiva local.

Tais mudanças afetam diretamente as territorialidades rurais. Conforme Wanderley (2009), o rural deve ser compreendido não apenas como espaço de

produção, mas como espaço de vida, pertencimento e construção de identidades coletivas. Dessa forma, as transformações produtivas repercutem também sobre as relações comunitárias, os processos de sucessão familiar, as formas de sociabilidade e os mecanismos de reprodução social das famílias agricultoras.

É nesse cenário que a Feira do Produtor Rural de Encruzilhada do Sul assume relevância estratégica. Com mais de três décadas de funcionamento, a feira representa uma importante instituição territorial construída pelos agricultores familiares do município. Mais do que um espaço de comercialização, ela constitui um ambiente de encontro, diálogo, circulação de conhecimentos, fortalecimento das economias locais e valorização dos modos de vida rurais.

Sob a perspectiva da Agroecologia, as feiras da agricultura familiar representam espaços privilegiados para a construção de sistemas agroalimentares territorializados, capazes de aproximar produtores e consumidores e fortalecer circuitos curtos de comercialização (PLOEG, 2008). Ao mesmo tempo, constituem ambientes onde se materializam práticas de cooperação, solidariedade, autonomia produtiva e valorização dos recursos locais, princípios centrais da Agroecologia enquanto ciência, prática e movimento social (ALTIERI, 2012; CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

A Educação do Campo contribui para ampliar essa compreensão ao reconhecer os territórios rurais como espaços produtores de conhecimentos e os agricultores como sujeitos históricos que constroem saberes a partir de suas experiências de vida e trabalho. Conforme Caldart (2012), compreender o campo implica reconhecer a complexidade de suas territorialidades, suas lutas sociais e seus processos educativos próprios.

Estudos recentes desenvolvidos em municípios rurais do Rio Grande do Sul demonstram que instituições territoriais como escolas, associações, cooperativas e feiras desempenham papel fundamental na manutenção das identidades rurais, na circulação de saberes e na permanência das populações do campo. Essas estruturas contribuem para fortalecer o desenvolvimento territorial e ampliar as condições de reprodução social da agricultura familiar. Nesse sentido, a feira pode ser compreendida como um patrimônio social construído

coletivamente pelas comunidades rurais, cuja relevância ultrapassa a dimensão econômica e alcança aspectos culturais, educativos e políticos.

Diante desse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar a Feira do Produtor Rural de Encruzilhada do Sul como espaço de resistência territorial, produção de saberes e fortalecimento da agricultura familiar, buscando compreender sua contribuição para a permanência das famílias agricultoras e para a sustentabilidade do território rural local.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, vinculada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A proposta pedagógica da disciplina fundamentou-se na realização de atividades de campo em feiras agroecológicas e de agricultura familiar, entendidas como territórios educativos vivos. Os estudantes foram orientados a realizar observações sistemáticas, entrevistas semiestruturadas e elaboração de relatos de caso capazes de articular os referenciais teóricos da Agroecologia às experiências concretas vivenciadas pelos agricultores.

A pesquisa foi realizada na Feira do Produtor Rural de Encruzilhada do Sul, espaço consolidado há mais de trinta anos como importante canal de comercialização da produção agrícola familiar do município. A produção dos dados ocorreu por meio de observação direta, registros fotográficos autorizados e entrevista semiestruturada com uma agricultora familiar participante da feira.

O roteiro de entrevista contemplou aspectos relacionados à trajetória produtiva da família, organização do trabalho, formas de comercialização, participação comunitária, desafios enfrentados pela agricultura familiar, relações com políticas públicas e perspectivas para o futuro do campo.

As informações obtidas foram analisadas por meio da interpretação temática, articulando os relatos da entrevistada aos referenciais da Agroecologia, da Educação do Campo, da agricultura familiar e do desenvolvimento territorial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a Feira do Produtor Rural de Encruzilhada do Sul desempenha funções que extrapolam amplamente a comercialização de produtos agrícolas. Sua permanência por mais de trinta anos demonstra sua capacidade de constituir-se como uma verdadeira instituição territorial, responsável por fortalecer vínculos comunitários, ampliar a circulação de conhecimentos e garantir visibilidade social aos agricultores familiares.

Ao possibilitar a comercialização direta entre produtores e consumidores, a feira fortalece circuitos curtos de comercialização e reduz a dependência de intermediários. Entretanto, sua importância vai além da dimensão econômica. O espaço constitui um ambiente de convivência, troca de experiências e fortalecimento das identidades rurais.

Essa característica aproxima-se da concepção de territorialidade defendida por Santos (2006), segundo a qual o território é produzido pelas relações sociais estabelecidas pelos sujeitos. Nesse sentido, a feira não é apenas um equipamento urbano destinado à venda de alimentos, mas um território socialmente construído pelas famílias agricultoras que nela atuam.

A pesquisa revelou que a feira constitui também um espaço de reconhecimento social da agricultura familiar. Em um contexto marcado pela crescente visibilidade das commodities agrícolas e pela expansão dos sistemas produtivos especializados, a feira reafirma a importância dos agricultores responsáveis pela produção de alimentos destinados ao abastecimento local.

A fala da agricultora entrevistada evidencia o trabalho intenso envolvido na produção e comercialização dos alimentos. O deslocamento para a feira, a organização da produção, o preparo dos produtos e o atendimento aos consumidores exigem planejamento, dedicação e conhecimento técnico.

Essa realidade reforça o papel estratégico da agricultura familiar na construção da soberania alimentar. Diferentemente dos sistemas produtivos voltados prioritariamente aos mercados internacionais, a produção familiar está diretamente relacionada ao abastecimento alimentar da população local.

Segundo Altieri (2012), sistemas produtivos diversificados apresentam maior capacidade de adaptação às mudanças ambientais e econômicas, contribuindo para a estabilidade dos agroecossistemas e para a segurança alimentar dos territórios. Essa perspectiva torna-se especialmente relevante em um município que vem experimentando crescente expansão das monoculturas agrícolas.

Ao comercializar hortaliças, frutas, conservas, panificados e outros produtos diversificados, os agricultores da feira contribuem para manter a diversidade alimentar da população e fortalecer economias territorializadas.

Um dos resultados mais preocupantes identificados pela pesquisa refere-se ao envelhecimento dos agricultores participantes da feira. Segundo a entrevistada, aproximadamente 90% dos feirantes encontram-se aposentados, evidenciando a reduzida participação de jovens na atividade agrícola.

Esse dado revela uma problemática amplamente discutida na literatura sobre desenvolvimento rural: a sucessão familiar. A saída dos jovens para os centros urbanos, associada à busca por oportunidades educacionais e profissionais, tem reduzido significativamente a presença das novas gerações nas atividades agrícolas.

Entretanto, a sucessão rural não pode ser compreendida apenas como uma decisão individual. Trata-se de um fenômeno relacionado às condições estruturais existentes nos territórios rurais. A disponibilidade de escolas, oportunidades de formação, acesso à internet, políticas públicas, mercados e perspectivas econômicas influencia diretamente as decisões das famílias agricultoras.

Estudos recentes desenvolvidos em municípios rurais do Rio Grande do Sul demonstram que o enfraquecimento das instituições do campo e o fechamento de escolas rurais contribuem para ampliar os processos de esvaziamento populacional e fragilização das territorialidades rurais.

Nesse contexto, a feira assume papel relevante ao criar oportunidades de geração de renda e fortalecer os vínculos entre as famílias agricultoras e seus territórios. Sua permanência constitui importante estratégia de resistência frente aos processos de desestruturação das comunidades rurais.

Outro aspecto fortemente presente nos relatos refere-se à expansão das monoculturas de soja no município. Os agricultores percebem mudanças signi-

ficativas na ocupação do território e demonstram preocupação com a redução das áreas destinadas à produção diversificada.

Esse processo evidencia a coexistência de projetos distintos para o desenvolvimento rural. De um lado, sistemas produtivos especializados, fortemente integrados aos mercados globais. De outro, a agricultura familiar, baseada na diversificação produtiva, no trabalho familiar e na produção de alimentos.

Conforme Schneider (2010), a especialização produtiva tende a reduzir a diversidade econômica e social dos territórios rurais, ampliando sua vulnerabilidade e dependência de fatores externos. Nesse cenário, a agricultura familiar desempenha papel fundamental na manutenção da diversidade produtiva, da soberania alimentar e da sustentabilidade territorial.

A permanência da feira representa, portanto, uma forma concreta de resistência territorial. Sua existência demonstra que modelos alternativos de produção, comercialização e organização social continuam presentes e relevantes nos territórios rurais brasileiros.

A pesquisa evidenciou também a importância dos saberes produzidos pelos agricultores familiares. As trocas de experiências, conhecimentos técnicos, sementes e práticas produtivas constituem elementos centrais da dinâmica observada na feira.

Esses processos aproximam-se da concepção agroecológica de diálogo de saberes, na qual conhecimentos científicos e populares são compreendidos como complementares na construção de alternativas sustentáveis para o desenvolvimento rural (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

Sob essa perspectiva, a feira pode ser compreendida como um território educativo. Nela circulam conhecimentos relacionados ao manejo dos cultivos, à conservação dos recursos naturais, à comercialização, à alimentação e à organização comunitária.

Essa dimensão educativa dialoga diretamente com os princípios da Educação do Campo, reforçando a necessidade de reconhecer os agricultores familiares como sujeitos produtores de conhecimento e protagonistas dos processos de desenvolvimento territorial.

CONCLUSÃO

A Feira do Produtor Rural de Encruzilhada do Sul constitui muito mais do que um espaço de comercialização agrícola. Trata-se de uma instituição territorial estratégica para a reprodução social da agricultura familiar, articulando funções econômicas, culturais, educativas e comunitárias.

Os resultados evidenciaram que a feira desempenha papel fundamental na geração de renda, na promoção da soberania alimentar, na valorização dos saberes locais e no fortalecimento das territorialidades rurais do município. Sua permanência por mais de três décadas demonstra sua relevância para o desenvolvimento territorial e para a construção de relações de proximidade entre produtores e consumidores.

Ao mesmo tempo, a pesquisa revelou desafios significativos relacionados ao envelhecimento dos agricultores, à sucessão rural, à expansão das monoculturas e às transformações que vêm reconfigurando o espaço agrário local.

Mais do que uma estrutura de comercialização, a Feira do Produtor Rural de Encruzilhada do Sul revela-se como uma expressão concreta da resistência da agricultura familiar diante dos processos contemporâneos de homogeneização produtiva. Sua existência reafirma a importância dos sujeitos do campo, de seus conhecimentos, de suas práticas e de suas territorialidades para a construção de um desenvolvimento rural mais sustentável, inclusivo e socialmente justo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SCHNEIDER, Sergio. Reflexões sobre diversidade e diversificação da agricultura familiar. Ruris, Campinas, v. 4, n. 1, p. 85-131, 2010.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. De la sociología rural a la agroecología. Barcelona: Icaria, 2006.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

CAPÍTULO 17

FEIRAS DA AGRICULTURA FAMILIAR COMO ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL E PERMANÊNCIA NO CAMPO: UM ESTUDO DE CASO EM ENCRUZILHADA DO SUL (RS)

Daline Freitas de Freitas

Elisa Zanatta Silva

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Elaine Guterres Rodrigues

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-H

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar constitui um dos principais pilares da produção de alimentos no Brasil, desempenhando papel estratégico na segurança alimentar, na geração de trabalho e renda, na preservação ambiental e na manutenção das dinâmicas socioculturais dos territórios rurais. Conforme estabelecido pela Lei nº 11.326/2006, essa categoria produtiva caracteriza-se pela predominância da mão de obra familiar, pela gestão própria da unidade produtiva e pela estreita relação entre família, trabalho e território. Mais do que uma forma de produção, a agricultura familiar representa um modo de vida construído historicamente por meio da interação entre conhecimentos tradicionais, recursos naturais e práticas socioculturais transmitidas entre gerações.

Nas últimas décadas, os debates sobre desenvolvimento rural têm evidenciado que a permanência das famílias no campo não depende exclusivamente da produção agrícola, mas da capacidade de construção de estratégias de reprodução social que articulem geração de renda, acesso a mercados, políticas públicas, conservação ambiental e fortalecimento dos vínculos comunitários (SCHNEIDER, 2010; WANDERLEY, 2014). Nesse contexto, a

agricultura familiar assume papel central na dinamização das economias locais e na construção de territórios mais sustentáveis e resilientes.

Entre as estratégias de fortalecimento da agricultura familiar destacam-se as feiras livres e feiras do produtor, espaços que possibilitam a comercialização direta dos produtos, reduzem a dependência de intermediários e ampliam a autonomia econômica dos agricultores. Além da dimensão mercantil, as feiras constituem espaços de convivência, intercâmbio de conhecimentos, fortalecimento das identidades rurais e aproximação entre produtores e consumidores. Segundo Darolt et al. (2016), os circuitos curtos de comercialização favorecem a valorização dos produtos locais e fortalecem relações de confiança fundamentais para o desenvolvimento territorial sustentável.

Paralelamente, observa-se crescente valorização da agroecologia como referência para a construção de sistemas agrícolas sustentáveis. A agroecologia, compreendida simultaneamente como ciência, prática e movimento social, propõe formas de produção baseadas na conservação dos recursos naturais, na valorização dos saberes locais e na promoção da autonomia dos agricultores (CAPORAL; COSTABEBER, 2004; ALTIERI, 2012). Essa perspectiva torna-se especialmente relevante diante dos desafios contemporâneos relacionados às mudanças climáticas, à degradação ambiental e à crescente vulnerabilidade dos sistemas produtivos rurais.

No estado do Rio Grande do Sul, eventos climáticos extremos, como estiagens prolongadas, enchentes e tempestades intensas, têm provocado impactos significativos sobre a agricultura familiar, comprometendo a produção, a renda e a permanência das famílias no campo. Associam-se a esse cenário desafios relacionados ao envelhecimento da população rural, à sucessão familiar, à insuficiência de assistência técnica e ao acesso limitado a políticas públicas estruturantes, fatores que ampliam as incertezas quanto ao futuro das atividades agrícolas familiares (ALTIERI; NICHOLLS, 2017).

Diante dessa realidade, compreender as estratégias utilizadas pelos agricultores familiares para garantir sua reprodução social e permanência nos territórios rurais torna-se fundamental para a formulação de políticas públicas e ações de desenvolvimento rural. Nesse sentido, o presente estudo tem

como objetivo analisar de que forma a participação na Feira do Produtor e as práticas produtivas desenvolvidas por agricultor familiar contribuem para a reprodução social, a geração de renda e a permanência da família no campo, considerando os desafios econômicos, ambientais e institucionais presentes no contexto rural contemporâneo. Como objetivos específicos, busca-se compreender a organização do trabalho familiar e os processos de transmissão intergeracional dos saberes agrícolas; identificar as práticas produtivas adotadas na propriedade, especialmente aquelas relacionadas à diversificação produtiva e aos princípios agroecológicos; analisar o papel da feira como espaço de comercialização, sociabilidade e fortalecimento dos mercados locais; investigar os principais desafios enfrentados pelos agricultores familiares diante das mudanças climáticas, da limitada assistência técnica e do acesso restrito às políticas públicas; e compreender como esses elementos influenciam as estratégias de reprodução social e permanência das famílias rurais no território.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, metodologia amplamente utilizada para compreender fenômenos sociais complexos inseridos em contextos específicos (YIN, 2015). A escolha dessa abordagem possibilitou analisar, de forma aprofundada, as experiências, percepções e estratégias desenvolvidas por agricultor familiar participante da Feira do Produtor do município de Encruzilhada do Sul, Rio Grande do Sul.

O estudo foi realizado junto a agricultor familiar pertencente à terceira geração de produtores rurais da família, com aproximadamente 34 anos de atuação na agricultura e 20 anos de participação contínua na feira local. A escolha do participante considerou sua trajetória consolidada na atividade agrícola e sua significativa inserção nos processos de comercialização direta, elementos fundamentais para atender aos objetivos da pesquisa.

A coleta de dados ocorreu em fevereiro de 2026 por meio de entrevista semiestruturada, organizada em eixos temáticos relacionados à trajetória familiar, organização produtiva, práticas de manejo agrícola, comercialização,

participação em políticas públicas, assistência técnica e desafios enfrentados no contexto atual. A entrevista permitiu explorar aspectos objetivos e subjetivos da experiência do agricultor, valorizando suas percepções e conhecimentos construídos ao longo da vida.

Os dados foram submetidos à análise qualitativa interpretativa, buscando identificar categorias relacionadas à reprodução social da agricultura familiar, permanência no campo, agroecologia, mercados locais e desenvolvimento territorial. A interpretação foi realizada em diálogo com a literatura especializada sobre agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento rural sustentável, permitindo relacionar os achados empíricos com processos mais amplos presentes na realidade rural brasileira.

Foram observados os princípios éticos da pesquisa, assegurando-se o consentimento do participante e a utilização das informações exclusivamente para fins acadêmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a unidade produtiva investigada apresenta características típicas da agricultura familiar brasileira, especialmente no que se refere à centralidade da família como unidade de produção, trabalho e gestão. A propriedade possui aproximadamente seis hectares e conta exclusivamente com a participação do agricultor, sua esposa e seus dois filhos nas atividades produtivas. Tal configuração confirma o que Schneider (2010) define como a principal característica da agricultura familiar: a integração entre família, trabalho e gestão da unidade produtiva.

A trajetória do entrevistado, pertencente à terceira geração de agricultores da família, evidencia a importância da transmissão intergeracional de saberes para a manutenção da atividade agrícola. Os conhecimentos relacionados ao cultivo, à seleção de sementes, ao manejo do solo e à comercialização foram construídos ao longo de décadas e repassados entre gerações, reforçando o papel da agricultura familiar como espaço de produção de conhecimentos e preservação cultural. Conforme Wanderley (2014), a permanência das famílias rurais depende não apenas de fatores econômicos, mas também da capacidade

de preservar identidades, vínculos territoriais e patrimônios culturais construídos historicamente.

A análise da produção agrícola revelou significativa diversificação produtiva, contemplando culturas como tomate, pepino, repolho, cenoura, alface, rúcula, couve, almeirão, tempero-verde e moranga. Essa diversidade representa importante estratégia de redução de riscos produtivos e econômicos, especialmente diante da crescente instabilidade climática. Segundo Altieri (2012), sistemas produtivos diversificados apresentam maior capacidade de adaptação frente às oscilações ambientais, contribuindo para a estabilidade econômica das famílias agricultoras.

No que se refere às práticas de manejo, destacam-se a utilização exclusiva de adubação orgânica, a preservação de sementes crioulas e a ausência do uso de agrotóxicos. Essas práticas demonstram significativa aproximação com os princípios agroecológicos, ainda que o agricultor não participe formalmente de processos de certificação. A valorização das sementes crioulas revela-se particularmente relevante por contribuir para a conservação da agrobiodiversidade, para a autonomia produtiva e para a preservação dos conhecimentos tradicionais das comunidades rurais (PETERSEN; WEID; FERNANDES, 2009).

Os resultados também evidenciam preocupações relacionadas à conservação dos recursos naturais. O agricultor destacou a importância da proteção da água, do solo e da produção de alimentos saudáveis para os consumidores. Essas percepções reforçam a compreensão de que a agricultura familiar possui potencial estratégico para a promoção de sistemas alimentares mais sustentáveis, alinhados aos princípios da agroecologia e do desenvolvimento rural sustentável (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

A Feira do Produtor emerge como elemento central na reprodução social da família agricultora. Além de representar o principal canal de comercialização da produção e a principal fonte de renda familiar, a feira constitui espaço de interação social, construção de redes de confiança e fortalecimento das relações comunitárias. O entrevistado relatou que muitos consumidores tornaram-se amigos ao longo dos anos, compartilhando experiências, receitas e conhecimentos sobre alimentação e produção agrícola.

Esse resultado corrobora estudos que identificam as feiras da agricultura familiar como importantes mercados de proximidade, nos quais as relações econômicas são permeadas por vínculos sociais, culturais e territoriais (DAROLT et al., 2016). Nesses espaços, o alimento deixa de ser apenas mercadoria e passa a representar também identidade, confiança e valorização do trabalho rural.

Entretanto, a pesquisa revelou importantes desafios estruturais que ameaçam a continuidade da atividade agrícola. Entre eles, destacam-se os impactos das mudanças climáticas, especialmente secas prolongadas e eventos meteorológicos extremos. Segundo o agricultor entrevistado, a produção tem sido fortemente afetada pelas variações climáticas, aumentando a insegurança produtiva e econômica. Essa percepção encontra respaldo em estudos recentes que apontam a agricultura familiar como um dos segmentos mais vulneráveis às alterações climáticas, em razão da dependência direta dos recursos naturais e da limitada capacidade de adaptação tecnológica (ALTIERI; NICHOLLS, 2017).

Outro desafio identificado refere-se à ausência de assistência técnica permanente e ao acesso restrito a políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar. O entrevistado relatou não receber acompanhamento técnico regular nem participar de programas governamentais de comercialização institucional. Essa realidade limita a adoção de inovações produtivas, reduz oportunidades de agregação de valor e dificulta a construção de estratégias mais robustas de desenvolvimento rural.

Merece destaque, ainda, a preocupação manifestada em relação ao futuro da agricultura familiar e da própria feira. O relato evidencia sentimento de insegurança quanto à continuidade da atividade, associado ao envelhecimento da população rural, à escassez de jovens interessados em permanecer no campo e à insuficiência de políticas públicas voltadas à sucessão geracional. Essa percepção reforça debates contemporâneos sobre a necessidade de fortalecimento das políticas de juventude rural e de valorização social da agricultura familiar.

De modo geral, os resultados demonstram que a feira desempenha papel fundamental na reprodução social da família agricultora, contribuindo para a geração de renda, para a valorização dos saberes locais e para a permanência da família no campo. Contudo, a sustentabilidade dessas experiências depen-

de da ampliação do apoio institucional, da valorização dos mercados locais, do fortalecimento da assistência técnica e da implementação de estratégias de adaptação às mudanças climáticas.

CONCLUSÃO

A pesquisa permitiu compreender que a agricultura familiar representa muito mais do que uma atividade econômica, constituindo-se como espaço de produção de alimentos, construção de identidades, preservação cultural e reprodução social das famílias rurais. O estudo evidenciou que a participação na Feira do Produtor desempenha papel central na sustentabilidade econômica e social da família investigada, fortalecendo não apenas a geração de renda, mas também os vínculos comunitários e territoriais que sustentam a permanência no campo.

As práticas produtivas identificadas, marcadas pela diversificação agrícola, utilização de adubação orgânica, preservação de sementes crioulas e valorização dos recursos naturais, demonstram a presença de princípios agroecológicos que contribuem para a construção de sistemas produtivos mais sustentáveis e resilientes. Tais práticas revelam a capacidade dos agricultores familiares de desenvolver estratégias próprias de adaptação e resistência frente às transformações econômicas e ambientais que afetam o meio rural.

Entretanto, os resultados também evidenciam desafios significativos relacionados às mudanças climáticas, à insuficiência de assistência técnica, ao acesso limitado às políticas públicas e às dificuldades de sucessão geracional. Esses fatores comprometem as condições de reprodução social das famílias rurais e ampliam as incertezas quanto ao futuro da agricultura familiar.

Conclui-se que as feiras da agricultura familiar constituem importantes instrumentos de desenvolvimento territorial, promoção da segurança alimentar e fortalecimento das economias locais. Sua valorização, associada à ampliação das políticas públicas, da extensão rural e das estratégias de adaptação climática, mostra-se fundamental para assegurar a permanência das famílias no campo e fortalecer a agricultura familiar como componente estratégico do desenvolvimento rural sustentável.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara I. Agroecologia e resiliência às mudanças climáticas. *Agriculturas: experiências em agroecologia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 14-20, 2017.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 25 jul. 2006.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. Porto Alegre: EMATER/RS, 2004.

DAROLT, Moacir Roberto et al. Circuitos curtos de comercialização e novas relações entre agricultores e consumidores. *Revista NERA*, Presidente Prudente, v. 19, n. 34, p. 9-34, 2016.

PETERSEN, Paulo; WEID, Jean Marc von der; FERNANDES, Gabriel Bianconi. Agroecologia: reconciliando agricultura e natureza. Rio de Janeiro: Articulação Nacional de Agroecologia, 2009.

SCHNEIDER, Sergio. Reflexões sobre diversidade e diversificação: agricultura, formas familiares e desenvolvimento rural. *Ruris*, Campinas, v. 4, n. 1, p. 85-131, 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

CAPÍTULO 18

TERRITORIALIDADES AGROECOLÓGICAS, SABERES CAMPONESES E PERMANÊNCIA NO CAMPO: CONTRIBUIÇÕES DA FEIRA DA TERRINHA PARA A REPRODUÇÃO SOCIAL DA AGRICULTURA FAMILIAR EM AMARAL FERRADOR (RS)

Diaime Costa Sodré

Maico Costa Sodré

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Elaine Guterres Rodrigues

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-1

INTRODUÇÃO

Localizado na região Centro-Sul do Rio Grande do Sul, o município de Amaral Ferrador apresenta uma forte vinculação histórica com a agricultura familiar e com os modos de vida rurais que caracterizam grande parte dos pequenos municípios do interior gaúcho. O território municipal é marcado pela predominância de pequenas propriedades rurais, pela diversificação produtiva e pela presença de comunidades que mantêm estreita relação com a terra, com os recursos naturais e com os conhecimentos construídos ao longo de gerações. Nesse cenário, a agricultura familiar não representa apenas uma atividade econômica, mas constitui elemento central da identidade territorial, da organização social e da reprodução cultural das populações locais.

A permanência das famílias no campo tem se configurado como um dos grandes desafios contemporâneos do desenvolvimento rural brasileiro. Processos como a modernização agrícola, a concentração fundiária, a redução da população rural, o envelhecimento dos agricultores, as dificuldades de sucessão familiar e os impactos das mudanças climáticas têm provocado profundas transformações nas dinâmicas produtivas e sociais dos territórios rurais.

Em contrapartida, diferentes estratégias vêm sendo construídas pelas famílias agricultoras para garantir sua permanência no campo, fortalecer sua autonomia econômica e preservar seus modos de vida.

Entre essas estratégias destacam-se as feiras da agricultura familiar, espaços que articulam produção, comercialização, sociabilidade e valorização cultural. Mais do que mercados locais, as feiras constituem ambientes de circulação de conhecimentos, fortalecimento das relações comunitárias e valorização dos produtos oriundos da agricultura familiar. Nesse contexto, a Feira da Terrinha, localizada no município de Amaral Ferrador, assume papel relevante ao promover a aproximação entre agricultores e consumidores, fortalecendo a economia local e contribuindo para a valorização dos saberes construídos pelas famílias rurais.

A compreensão dessas experiências exige um olhar que ultrapasse os aspectos produtivos e econômicos da agricultura. A Agroecologia tem contribuído significativamente para essa ampliação analítica ao propor uma abordagem que integra dimensões ambientais, sociais, culturais, políticas e educativas dos agroecossistemas. Conforme destacam Altieri (2012) e Caporal e Costabeber (2004), a Agroecologia constitui um paradigma científico emergente que busca compreender os sistemas agrícolas a partir da interação entre sociedade e natureza, valorizando os conhecimentos locais e promovendo formas sustentáveis de desenvolvimento.

Estudos recentes desenvolvidos junto à Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria demonstram que a Agroecologia apresenta uma condição polissêmica, sendo compreendida simultaneamente como ciência, prática, movimento social e proposta de transformação territorial. Essa pluralidade de significados reforça sua capacidade de dialogar com diferentes dimensões da vida rural e de contribuir para a construção de alternativas sustentáveis para os territórios do campo.

Sob essa perspectiva, a valorização dos saberes produzidos pelas populações rurais aproxima-se diretamente dos fundamentos da Educação do Campo. Conforme Caldart (2012), Molina e Sá (2012) e estudos recentes desenvolvidos em municípios gaúchos, a Educação do Campo reconhece os sujeitos rurais

como protagonistas dos processos educativos, valorizando suas experiências, territorialidades e conhecimentos historicamente construídos. As territorialidades rurais constituem elementos centrais para a compreensão dos processos de permanência no campo, uma vez que articulam identidade, cultura, memória, trabalho e pertencimento aos lugares.

Nesse contexto, compreender a Feira da Terrinha significa compreender também os processos de reprodução social da agricultura familiar, as estratégias de permanência das famílias rurais e os mecanismos de fortalecimento das territorialidades locais. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar de que forma os saberes territoriais, as práticas produtivas, as relações sociais e os processos de comercialização desenvolvidos por agricultor familiar participante da Feira da Terrinha contribuem para a reprodução social da agricultura familiar e para a permanência das famílias no campo, considerando as interfaces entre Agroecologia, territorialidade e desenvolvimento rural sustentável.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, abordagem que permite compreender fenômenos sociais complexos inseridos em contextos territoriais específicos (YIN, 2015). A opção metodológica fundamenta-se na necessidade de compreender as experiências, percepções e práticas desenvolvidas por agricultor familiar participante da Feira da Terrinha, considerando as relações estabelecidas entre produção agrícola, comercialização, saberes locais e permanência no campo.

O estudo foi desenvolvido no município de Amaral Ferrador, Rio Grande do Sul, tendo como espaço empírico a Feira da Terrinha, iniciativa voltada à comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar local. Participou da pesquisa um agricultor familiar residente na localidade de Coxilha de Amaral Ferrador, com aproximadamente quarenta anos de experiência na atividade agrícola e reconhecida participação na feira municipal.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, observação direta e registros em diário de campo. O roteiro de entrevista contemplou questões relacionadas à trajetória familiar, organização produtiva, prá-

ticas agrícolas, comercialização, participação comunitária, desafios enfrentados e perspectivas para a agricultura familiar.

Os dados foram sistematizados e submetidos à análise qualitativa interpretativa, buscando identificar categorias relacionadas à Agroecologia, territorialidade, diálogo de saberes, reprodução social, mercados locais e permanência no campo. A interpretação foi realizada em diálogo com a literatura especializada sobre agricultura familiar, Educação do Campo, Agroecologia e desenvolvimento territorial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a Feira da Terrinha constitui muito mais do que um espaço de comercialização de produtos agrícolas. A experiência analisada demonstra que a feira desempenha papel estratégico na reprodução social da agricultura familiar, fortalecendo relações comunitárias, valorizando saberes territoriais e contribuindo para a permanência das famílias no campo.

A trajetória do agricultor entrevistado revela forte vínculo com a atividade agrícola e com o território onde está inserido. Os conhecimentos relacionados ao cultivo, ao manejo do solo, à observação dos ciclos naturais e à organização da produção foram construídos ao longo da convivência familiar e transmitidos entre gerações. Esse processo evidencia a importância dos saberes locais como patrimônio cultural e produtivo das comunidades rurais. Conforme Santos (2006), a valorização desses conhecimentos constitui elemento fundamental para a construção de uma ecologia de saberes capaz de reconhecer diferentes formas de produção do conhecimento.

A experiência observada confirma que a agricultura familiar permanece fortemente baseada na integração entre família, trabalho e território. O envolvimento direto dos membros da família nas atividades produtivas demonstra que a unidade agrícola continua sendo espaço de produção econômica, mas também de construção de identidades, valores e formas específicas de organização social. Schneider (2010) destaca que essa articulação entre trabalho familiar e território constitui uma das principais características da agricultura familiar contemporânea.

Outro aspecto relevante refere-se à diversificação produtiva observada na propriedade. A produção de hortaliças, frutas, raízes e alimentos processados artesanalmente representa importante estratégia de redução de riscos produtivos, fortalecimento da segurança alimentar e ampliação das possibilidades de comercialização. Segundo Altieri (2012), sistemas agrícolas diversificados apresentam maior estabilidade ecológica e maior capacidade de adaptação diante das transformações ambientais e econômicas.

As práticas produtivas relatadas demonstram significativa aproximação com os princípios agroecológicos. O cuidado com o solo, a valorização dos recursos naturais, a utilização de práticas sustentáveis de manejo e a preocupação com a qualidade dos alimentos evidenciam uma racionalidade produtiva orientada pela sustentabilidade. Nesse sentido, a Agroecologia manifesta-se não apenas como técnica agrícola, mas como forma de compreender as relações entre sociedade, natureza e território.

A condição polissêmica da Agroecologia identificada por Cancelier et al. (2025) contribui para compreender a diversidade de significados presentes na experiência estudada. Os agricultores não necessariamente utilizam o conceito acadêmico de Agroecologia, mas desenvolvem práticas e valores que dialogam diretamente com seus princípios, demonstrando que a construção do conhecimento agroecológico ocorre em múltiplos espaços e contextos sociais.

A feira também se destaca como espaço de circulação de saberes e fortalecimento das territorialidades rurais. As relações estabelecidas entre agricultores e consumidores extrapolam as trocas econômicas e possibilitam o compartilhamento de conhecimentos relacionados à produção de alimentos, alimentação saudável, conservação ambiental e cultura local. Essa dinâmica aproxima-se das reflexões desenvolvidas pela Educação do Campo, que reconhece os territórios rurais como espaços educativos e produtores de conhecimento.

As territorialidades construídas no âmbito da feira contribuem para fortalecer os vínculos entre os sujeitos e o território. Estudos recentes desenvolvidos em municípios gaúchos demonstram que a valorização da cultura local, dos saberes comunitários e das experiências dos agricultores constitui

elemento central para a manutenção das populações rurais e para a construção de estratégias de desenvolvimento territorial sustentável.

Entretanto, os resultados também evidenciam desafios significativos enfrentados pela agricultura familiar. Entre eles destacam-se os impactos das mudanças climáticas, a instabilidade dos mercados agrícolas, as dificuldades de acesso à assistência técnica, a necessidade de fortalecimento das políticas públicas e as preocupações relacionadas à sucessão familiar. Esses elementos demonstram que a permanência das famílias no campo depende não apenas da capacidade produtiva das unidades agrícolas, mas também da existência de condições institucionais capazes de apoiar e fortalecer a agricultura familiar.

Mesmo diante desses desafios, a experiência analisada revela significativa capacidade de resistência e adaptação. A continuidade da participação na feira, a manutenção das práticas produtivas e o fortalecimento das relações comunitárias demonstram que a agricultura familiar permanece como importante estratégia de desenvolvimento territorial e produção de alimentos saudáveis.

CONCLUSÃO

A pesquisa permitiu compreender que a Feira da Terrinha constitui importante espaço de fortalecimento da agricultura familiar e de reprodução social das famílias rurais de Amaral Ferrador. Os resultados demonstram que a feira ultrapassa sua função econômica, configurando-se como território de construção de saberes, fortalecimento identitário, valorização cultural e promoção do desenvolvimento rural.

As práticas produtivas observadas evidenciam significativa aproximação com os princípios agroecológicos, especialmente no que se refere à diversificação produtiva, à conservação dos recursos naturais e à valorização dos conhecimentos locais. Tais elementos reforçam a compreensão da Agroecologia como paradigma capaz de integrar sustentabilidade ambiental, autonomia produtiva e fortalecimento territorial.

A experiência analisada também demonstra que a permanência das famílias no campo está diretamente associada à existência de espaços capazes de

fortalecer as territorialidades rurais, promover mercados locais e valorizar os modos de vida construídos historicamente pelas populações do campo. Nesse sentido, a Feira da Terrinha constitui importante instrumento de resistência social, econômica e cultural.

Conclui-se que iniciativas dessa natureza desempenham papel estratégico na construção de alternativas sustentáveis para o desenvolvimento rural, contribuindo para a valorização da agricultura familiar, para a permanência das populações rurais em seus territórios e para o fortalecimento de formas mais justas e sustentáveis de produção e comercialização de alimentos.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre: EMATER/RS, 2004.

CANCELIER, Janete Webler et al. A condição polissêmica da Agroecologia: estudo de caso em uma turma de ensino superior. Revista Aracê, v. 7, n. 5, 2025.

FOLMER, Ivanio et al. Educação do Campo como alicerce: contribuições para a manutenção do território e da paisagem rural. Revista PPC – Políticas Públicas e Cidades, v. 14, n. 1, 2025.

FOLMER, Ivanio et al. Território e cultura local na Educação do Campo: perspectivas geográficas e ambientais. Revista PPC – Políticas Públicas e Cidades, v. 14, n. 1, 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciatura em Educação do Campo. Brasília: MDA, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHNEIDER, Sergio. Reflexões sobre diversidade e diversificação: agricultura familiar e desenvolvimento rural. *Ruris*, Campinas, v. 4, n. 1, p. 85-131, 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como espaço de vida. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

CAPÍTULO 19

AGROECOLOGIA E PERMANÊNCIA NO CAMPO: EXPERIÊNCIAS TERRITORIALIZADAS NO POLO UAB ARROIO DOS RATOS

Liziany Müller

Ivanio Folmer

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Tatiana Montagner Dalcin Bertoldo

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-J

INTRODUÇÃO

O município de Arroio dos Ratos, localizado na Região Carbonífera do Rio Grande do Sul, apresenta trajetória histórica profundamente vinculada às transformações econômicas e territoriais produzidas pela mineração, pela industrialização e pela urbanização regional. Entretanto, paralelamente a esse processo histórico, a agricultura familiar permaneceu desempenhando papel relevante na produção de alimentos, na manutenção das territorialidades rurais e na reprodução social das populações do campo presentes no município e em seu entorno.

Mesmo diante das intensas transformações econômicas ocorridas nas últimas décadas, diferentes comunidades rurais da região seguem desenvolvendo práticas produtivas vinculadas ao trabalho familiar, à diversificação agrícola e à construção de relações territoriais fundamentadas no pertencimento, na cooperação e na transmissão intergeracional de saberes. Nesse contexto, as feiras da agricultura familiar constituem importantes espaços de comercialização, fortalecimento comunitário e valorização dos modos de vida rurais.

Mais do que espaços destinados à venda de alimentos, as feiras configuram-se como territórios vivos de circulação de conhecimentos, práticas agroecológicas, experiências produtivas e estratégias de resistência das po-

pulações do campo. Conforme Darolt et al. (2016), os circuitos curtos de comercialização fortalecem vínculos sociais entre agricultores e consumidores, ampliando a valorização da produção local e fortalecendo territorialidades rurais sustentáveis.

A Tenda BR-290, localizada às margens da BR-290, em Arroio dos Ratos, representa importante espaço de comercialização da agricultura familiar regional. O local reúne agricultores familiares que comercializam alimentos produzidos em pequenas propriedades rurais, fortalecendo vínculos territoriais, ampliando oportunidades de geração de renda e promovendo maior aproximação entre produção e consumo.

Paralelamente, a experiência da Feira do Engenho, localizada no Engenho das Lages, no Distrito Federal, amplia as discussões sobre Agroecologia, territorialidade e resistência camponesa ao evidenciar experiências produtivas vinculadas à apicultura agroecológica, à conservação ambiental e ao manejo sustentável dos agroecossistemas. Embora territorialmente distintas, ambas as experiências revelam processos semelhantes de valorização dos saberes locais, fortalecimento da agricultura familiar e construção de alternativas sustentáveis de reprodução social no campo.

As transformações contemporâneas do espaço agrário brasileiro intensificaram os desafios enfrentados pelas populações rurais, especialmente no que se refere à permanência no campo, à sucessão familiar, às mudanças climáticas e às dificuldades de acesso às políticas públicas. Em contrapartida, diferentes estratégias vêm sendo construídas pelos agricultores familiares para fortalecer sua autonomia produtiva, ampliar a sustentabilidade econômica das propriedades e consolidar formas territorializadas de desenvolvimento rural.

Nesse cenário, a Agroecologia emerge como importante referencial científico, político e epistemológico para compreender as relações entre agricultura, sustentabilidade ambiental, soberania alimentar e territorialidade. Conforme Altieri (2012), a Agroecologia propõe abordagem sistêmica dos agroecossistemas, articulando dimensões ecológicas, econômicas, sociais, culturais e políticas da produção agrícola.

Caporal e Costabeber (2004) reforçam que a Agroecologia ultrapassa a dimensão técnica da agricultura, constituindo-se como racionalidade orientada pela valorização dos conhecimentos locais, pela autonomia produtiva e pela construção de relações sustentáveis entre sociedade e natureza. A condição polissêmica da Agroecologia amplia ainda mais essa compreensão ao reconhecê-la simultaneamente como ciência, prática, movimento social e forma ampliada de produção do conhecimento (CANCELIER et al., 2025).

Sob essa perspectiva, a Educação do Campo contribui para reconhecer agricultores e agricultoras familiares como sujeitos históricos produtores de conhecimento. Conforme Caldart (2012), os territórios rurais constituem espaços educativos vivos, nos quais os saberes produzidos pelas populações do campo desempenham papel central na construção das territorialidades, da cultura e da resistência social.

Foi a partir dessa compreensão que a disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, ofertada à Turma 5 da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculada ao Polo UAB Arroio dos Ratos, desenvolveu proposta pedagógica territorializada fundamentada na investigação de experiências agroecológicas e práticas da agricultura familiar.

As atividades envolveram entrevistas semiestruturadas com agricultores familiares, observação direta das dinâmicas territoriais e elaboração de relatos de caso narrativo-analíticos. Mais do que atividade avaliativa, a proposta buscou aproximar os estudantes das experiências concretas da agricultura familiar, das territorialidades rurais e das estratégias de permanência construídas pelas famílias agricultoras diante das transformações contemporâneas do espaço agrário.

Diante desse contexto, o presente capítulo tem como objetivo analisar a experiência pedagógica desenvolvida na disciplina EAD2269 no Polo UAB Arroio dos Ratos, discutindo como os relatos produzidos pelos estudantes contribuíram para compreensão das territorialidades rurais, das práticas agroecológicas e das estratégias de permanência da agricultura familiar no campo.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como relato de experiência de abordagem qualitativa, natureza analítico-reflexiva e caráter exploratório, desenvolvido a partir das atividades pedagógicas realizadas na disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, vinculada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no âmbito da Turma 5 do Polo UAB Arroio dos Ratos.

A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar compreensão aprofundada das experiências, práticas produtivas, relações territoriais e formas de organização social construídas pelos agricultores familiares investigados. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo das representações, experiências, valores e relações humanas socialmente construídas.

A proposta metodológica fundamentou-se nos pressupostos da Educação do Campo, da Agroecologia e da pesquisa participante, compreendendo agricultores e agricultoras familiares como sujeitos históricos produtores de conhecimento. Conforme Freire (2021), o conhecimento emerge da relação crítica entre sujeitos e realidade concreta, sendo construído por meio do diálogo, da escuta e da problematização das experiências vividas.

As atividades foram organizadas em diferentes etapas. Inicialmente, os estudantes realizaram estudos teóricos sobre Agroecologia, territorialidade, agricultura familiar, soberania alimentar e desenvolvimento territorial sustentável, dialogando com autores como Altieri (2012), Caporal e Costabeber (2004), Ploeg (2008), Schneider (2010), Caldart (2012), Haesbaert (2021), Leff (2015) e Wanderley (2014).

Posteriormente, os estudantes desenvolveram atividades territorializadas junto à Tenda BR-290, localizada em Arroio dos Ratos, e à Feira do Engenho, situada no Distrito Federal. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observação direta e registros em diário de campo, contemplando questões relacionadas à trajetória familiar, práticas produtivas, territorialidade, manejo agroecológico, comercialização, sucessão rural, mudanças climáticas, políticas públicas e permanência no campo.

A pesquisa desenvolvida na Tenda BR-290 contou com entrevista junto ao agricultor Vagner Santos de Souza, agricultor familiar com trajetória vinculada à produção agrícola diversificada e à comercialização direta de alimentos oriundos da agricultura familiar regional. Já a experiência investigada na Feira do Engenho envolveu entrevista com o agricultor Edson Rogério Machado Bertoldo, agricultor familiar vinculado à produção diversificada e à apicultura agroecológica.

Os relatos produzidos pelos estudantes foram sistematizados em formato de estudos de caso narrativo-analíticos, articulando os dados empíricos aos referenciais teóricos discutidos na disciplina. Essa etapa possibilitou transformar experiências territoriais em produção acadêmica, fortalecendo processos de autoria estudantil, pesquisa crítica e valorização dos sujeitos do campo enquanto produtores legítimos de conhecimento.

A análise interpretativa fundamentou-se na compreensão de que os territórios rurais constituem espaços vivos de produção do conhecimento, identidade, cultura e resistência social. Os dados foram organizados em categorias relacionadas à Agroecologia, territorialidade, reprodução social, soberania alimentar, circuitos curtos de comercialização, resistência camponesa e permanência no campo.

A pesquisa observou os princípios éticos previstos na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e na Lei Geral de Proteção de Dados – LGPD (Lei nº 13.709/2018), garantindo participação voluntária dos sujeitos entrevistados e utilização das informações exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência pedagógica desenvolvida na disciplina EAD2269 revelou a potência das atividades territorializadas como estratégias de formação crítica, investigativa e socialmente referenciada na Licenciatura em Educação do Campo. Os relatos produzidos pelos estudantes evidenciaram que a Agroecologia se manifesta concretamente nas práticas produtivas, nos modos

de vida, nas relações comunitárias e nas estratégias de resistência construídas pelas populações rurais em seus territórios.

As experiências investigadas junto à Tenda BR-290 e à Feira do Engenho demonstraram que as feiras da agricultura familiar ultrapassam amplamente a dimensão econômica da comercialização agrícola. Configuram-se como territórios educativos, culturais e políticos, onde circulam saberes, memórias, práticas produtivas e formas coletivas de organização social.

No caso da Tenda BR-290, os relatos evidenciaram que a feira constitui importante espaço de fortalecimento comunitário e valorização da produção agrícola local. A comercialização direta fortalece vínculos entre agricultores e consumidores e amplia a autonomia econômica das famílias agricultoras.

A trajetória do agricultor entrevistado revelou forte transmissão intergeracional de conhecimentos. O aprendizado construído junto ao pai e ao avô demonstra a centralidade da família na constituição dos saberes agrícolas e reforça a importância da transmissão cultural nas comunidades rurais. Essa realidade dialoga diretamente com a perspectiva da ecologia de saberes proposta por Santos (2006), segundo a qual diferentes formas de conhecimento coexistem e contribuem para construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento.

A propriedade analisada apresenta diversificação produtiva envolvendo melancia, moranga, melão, cebola e abóbora. Essa diversidade representa importante estratégia de sustentabilidade econômica e redução de riscos produtivos, especialmente diante das instabilidades climáticas enfrentadas pela agricultura familiar. Conforme Altieri (2012), sistemas agrícolas biodiversos apresentam maior estabilidade ecológica e maior capacidade de adaptação frente às transformações ambientais contemporâneas.

As práticas de manejo observadas revelaram aproximações e contradições em relação aos princípios agroecológicos. A utilização de rotação de culturas demonstra preocupação com conservação da fertilidade do solo e recuperação das áreas produtivas. Entretanto, a utilização de agrotóxicos evidencia os limites e desafios enfrentados pelos agricultores familiares nos processos de transição agroecológica. Tal realidade reforça a compreensão de que a Agroecologia constitui processo gradual e territorialmente condicionado.

A Feira do Engenho ampliou ainda mais as discussões sobre territorialidade, resistência camponesa e racionalidades produtivas em disputa. O espaço investigado revelou coexistência entre práticas vinculadas à revenda comercial convencional e experiências efetivamente fundamentadas na produção familiar agroecológica.

Nesse cenário, a experiência da família entrevistada destacou-se por expressar formas concretas de resistência agroecológica em meio à predominância de práticas comerciais convencionais. A produção própria, o manejo ecológico e a comercialização de alimentos produzidos na unidade familiar reforçam vínculos entre território, trabalho familiar e sustentabilidade ambiental.

A experiência apícola desenvolvida pela família entrevistada revelou importante articulação entre produção agrícola e conservação ambiental. O manejo das abelhas, o acompanhamento das floradas, a recuperação de nascentes e a observação dos ciclos naturais demonstram compreensão ampliada do agroecossistema e forte aproximação com os fundamentos epistemológicos da Agroecologia.

Outro aspecto relevante refere-se à leitura territorial construída pelos agricultores familiares. As experiências analisadas demonstraram que o conhecimento agroecológico não se limita à aplicação de técnicas produtivas, envolvendo observação contínua dos processos ecológicos, interpretação das dinâmicas ambientais e construção situada do conhecimento.

Os relatos também evidenciaram importantes desafios enfrentados pela agricultura familiar contemporânea. Entre eles destacam-se as mudanças climáticas, o aumento dos custos de produção, a dificuldade de acesso às políticas públicas, a ausência de assistência técnica permanente e a concorrência desigual com produtos convencionais.

Apesar dessas dificuldades, as experiências analisadas demonstram significativa capacidade de resistência e adaptação construída pelas famílias agricultoras. A permanência na agricultura, a continuidade da participação nas feiras e a valorização dos territórios revelam que a agricultura familiar permanece desempenhando papel estratégico na produção de alimentos, na conservação ambiental e na manutenção das territorialidades rurais.

Do ponto de vista pedagógico, a experiência fortaleceu processos de autoria estudantil, pesquisa crítica e articulação entre teoria e prática. Os estudantes puderam compreender os agricultores familiares como sujeitos históricos produtores de conhecimento e reconhecer os territórios rurais como espaços vivos de aprendizagem e produção científica socialmente referenciada.

A sistematização das experiências em relatos de caso permitiu aos estudantes desenvolver habilidades relacionadas à pesquisa qualitativa, escrita acadêmica, interpretação territorializada da realidade e construção coletiva do conhecimento. Além disso, a atividade contribuiu para fortalecer os vínculos entre universidade, território e comunidades rurais, reafirmando o compromisso da Educação do Campo com valorização das populações rurais e de seus saberes.

Nesse sentido, os resultados demonstram que ensinar e aprender na Educação do Campo exige reconhecer os territórios rurais como espaços vivos de produção do conhecimento, formação humana e construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento territorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida na disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia evidenciou a potência das atividades territorializadas como estratégias de formação crítica, investigativa e emancipatória na Licenciatura em Educação do Campo.

Os relatos produzidos pelos estudantes do Polo UAB Arroio dos Ratos demonstraram que as feiras da agricultura familiar constituem importantes espaços educativos, culturais e políticos, nos quais circulam saberes, práticas agroecológicas, relações comunitárias e estratégias de resistência das populações rurais.

As experiências analisadas evidenciaram a relevância da diversificação produtiva, da valorização dos conhecimentos locais, da conservação ambiental, da apicultura agroecológica e dos circuitos curtos de comercialização para fortalecimento da agricultura familiar e permanência das famílias no campo.

Ao mesmo tempo, os relatos revelaram desafios importantes relacionados às mudanças climáticas, à concorrência desigual com sistemas convencionais de comercialização, às limitações de acesso às políticas públicas e às dificuldades enfrentadas nos processos de transição agroecológica.

Do ponto de vista formativo, a experiência possibilitou fortalecer processos de pesquisa, autoria estudantil e produção de conhecimento socialmente referenciado, aproximando os estudantes das realidades concretas das populações rurais e reafirmando o compromisso da Educação do Campo com valorização dos territórios e sujeitos do campo.

Conclui-se que a Agroecologia, no contexto analisado, manifesta-se não apenas como técnica produtiva, mas como prática social, epistemológica e territorial comprometida com sustentabilidade ambiental, soberania alimentar, resistência camponesa e fortalecimento das territorialidades rurais.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CANCELIER, Janete Webler et al. A condição polissêmica da Agroecologia: estudo de caso em uma turma de ensino superior. Revista Aracê, v. 7, n. 5, 2025.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2004.

DAROLT, Moacir Roberto et al. Circuitos curtos de comercialização e novas relações entre agricultores e consumidores. Revista NERA, Presidente Prudente, v. 19, n. 34, p. 9-34, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciatura em Educação do Campo. Brasília: MDA, 2012.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHNEIDER, Sergio. Reflexões sobre diversidade e diversificação: agricultura familiar e desenvolvimento rural. Ruris, Campinas, v. 4, n. 1, p. 85-131, 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 42-61, 2013.

CAPÍTULO 20

A FEIRA COMO TERRITÓRIO VIVO: AGRICULTURA FAMILIAR, SABERES TERRITORIAIS E RESISTÊNCIA CAMPONESA NA TENDA BR-290 EM ARROIO DOS RATOS (RS)

Bruna Toledo de Souza

Sheron Thayline da Silva Selva

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-L

INTRODUÇÃO

O município de Arroio dos Ratos, localizado na Região Carbonífera do Rio Grande do Sul, apresenta uma trajetória histórica marcada pela mineração, pelas transformações econômicas e pela presença significativa de comunidades rurais vinculadas à agricultura familiar. Mesmo diante dos processos de urbanização e das mudanças estruturais ocorridas ao longo das últimas décadas, a agricultura permanece desempenhando papel relevante na produção de alimentos, na manutenção das territorialidades rurais e na reprodução social das famílias agricultoras do município.

Nesse território, as feiras da agricultura familiar assumem importância estratégica ao constituírem espaços de comercialização, sociabilidade e fortalecimento das relações entre campo e cidade. A Tenda BR-290, localizada às margens da rodovia BR-290, representa um importante ponto de circulação de produtos agrícolas oriundos da agricultura familiar regional, articulando agricultores, consumidores e fluxos territoriais em um espaço marcado pela diversidade de experiências, saberes e práticas produtivas. Mais do que um local de venda de alimentos, a feira configura-se como território vivo de resistência camponesa, produção de conhecimentos e fortalecimento das identidades rurais.

A permanência das famílias no campo constitui um dos principais desafios contemporâneos da agricultura familiar brasileira. As transformações dos mercados agrícolas, a concentração fundiária, as dificuldades de acesso às políticas públicas, as mudanças climáticas e a desvalorização da produção agrícola têm produzido impactos significativos sobre os modos de vida rurais. Em contrapartida, diferentes estratégias vêm sendo construídas pelos agricultores familiares para garantir sua reprodução social e fortalecer sua permanência nos territórios rurais.

Nesse contexto, a Agroecologia emerge como importante referencial teórico e político para compreender as relações entre produção agrícola, sustentabilidade ambiental, valorização dos saberes locais e fortalecimento das comunidades rurais. Conforme Altieri (2012), a Agroecologia propõe uma abordagem sistêmica capaz de integrar dimensões ecológicas, econômicas, culturais e sociais dos agroecossistemas. Da mesma forma, Caporal e Costabeber (2004) destacam que a Agroecologia constitui alternativa ao modelo convencional de agricultura, valorizando a biodiversidade, a autonomia produtiva e os conhecimentos construídos historicamente pelas populações rurais.

A compreensão da Agroecologia como campo polissêmico amplia ainda mais sua relevância para os estudos sobre agricultura familiar e territorialidade. Pesquisas recentes demonstram que a Agroecologia pode ser compreendida simultaneamente como ciência, prática, movimento social e proposta de transformação territorial, articulando diferentes formas de conhecimento e fortalecendo processos de resistência no campo.

Sob essa perspectiva, as feiras agroecológicas e da agricultura familiar podem ser interpretadas como territórios educativos e espaços de circulação de saberes. A valorização das experiências dos agricultores familiares dialoga diretamente com os fundamentos da Educação do Campo, que reconhece os sujeitos rurais como protagonistas da construção do conhecimento e das transformações sociais em seus territórios. Conforme Caldart (2012) e Molina e Sá (2012), os processos educativos vinculados ao campo devem considerar os saberes produzidos pelas comunidades rurais, suas territorialidades e seus modos de vida.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar de que forma os saberes territoriais, as práticas produtivas e as relações sociais presentes na Tenda BR-290 expressam princípios da Agroecologia e contribuem para a reprodução social da agricultura familiar e para a permanência dos sujeitos no campo. Busca-se compreender a feira como território vivo de resistência, circulação de conhecimentos e fortalecimento das territorialidades rurais.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, pertencente ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A abordagem qualitativa mostrou-se adequada por possibilitar a compreensão aprofundada das experiências, percepções e práticas construídas pelos sujeitos em seus contextos territoriais (MINAYO, 2014).

O estudo foi realizado na Tenda BR-290, localizada no município de Arroio dos Ratos, às margens da BR-290, espaço caracterizado pela comercialização direta de produtos oriundos da agricultura familiar regional. Participou da pesquisa o agricultor Vagner Santos de Souza, 41 anos, com aproximadamente quinze anos de atuação na agricultura familiar e seis anos de participação na feira.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, observação direta e registros em diário de campo. O roteiro contemplou questões relacionadas à trajetória de vida, organização produtiva, práticas de manejo, comercialização, participação comunitária, desafios enfrentados e perspectivas para a agricultura familiar.

Os dados foram organizados e submetidos à análise qualitativa interpretativa, buscando identificar categorias relacionadas à Agroecologia, territorialidade, diálogo de saberes, permanência no campo, reprodução social e desenvolvimento rural sustentável. A interpretação foi realizada em diálogo

com a literatura especializada sobre agricultura familiar, Educação do Campo e Agroecologia.

A pesquisa observou os princípios éticos da Resolução nº 510/2016 e da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), assegurando participação voluntária e utilização das informações exclusivamente para fins acadêmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a Tenda BR-290 constitui importante espaço de articulação entre produção agrícola, comercialização, territorialidade e reprodução social da agricultura familiar. A feira configura-se como território vivo de circulação de alimentos, saberes e relações sociais, desempenhando papel estratégico na permanência das famílias rurais no campo.

A trajetória do agricultor entrevistado demonstra forte transmissão intergeracional de conhecimentos. O aprendizado construído junto ao pai e ao avô evidencia a centralidade da família na constituição dos saberes agrícolas e reforça a importância dos processos de transmissão cultural presentes nas comunidades rurais. Tal realidade dialoga com a perspectiva da ecologia de saberes proposta por Santos (2006), segundo a qual diferentes formas de conhecimento coexistem e contribuem para a construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento.

A experiência observada confirma que os conhecimentos produzidos pelos agricultores familiares ultrapassam a dimensão técnica da agricultura, envolvendo práticas, valores, experiências e formas de relação com o território. Essa compreensão aproxima-se diretamente dos fundamentos da Educação do Campo, que reconhece os sujeitos rurais como protagonistas da construção do conhecimento e da transformação social em seus territórios. Estudos recentes desenvolvidos em escolas do campo do Rio Grande do Sul demonstram que a valorização das territorialidades rurais e dos saberes comunitários constitui elemento fundamental para o fortalecimento das populações do campo.

A propriedade analisada possui aproximadamente 2,5 hectares de terra arrendada, onde são cultivadas culturas como melancia, moranga, melão,

abóbora e cebola. A diversificação produtiva representa importante estratégia de sustentabilidade econômica e redução de riscos produtivos, especialmente diante das instabilidades climáticas e econômicas enfrentadas pela agricultura familiar. Conforme Altieri (2012), sistemas agrícolas diversificados apresentam maior estabilidade ecológica e maior capacidade de adaptação frente às transformações ambientais.

As práticas de manejo observadas revelam aproximações e contradições em relação aos princípios agroecológicos. A utilização de rotação de culturas evidencia preocupação com a conservação da fertilidade do solo e com a recuperação das áreas produtivas. Entretanto, a utilização de agrotóxicos demonstra os limites e desafios enfrentados pelos agricultores familiares nos processos de transição agroecológica. Tal realidade reforça a compreensão de que a Agroecologia constitui um processo gradual, condicionado por fatores econômicos, técnicos, climáticos e estruturais.

A condição polissêmica da Agroecologia contribui para compreender essa complexidade. Estudos recentes desenvolvidos no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo da UFSM demonstram que os agricultores frequentemente incorporam práticas e valores agroecológicos mesmo sem utilizar formalmente o conceito acadêmico de Agroecologia. Nesse sentido, a experiência analisada evidencia que a Agroecologia se manifesta tanto nas práticas produtivas quanto nas relações construídas com o território, com os consumidores e com os modos de vida rurais.

A feira assume papel central na reprodução social da família agricultora. Para o entrevistado, representa não apenas fonte de renda, mas também espaço de resistência, persistência e valorização do trabalho rural. A relação direta com os consumidores fortalece vínculos comunitários e constrói redes de confiança fundamentais para a manutenção da feira e para a valorização da produção local.

Outro aspecto relevante refere-se à dimensão educativa e sociocultural da feira. As trocas de experiências, saberes, receitas e práticas entre agricultores e consumidores demonstram que a feira constitui espaço de circulação de conhecimentos e fortalecimento das territorialidades rurais. A feira transforma-

-se, assim, em ambiente educativo não formal, aproximando campo e cidade e contribuindo para a valorização da agricultura familiar.

Os resultados também evidenciam desafios estruturais significativos enfrentados pelos agricultores familiares. Entre eles destacam-se as mudanças climáticas, o aumento do preço dos insumos, a desvalorização da produção agrícola e as dificuldades de acesso às políticas públicas, especialmente programas como PAA e PNAE. A ausência de assistência técnica permanente e as exigências burocráticas para acesso aos programas governamentais ampliam a vulnerabilidade das famílias agricultoras.

Apesar dessas dificuldades, a experiência analisada demonstra significativa capacidade de resistência e adaptação. A permanência na agricultura, a continuidade da participação na feira e a valorização do território revelam que a agricultura familiar permanece como importante estratégia de desenvolvimento territorial e produção de alimentos saudáveis.

CONCLUSÃO

A pesquisa permitiu compreender que a Tenda BR-290 constitui muito mais do que um espaço de comercialização agrícola, configurando-se como território vivo de resistência, circulação de saberes e fortalecimento da agricultura familiar em Arroio dos Ratos.

Os resultados evidenciaram que as práticas produtivas, as relações sociais e os conhecimentos construídos pelo agricultor entrevistado expressam importantes princípios da Agroecologia, especialmente no que se refere à valorização dos saberes territoriais, à diversificação produtiva e à permanência das famílias no campo.

A feira desempenha papel estratégico na reprodução social da agricultura familiar, fortalecendo vínculos comunitários, promovendo a comercialização direta e contribuindo para a valorização das territorialidades rurais. Ao mesmo tempo, os desafios relacionados às mudanças climáticas, à desvalorização da produção agrícola e às dificuldades de acesso às políticas públicas demonstram a necessidade de fortalecimento das ações de extensão rural, assistência técnica e apoio institucional aos agricultores familiares.

Conclui-se que as feiras da agricultura familiar constituem importantes espaços de desenvolvimento territorial sustentável, promovendo não apenas a circulação de alimentos, mas também a valorização da cultura rural, dos saberes comunitários e das estratégias de permanência das populações do campo em seus territórios.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2004.

CANCELIER, Janete Webler et al. A condição polissêmica da Agroecologia: estudo de caso em uma turma de ensino superior. Revista Aracê, v. 7, n. 5, 2025.

FOLMER, Ivanio et al. Educação do Campo como alicerce: contribuições para a manutenção do território e da paisagem rural. Revista PPC – Políticas Públicas e Cidades, v. 14, n. 1, 2025.

FOLMER, Ivanio et al. Território e cultura local na Educação do Campo: perspectivas geográficas e ambientais. Revista PPC – Políticas Públicas e Cidades, v. 14, n. 1, 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciatura em Educação do Campo. Brasília: MDA, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHNEIDER, Sergio. Reflexões sobre diversidade e diversificação: agricultura familiar e desenvolvimento rural. Ruris, Campinas, v. 4, n. 1, p. 85-131, 2010.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

CAPÍTULO 21

TERRITÓRIOS AGROECOLÓGICOS EM DISPUTA: APICULTURA FAMILIAR, SABERES TERRITORIAIS E RESISTÊNCIA CAMPONESA NA FEIRA DO ENGENHO (DF)

Tatiane de Jesus Neves

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-M

INTRODUÇÃO

Às margens da BR-060, na região do Engenho das Lages, área rural do Gama, Distrito Federal, a Feira do Engenho constitui um espaço marcado por intensos fluxos de circulação de pessoas, alimentos, mercadorias e diferentes formas de relação com o território. Em meio ao movimento cotidiano da rodovia, bancas de frutas, hortaliças, mel, produtos artesanais e mercadorias diversas convivem em uma dinâmica heterogênea, na qual produção familiar, revenda comercial e circuitos convencionais de abastecimento se entrelaçam de maneira contraditória. Mais do que simples espaço de comercialização, a feira revela disputas entre diferentes racionalidades agrícolas e distintos modos de compreender a produção de alimentos, o trabalho rural e a relação com a terra.

Nesse cenário, a presença de agricultores familiares que efetivamente produzem os alimentos comercializados torna-se particularmente significativa. Em meio à predominância crescente da intermediação comercial e da revenda de produtos oriundos de cadeias convencionais de abastecimento, experiências vinculadas à Agroecologia assumem caráter de resistência territorial, cultural e produtiva. A banca da família entrevistada destaca-se justamente por essa singularidade: comercializa mel do cerrado, mel no favo e alimentos produzidos na própria unidade familiar, sustentados por práticas de manejo ecológico, re-

cuperação de nascentes, diversificação produtiva e forte vínculo com os ciclos naturais do território.

A experiência analisada permite compreender que a agricultura familiar agroecológica não se constrói em contextos isolados ou idealizados, mas em espaços concretos atravessados por tensões, desigualdades e disputas econômicas. A feira observada evidencia justamente esse cenário contraditório, no qual coexistem formas distintas de produção e comercialização: de um lado, práticas orientadas pela lógica da revenda e da circulação convencional de mercadorias; de outro, experiências familiares fundamentadas no trabalho próprio, na valorização da biodiversidade, no cuidado ambiental e na construção de relações mais diretas entre produtor e consumidor.

Essa realidade torna-se especialmente relevante diante das transformações contemporâneas do espaço rural brasileiro. A expansão do agronegócio, a padronização produtiva, a crescente mercantilização dos alimentos e as dificuldades enfrentadas pela agricultura familiar têm intensificado os debates sobre permanência no campo, soberania alimentar e sustentabilidade territorial. Em contrapartida, diferentes estratégias de resistência vêm sendo construídas pelas populações rurais, especialmente por meio da valorização dos saberes territoriais, da diversificação produtiva e da construção de mercados locais vinculados à agricultura familiar.

É nesse contexto que a Agroecologia emerge como importante referencial teórico, político e epistemológico para compreender as experiências observadas na Feira do Engenho. Conforme Altieri (2012), a Agroecologia propõe uma abordagem sistêmica dos agroecossistemas, integrando dimensões ecológicas, sociais, econômicas, culturais e políticas da produção agrícola. Caporal e Costabeber (2004) reforçam que a Agroecologia ultrapassa a dimensão técnica da agricultura, constituindo-se como paradigma orientado pela sustentabilidade, pela autonomia produtiva e pela valorização dos conhecimentos historicamente construídos pelas populações do campo.

Estudos recentes demonstram que a Agroecologia apresenta caráter polissêmico, sendo compreendida simultaneamente como ciência, prática, movimento social e forma ampliada de produção do conhecimento. Essa com-

preensão amplia a análise dos processos produtivos rurais ao reconhecer que os conhecimentos agroecológicos não são produzidos exclusivamente nos espaços acadêmicos, mas também nas experiências territoriais, nas práticas cotidianas e na observação contínua dos ciclos da natureza (CANCELIER et al., 2025).

No caso estudado, a produção agrícola e a apicultura desenvolvidas pela família entrevistada revelam precisamente essa articulação entre experiência prática, leitura territorial e construção situada do conhecimento. O acompanhamento das floradas, das águas, das abelhas e dos ritmos ambientais demonstra que o manejo agroecológico envolve não apenas procedimentos técnicos, mas formas ampliadas de observação, interpretação e resposta aos processos vivos do território.

Sob essa perspectiva, a pesquisa dialoga diretamente com os fundamentos da Educação do Campo, que reconhece os sujeitos rurais como protagonistas da construção do conhecimento e valoriza os saberes produzidos historicamente pelas comunidades do campo. Conforme Caldart (2012) e Molina e Sá (2012), compreender os territórios rurais implica reconhecer suas experiências, temporalidades, formas de organização e modos próprios de produzir conhecimento.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar de que forma as práticas produtivas, os saberes territoriais, as relações sociais e a experiência apícola desenvolvida pela família entrevistada expressam princípios epistemológicos da Agroecologia e contribuem para a compreensão da permanência no campo, da resistência camponesa e da construção de territorialidades agroecológicas em contextos marcados pela coexistência entre agricultura familiar e lógica convencional de mercado.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como estudo de caso de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, vinculada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A abordagem qualitativa mostrou-se adequada por possibilitar com-

preensão aprofundada das experiências, percepções e práticas desenvolvidas pelos sujeitos em seus contextos territoriais específicos (MINAYO, 2014).

O estudo foi realizado na Feira do Engenho, localizada na região do Engenho das Lages, área rural do Gama, Distrito Federal, espaço caracterizado pela circulação de produtos oriundos da agricultura familiar, comercialização local e presença de diferentes formas de abastecimento agrícola. Participou da pesquisa o agricultor Edson Rogério Machado Bertoldo, 52 anos, agricultor familiar com trajetória vinculada à produção diversificada e à apicultura agroecológica.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, observação direta e registros em diário de campo. O roteiro contemplou questões relacionadas à trajetória familiar, práticas produtivas, manejo agroecológico, comercialização, territorialidade, desafios enfrentados e perspectivas para a agricultura familiar.

Os dados foram sistematizados e submetidos à análise qualitativa interpretativa, articulando as narrativas do entrevistado aos referenciais teóricos da Agroecologia, territorialidade, Educação do Campo, agricultura familiar e epistemologias do campo. A interpretação buscou identificar categorias relacionadas à reprodução social, diálogo de saberes, sustentabilidade, autonomia produtiva, leitura territorial e resistência camponesa.

A pesquisa observou os princípios éticos da Resolução nº 510/2016 e da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), garantindo participação voluntária e utilização das informações exclusivamente para fins acadêmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a Feira do Engenho constitui território socialmente heterogêneo, marcado pela coexistência entre produção familiar, revenda de mercadorias e práticas vinculadas à lógica convencional de abastecimento. Essa configuração demonstra que as feiras locais não podem ser compreendidas como espaços homogêneos de Agroecologia, mas como territórios em disputa, atravessados por racionalidades produtivas distintas e por tensões

relacionadas à comercialização, à circulação de alimentos e à valorização da agricultura familiar.

Nesse cenário, a experiência da família entrevistada assume singular relevância ao expressar formas concretas de resistência agroecológica em meio à predominância de práticas comerciais convencionais. A produção própria, o manejo ecológico e a comercialização de excedentes familiares diferenciam-se da lógica da intermediação, reforçando vínculos entre produção, território e trabalho familiar.

A trajetória do agricultor entrevistado evidencia forte transmissão intergeracional de conhecimentos. O aprendizado construído junto aos pais e avós demonstra a centralidade da família na formação dos saberes agrícolas e reforça a importância da transmissão cultural no interior das comunidades rurais. Tal realidade dialoga diretamente com a perspectiva da ecologia de saberes proposta por Santos (2006), segundo a qual diferentes formas de conhecimento coexistem e contribuem para a construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento.

A permanência no campo aparece, na narrativa do entrevistado, não apenas como necessidade econômica, mas como escolha existencial vinculada ao cuidado com a terra, à reconstrução dos vínculos familiares e à busca por formas mais equilibradas de vida. O território assume, assim, dimensão ampliada, deixando de ser apenas espaço físico da produção para constituir ambiente de pertencimento, memória, cuidado ambiental e reprodução social.

A organização produtiva da propriedade revela forte aproximação com os princípios agroecológicos. A diversificação dos cultivos, envolvendo mandioca, hortaliças, frutas, ovos, frangos e mel, demonstra preocupação com biodiversidade, sustentabilidade e redução da dependência de monocultivos. Conforme Altieri (2012), sistemas agrícolas diversificados apresentam maior estabilidade ecológica e maior capacidade de adaptação frente às transformações ambientais e climáticas.

As práticas de manejo relatadas evidenciam significativa integração entre produção agrícola e conservação ambiental. O uso de compostagem, cobertura vegetal, consórcios agrícolas, sistemas agroflorestais e recuperação de nascentes

tes demonstra compreensão ampliada do agroecossistema, no qual solo, água, biodiversidade e produção agrícola são concebidos de forma integrada. A recuperação das nascentes, particularmente, evidencia forte compromisso com sustentabilidade territorial e preservação ambiental.

A apicultura agroecológica constitui elemento central da experiência analisada. O crescimento do apiário e o desenvolvimento de técnicas próprias de multiplicação de enxames demonstram processo contínuo de construção do conhecimento baseado na observação dos ciclos naturais, das floradas, das águas e do comportamento das abelhas. Tal dinâmica revela que o conhecimento agroecológico não se limita à aplicação de técnicas externas, mas envolve leitura territorial, experimentação prática e interpretação sensível dos processos ecológicos.

A experiência observada permite ampliar a compreensão das bases epistemológicas da Agroecologia. A produção do conhecimento, nesse caso, ocorre por meio da articulação entre transmissão familiar, observação ambiental, manejo cotidiano, contemplação dos ciclos naturais e reelaboração permanente das práticas produtivas. Essa dimensão aproxima-se da compreensão da Agroecologia como epistemologia da escuta, da observação e do discernimento situado.

A feira também desempenha importante função educativa e sociocultural. As relações estabelecidas entre agricultores e consumidores ultrapassam a dimensão econômica da comercialização, envolvendo trocas de conhecimentos, explicações sobre o manejo produtivo e valorização dos alimentos produzidos pela agricultura familiar. Nesse sentido, a feira configura-se como território educativo e espaço de circulação de saberes.

Entretanto, os resultados também evidenciam desafios significativos enfrentados pela agricultura familiar agroecológica. Entre eles destacam-se as dificuldades de acesso às políticas públicas, os entraves burocráticos, a ausência de apoio institucional contínuo e a concorrência desigual com produtos convencionais comercializados a preços inferiores. Esses elementos demonstram que a permanência da agricultura familiar agroecológica depende não apenas das capacidades produtivas das famílias rurais, mas também de políticas públicas capazes de fortalecer circuitos locais de produção e comercialização.

Mesmo diante dessas dificuldades, a experiência analisada revela significativa capacidade de resistência e inovação. A construção de estratégias produtivas próprias, o fortalecimento da apicultura e a valorização territorial demonstram que a Agroecologia se afirma como alternativa concreta de desenvolvimento rural sustentável e permanência no campo.

CONCLUSÃO

O estudo realizado na Feira do Engenho permitiu compreender que as feiras da agricultura familiar constituem territórios complexos, atravessados por disputas entre diferentes modelos de produção, comercialização e relação com o território. A presença simultânea de práticas agroecológicas e de formas convencionais de intermediação comercial demonstra que a Agroecologia se desenvolve em contextos marcados por tensões, contradições e desigualdades estruturais.

A experiência da família entrevistada evidencia que a Agroecologia ultrapassa a dimensão técnica da produção agrícola, configurando-se como forma ampliada de relação com a terra, com os ciclos naturais e com a construção do conhecimento. A diversificação produtiva, o cuidado com a água, a recuperação das nascentes, o manejo apícola e a observação dos processos ecológicos demonstram a existência de racionalidade produtiva baseada no cuidado, na sustentabilidade e na valorização dos saberes territoriais.

Os resultados também revelam que a permanência no campo está profundamente associada à construção de territorialidades agroecológicas capazes de articular trabalho familiar, autonomia produtiva, vínculos comunitários e valorização ambiental. A apicultura desenvolvida pela família entrevistada expressa não apenas atividade econômica, mas estratégia concreta de resistência camponesa, inovação territorial e fortalecimento da agricultura familiar.

Conclui-se que a Agroecologia, no contexto estudado, manifesta-se simultaneamente como prática produtiva, epistemologia territorial e projeto de permanência no campo. Em meio às disputas territoriais e às pressões exercidas pela lógica convencional de mercado, a experiência analisada demonstra que a agricultura familiar agroecológica continua produzindo alternativas sustentáveis de vida, trabalho e relação com a natureza.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: AS-P-TA, 2012.

BRASIL. Lei n.º 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Brasília, DF: Presidência da República, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília, DF: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CANCELIER, Janete Webler et al. A condição polissêmica da Agroecologia: estudo de caso em uma turma de ensino superior. Revista Aracê, v. 7, n. 5, 2025.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciatura em Educação do Campo. Brasília: MDA, 2012.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 42-61, 2013.

CAPÍTULO 22

TERRITORIALIDADES AGROECOLÓGICAS E PERMANÊNCIA NO CAMPO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DA AGRICULTURA FAMILIAR NO POLO UAB PIRATINI

Liziany Müller
Ivanio Folmer
Janete Webler Cancelier
Mateus Gonçalves Silva
Tatiana Montagner Dalcin Bertoldo
Doi: 10.48209/978-65-5417-747-N

INTRODUÇÃO

O município de Piratini, localizado na região Sul do Rio Grande do Sul, possui trajetória histórica profundamente vinculada às territorialidades rurais, à agricultura familiar e aos modos de vida construídos pelas populações do campo. Reconhecido historicamente como a “Primeira Capital Farroupilha”, o município preserva fortes vínculos com a cultura camponesa, mantendo significativa presença de pequenas propriedades rurais organizadas a partir do trabalho familiar, da diversificação produtiva e da relação histórica entre terra, identidade e pertencimento territorial.

Em meio às transformações contemporâneas do espaço agrário brasileiro, marcadas pela expansão do agronegócio, pelas mudanças climáticas, pela modernização produtiva e pela redução gradual da população rural, inúmeras famílias agricultoras seguem construindo estratégias de permanência no campo fundamentadas nos saberes territoriais, na produção de alimentos e na valorização das relações comunitárias. Nesse contexto, a agricultura familiar permanece desempenhando papel estratégico na produção de alimentos, na conservação ambiental e na manutenção das territorialidades rurais.

As feiras da agricultura familiar assumem importância singular nesse cenário, configurando-se como espaços de comercialização, fortalecimento

econômico e circulação de saberes. Mais do que ambientes destinados à venda de alimentos, constituem territórios vivos de sociabilidade, produção cultural, fortalecimento comunitário e valorização das identidades rurais. Conforme Mascarenhas e Dolzani (2008), as feiras livres representam importantes territórios populares de circulação de conhecimentos, fortalecimento das territorialidades locais e construção de vínculos sociais entre produtores e consumidores.

Paralelamente, experiências vinculadas à produção orgânica, às hortaliças agroecológicas, às sementes crioulas e aos circuitos curtos de comercialização demonstram que a agricultura familiar continua produzindo formas alternativas de desenvolvimento territorial fundamentadas na sustentabilidade ambiental, na autonomia produtiva e na valorização dos saberes construídos historicamente pelas populações do campo.

Nesse cenário, a Agroecologia emerge como importante referencial científico, político e epistemológico para compreender as relações entre produção agrícola, sustentabilidade ambiental, soberania alimentar e territorialidade. Conforme Altieri (2012), a Agroecologia constitui abordagem sistêmica dos agroecossistemas, articulando dimensões ecológicas, econômicas, sociais, culturais e políticas da agricultura. Caporal e Costabeber (2004) reforçam que a Agroecologia ultrapassa a dimensão técnica da produção agrícola, configurando-se como racionalidade orientada pela valorização dos conhecimentos locais, da biodiversidade e da autonomia produtiva.

A condição polissêmica da Agroecologia amplia ainda mais essa compreensão. Estudos recentes desenvolvidos no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria demonstram que a Agroecologia pode ser compreendida simultaneamente como ciência, prática, movimento social e forma ampliada de produção do conhecimento, articulando experiências acadêmicas e saberes produzidos nos territórios rurais (CANCELLIER et al., 2025).

Sob essa perspectiva, a Educação do Campo contribui para reconhecer agricultores e agricultoras familiares como sujeitos históricos produtores de conhecimento. Conforme Caldart (2012) e Molina e Sá (2012), os territórios rurais constituem espaços educativos vivos, nos quais os saberes produzidos

pelas populações do campo desempenham papel central na construção das territorialidades, da cultura e da resistência social.

Foi a partir dessa compreensão que a disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, ofertada à Turma 5 da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculada ao Polo UAB Piratini, desenvolveu proposta pedagógica territorializada fundamentada na investigação de experiências agroecológicas e práticas da agricultura familiar.

As atividades envolveram entrevistas semiestruturadas com agricultores familiares, observação direta das dinâmicas territoriais e elaboração de relatos de caso narrativo-analíticos. Os estudos desenvolvidos contemplaram experiências relacionadas à Feira do Alemão, à produção de hortaliças orgânicas, às práticas agroecológicas familiares e aos circuitos curtos de comercialização desenvolvidos por agricultores familiares do município de Piratini e da região de Canguçu.

Diante desse contexto, o presente capítulo tem como objetivo analisar a experiência pedagógica desenvolvida na disciplina EAD2269 no Polo UAB Piratini, discutindo como os relatos produzidos pelos estudantes contribuíram para compreensão das territorialidades agroecológicas, dos saberes camponeses e das estratégias de permanência da agricultura familiar no campo.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como relato de experiência de abordagem qualitativa, natureza analítico-reflexiva e caráter exploratório, desenvolvido a partir das atividades pedagógicas realizadas na disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, vinculada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no âmbito da Turma 5 do Polo UAB Piratini.

A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar compreensão aprofundada das experiências, práticas produtivas, relações territoriais e formas de organização social construídas pelos agricultores familiares investi-

gados. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo das representações, experiências, crenças, valores e relações humanas socialmente construídas.

A proposta metodológica fundamentou-se nos pressupostos da Educação do Campo, da Agroecologia e da pesquisa participante, compreendendo agricultores e agricultoras familiares como sujeitos históricos produtores de conhecimento. Conforme Freire (2021), o conhecimento emerge da relação crítica entre sujeitos e realidade concreta, sendo construído por meio do diálogo, da escuta e da problematização das experiências vividas.

As atividades foram organizadas em diferentes etapas. Inicialmente, os estudantes realizaram estudos teóricos sobre Agroecologia, territorialidade, agricultura familiar, soberania alimentar, circuitos curtos de comercialização e desenvolvimento territorial sustentável, dialogando com autores como Altieri (2012), Caporal e Costabeber (2004), Gliessman (2009), Ploeg (2008), Caldart (2012), Haesbaert (2021), Leff (2015) e Wanderley (2014).

Posteriormente, os estudantes desenvolveram atividades territorializadas junto à Feira do Alemão, em Piratini, e junto a experiências de produção orgânica e agricultura familiar localizadas no município de Canguçu/RS. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observação direta e registros em diário de campo, contemplando questões relacionadas à trajetória familiar, práticas produtivas, manejo agroecológico, comercialização, sucessão rural, territorialidade, políticas públicas, mudanças climáticas e permanência no campo.

As experiências analisadas envolveram agricultores familiares vinculados à produção de hortaliças orgânicas, circuitos curtos de comercialização, produção agroecológica diversificada e participação em feiras da agricultura familiar. Os relatos contemplaram experiências relacionadas à Feira do Alemão, à produção de hortaliças orgânicas, à comercialização direta e à participação em programas institucionais como PAA e PNAE.

Os relatos produzidos pelos estudantes foram sistematizados em formato de estudos de caso narrativo-analíticos, articulando os dados empíricos aos referenciais teóricos discutidos na disciplina. Essa etapa possibilitou transformar experiências territoriais em produção acadêmica, fortalecendo processos de au-

toria estudantil, pesquisa crítica e valorização dos sujeitos do campo enquanto produtores legítimos de conhecimento.

A análise interpretativa fundamentou-se na compreensão de que os territórios rurais constituem espaços vivos de produção do conhecimento, identidade, cultura e resistência social. Os dados foram organizados em categorias relacionadas à Agroecologia, territorialidade, sucessão rural, soberania alimentar, sementes crioulas, circuitos curtos de comercialização, sustentabilidade ambiental e permanência no campo.

A pesquisa observou os princípios éticos previstos na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e na Lei Geral de Proteção de Dados – LGPD (Lei nº 13.709/2018), garantindo participação voluntária dos sujeitos entrevistados e utilização das informações exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência pedagógica desenvolvida na disciplina EAD2269 revelou a potência das atividades territorializadas como estratégias de formação crítica, investigativa e socialmente referenciada na Licenciatura em Educação do Campo. Os relatos produzidos pelos estudantes evidenciaram que a Agroecologia se manifesta concretamente nos modos de vida, nas práticas produtivas, nas relações comunitárias e nas estratégias de resistência construídas pelas populações rurais em seus territórios.

Os estudos desenvolvidos junto à Feira do Alemão demonstraram que as feiras da agricultura familiar ultrapassam amplamente a dimensão econômica da comercialização agrícola. Configuram-se como territórios educativos, culturais e políticos, onde circulam saberes, memórias, práticas produtivas e formas coletivas de organização social.

Os relatos evidenciaram que a feira constitui importante espaço de fortalecimento comunitário, valorização da produção agrícola local e construção de vínculos entre agricultores e consumidores. A comercialização direta fortalece os circuitos curtos de comercialização e reduz a dependência de

intermediários, contribuindo para ampliação da autonomia econômica das famílias agricultoras.

Outro aspecto fortemente presente nas experiências analisadas refere-se à transmissão intergeracional dos saberes agrícolas. Os agricultores entrevistados relataram que aprenderam as práticas de cultivo, manejo do solo, conservação de sementes e organização produtiva junto aos pais e avós, demonstrando que os conhecimentos rurais continuam sendo produzidos por meio da oralidade, da convivência familiar e da experiência cotidiana no território.

As experiências relacionadas à produção de hortaliças orgânicas revelaram significativa aproximação com os princípios agroecológicos, especialmente no que se refere à redução do uso de agrotóxicos, à valorização dos conhecimentos locais e à observação dos ciclos naturais. A utilização do calendário lunar para definição dos períodos de plantio demonstra importante articulação entre agricultura, natureza e saberes territoriais.

Os relatos também evidenciaram importantes processos de transição agroecológica. Em algumas experiências investigadas, os agricultores abandonaram gradualmente o uso de agrotóxicos e passaram a adotar práticas como rotação de culturas, adubação orgânica, compostagem, cobertura do solo e preservação de sementes crioulas. Essas práticas demonstram que a Agroecologia constitui processo contínuo de transformação técnica, ambiental e cultural dos modos de produção agrícola.

Outro aspecto relevante refere-se à diversificação produtiva presente nas propriedades analisadas. Foram identificados sistemas agrícolas envolvendo produção de hortaliças, frutas, milho, feijão, batata-doce, doces, licores artesanais e criação animal. Essa diversidade produtiva representa importante estratégia de sustentabilidade econômica, segurança alimentar e adaptação às mudanças climáticas. Conforme Altieri (2012), agroecossistemas biodiversos apresentam maior estabilidade ecológica e maior capacidade de adaptação diante das transformações ambientais contemporâneas.

As experiências investigadas também evidenciaram importantes articulações entre agricultura familiar e políticas públicas voltadas ao fortalecimento da produção familiar. A participação em programas como Programa Nacional

de Alimentação Escolar (PNAE) e Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) revelou-se estratégica para fortalecimento econômico das famílias agricultoras e ampliação das possibilidades de comercialização da produção local.

Outro elemento fortemente presente nos relatos refere-se à dimensão cultural das feiras e da agricultura familiar. As relações estabelecidas entre agricultores e consumidores envolvem vínculos de confiança, troca de experiências, partilha de conhecimentos e valorização da produção local. A feira aparece não apenas como espaço econômico, mas também como território de convivência, identidade e pertencimento territorial.

Os relatos também evidenciaram importantes desafios enfrentados pela agricultura familiar contemporânea. Entre eles destacam-se as mudanças climáticas, a seca recorrente, o aumento dos custos de produção, a dificuldade de acesso às políticas públicas, a ausência de assistência técnica permanente e o êxodo rural.

A preocupação com a permanência das novas gerações no campo surgiu de forma recorrente nas entrevistas. Os agricultores destacaram as dificuldades enfrentadas pela juventude rural e a crescente redução do número de pessoas dispostas a permanecer na agricultura familiar. Essa realidade aproxima-se das discussões contemporâneas sobre envelhecimento das populações rurais e fragilização das territorialidades camponesas.

Apesar dessas dificuldades, as experiências analisadas demonstram significativa capacidade de resistência e adaptação construída pelas famílias agricultoras. A permanência na agricultura, a continuidade da participação nas feiras e a valorização dos territórios revelam que a agricultura familiar permanece desempenhando papel estratégico na produção de alimentos, na conservação ambiental e na manutenção das territorialidades rurais.

Do ponto de vista pedagógico, a experiência fortaleceu processos de autoria estudantil, pesquisa crítica e articulação entre teoria e prática. Os estudantes puderam compreender os agricultores familiares como sujeitos históricos produtores de conhecimento e reconhecer os territórios rurais como espaços vivos de aprendizagem e produção científica socialmente referenciada.

Nesse sentido, os resultados demonstram que ensinar e aprender na Educação do Campo exige reconhecer os territórios rurais como espaços vivos de produção do conhecimento, formação humana e construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento territorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida na disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia evidenciou a potência das atividades territorializadas como estratégias de formação crítica, investigativa e emancipatória na Licenciatura em Educação do Campo.

Os relatos produzidos pelos estudantes do Polo UAB Piratini demonstraram que as feiras da agricultura familiar, a produção orgânica e as práticas agroecológicas constituem importantes espaços de fortalecimento das territorialidades rurais, da soberania alimentar e da permanência das famílias no campo.

As experiências analisadas evidenciaram a relevância da diversificação produtiva, da valorização dos conhecimentos locais, da preservação das sementes crioulas, da produção orgânica e dos circuitos curtos de comercialização para fortalecimento da agricultura familiar e construção de formas sustentáveis de desenvolvimento rural.

Ao mesmo tempo, os relatos revelaram desafios importantes relacionados às mudanças climáticas, à ausência de apoio institucional, ao êxodo rural e às dificuldades enfrentadas pela agricultura familiar contemporânea.

Do ponto de vista formativo, a experiência possibilitou fortalecer processos de pesquisa, autoria estudantil e produção de conhecimento socialmente referenciado, aproximando os estudantes das realidades concretas das populações rurais e reafirmando o compromisso da Educação do Campo com valorização dos territórios e sujeitos do campo.

Conclui-se que a Agroecologia, no contexto analisado, manifesta-se não apenas como técnica produtiva, mas como prática social, epistemológica e territorial comprometida com sustentabilidade ambiental, soberania alimentar, resistência camponesa e fortalecimento das territorialidades rurais.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRASIL. Lei nº 10.696, de 2 de julho de 2003. Institui o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 3 jul. 2003.

BRASIL. Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 17 jun. 2009.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 15 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 24 maio 2016.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CANCELIER, Janete Webler et al. A condição polissêmica da Agroecologia: estudo de caso em uma turma de ensino superior. Revista Aracê, v. 7, n. 5, 2025.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 2, n. 4, p. 72-87, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciatura em Educação do Campo. Brasília: MDA, 2012.

PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n. 21, p. 42-61, 2003.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer; WOORTMANN, Klaas. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: UnB, 1997.

CAPÍTULO 23

TERRITORIALIDADES AGROECOLÓGICAS, PRODUÇÃO ORGÂNICA E PERMANÊNCIA NO CAMPO: SABERES FAMILIARES E CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO EM CANGUÇU (RS)

Juliana Gomes De Figueredo Garcia

Mauro Sérgio Duarte de Azevedo

Shaiane Araújo Nunes

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-0

INTRODUÇÃO

No município de Canguçu, localizado na região Sul do Rio Grande do Sul, a agricultura familiar constitui elemento central da organização econômica, social e cultural do território. Reconhecido nacionalmente pela expressiva presença de pequenas propriedades rurais, o município apresenta forte identidade agrícola vinculada à produção familiar, à diversificação produtiva e à manutenção de modos de vida historicamente construídos no campo. Nesse cenário, as feiras de comercialização direta assumem importância estratégica não apenas para a geração de renda, mas também para a circulação de saberes, fortalecimento das territorialidades rurais e valorização da produção local.

Em meio às transformações contemporâneas do espaço rural brasileiro, marcadas pela expansão do agronegócio, pela padronização produtiva, pelas mudanças climáticas e pela crescente mercantilização da alimentação, a agricultura familiar enfrenta desafios estruturais relacionados à permanência das populações no campo, à sucessão geracional e à sustentabilidade dos sistemas produtivos. Em contrapartida, diferentes experiências agroecológicas e formas alternativas de comercialização têm emergido como estratégias de resistência territorial e fortalecimento da autonomia das famílias agricultoras.

Nesse contexto, a produção orgânica e agroecológica de alimentos ganha relevância ao propor formas de cultivo fundamentadas na conservação ambiental, na valorização dos conhecimentos locais e na produção de alimentos saudáveis. Conforme Altieri (2012), a Agroecologia constitui abordagem sistêmica capaz de integrar dimensões ecológicas, econômicas, sociais, culturais e políticas da agricultura, articulando sustentabilidade ambiental e justiça social. Caporal e Costabeber (2004) destacam que a Agroecologia ultrapassa a dimensão técnica da produção agrícola, constituindo-se como paradigma orientado pela valorização dos saberes territoriais, da biodiversidade e da autonomia produtiva.

As experiências agroecológicas desenvolvidas pela agricultura familiar revelam que a produção de alimentos envolve muito mais do que aspectos estritamente econômicos. Os modos de cultivo, as formas de organização do trabalho, as relações comunitárias e os conhecimentos transmitidos entre gerações demonstram a existência de territorialidades específicas, construídas a partir da interação entre família, trabalho, natureza e cultura. Nesse sentido, a produção agrícola constitui também espaço de produção de saberes, identidades e formas próprias de relação com o território.

A condição polissêmica da Agroecologia amplia ainda mais essa compreensão. Estudos recentes desenvolvidos no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria demonstram que a Agroecologia pode ser compreendida simultaneamente como ciência, prática, movimento social e forma ampliada de construção do conhecimento, articulando experiências acadêmicas e saberes construídos pelas populações do campo (CANCELIER et al., 2025).

Sob essa perspectiva, as feiras da agricultura familiar assumem papel relevante enquanto territórios educativos e espaços de circulação de conhecimentos. Mais do que ambientes de comercialização, constituem espaços de sociabilidade, fortalecimento comunitário, trocas culturais e valorização da identidade camponesa. Mascarenhas e Dolzani (2008) afirmam que as feiras livres representam importantes espaços de territorialidade popular, nos quais se constroem vínculos sociais, culturais e econômicos entre agricultores e consumidores.

A experiência analisada neste estudo torna-se particularmente significativa por evidenciar a articulação entre produção familiar, práticas agroecológicas, comercialização direta e permanência no campo. A trajetória da agricultora entrevistada demonstra como os conhecimentos transmitidos entre gerações podem dialogar com conhecimentos técnicos, produzindo formas sustentáveis de manejo agrícola e fortalecimento da agricultura familiar.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar de que forma os saberes familiares, as práticas produtivas, as relações sociais e os circuitos curtos de comercialização desenvolvidos pela agricultora entrevistada contribuem para a construção de territorialidades agroecológicas e para a permanência da agricultura familiar no campo, considerando as interfaces entre Agroecologia, sustentabilidade e desenvolvimento rural.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como estudo de caso de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, vinculada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), polo Piratini.

A abordagem qualitativa mostrou-se adequada por possibilitar compreensão aprofundada das experiências, práticas e significados atribuídos pela agricultora entrevistada ao trabalho agrícola, à feira e às relações construídas no território. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, das experiências, das crenças e dos valores, permitindo compreender dimensões da realidade social que não podem ser reduzidas a dados quantitativos.

O estudo foi realizado no município de Canguçu, Rio Grande do Sul, junto à feira própria da família agricultora entrevistada. Participou da pesquisa Letícia Seefeldt Borges, agricultora familiar de 29 anos, residente na localidade Lagoa dos Pereira, 1º Distrito de Canguçu, com aproximadamente vinte anos de atuação na agricultura e quinze anos de experiência em feiras de comercialização direta.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, observação direta e registros em diário de campo. O roteiro contemplou questões relacionadas à trajetória familiar, organização produtiva, manejo agrícola, práticas agroecológicas, relações com consumidores, participação na feira, desafios enfrentados e perspectivas para a agricultura familiar.

Os dados foram sistematizados e submetidos à análise qualitativa interpretativa, utilizando-se como referência a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). A interpretação foi realizada em diálogo com os referenciais teóricos da Agroecologia, territorialidade, agricultura familiar, Educação do Campo e desenvolvimento rural sustentável.

A pesquisa observou os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e pela Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei nº 13.709/2018), garantindo participação voluntária e utilização das informações exclusivamente para fins acadêmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a experiência produtiva desenvolvida pela agricultora entrevistada articula elementos centrais da agricultura familiar, da Agroecologia e da permanência no campo. A trajetória de Letícia Seefeldt Borges demonstra que os processos de produção agrícola envolvem não apenas aspectos técnicos e econômicos, mas também relações familiares, transmissão de saberes, vínculos territoriais e construção de identidades rurais.

A relação da entrevistada com a agricultura iniciou ainda na infância, a partir da convivência cotidiana com pais e avós agricultores. O aprendizado construído no interior da unidade familiar evidencia a centralidade da transmissão intergeracional de conhecimentos na constituição dos saberes agrícolas camponeses. Conforme Woortmann e Woortmann (1997), o saber camponês não se constrói exclusivamente por meio da educação formal, mas no fazer cotidiano, na observação, na experiência prática e na convivência comunitária.

Ao longo do tempo, os conhecimentos tradicionais herdados da família passaram a dialogar com a formação técnica agrícola obtida pela entrevistada.

Essa articulação entre saberes tradicionais e conhecimentos técnicos constitui elemento central das epistemologias agroecológicas, que reconhecem a importância do diálogo de saberes na construção de sistemas produtivos sustentáveis (GLIESSMAN, 2009).

A organização produtiva da propriedade revela significativa diversificação agrícola, envolvendo culturas como batata-doce, abóbora, brócolis, couve-flor, pepino, melão, tomate, cebola, pimentão, beterraba e morango. A diversificação produtiva representa importante estratégia de sustentabilidade econômica, segurança alimentar e redução de riscos climáticos e produtivos. Conforme Altieri (2012), agroecossistemas biodiversos apresentam maior estabilidade ecológica e maior capacidade de adaptação diante das transformações ambientais contemporâneas.

As práticas de manejo desenvolvidas pela família demonstram aproximações importantes com os princípios agroecológicos. A utilização de rotação de culturas, cobertura do solo, consórcios agrícolas, irrigação própria e produção em estufas evidencia preocupação com a conservação dos recursos naturais e com a sustentabilidade produtiva. Particularmente significativa é a decisão da família de eliminar o uso de agrotóxicos, motivada pela preocupação em produzir alimentos mais saudáveis para os consumidores.

Embora a adubação utilizada ainda seja convencional, a experiência observada demonstra processo gradual de transição agroecológica. Conforme Caporal e Costabeber (2004), a transição agroecológica não ocorre de forma linear ou imediata, mas constitui processo contínuo de transformação técnica, ambiental, social e cultural das formas de produção agrícola.

A preservação das nascentes existentes na propriedade revela forte compromisso ambiental da família agricultora. A manutenção da vegetação ao redor das fontes de água demonstra compreensão integrada do território e dos recursos naturais, aproximando-se dos princípios ecológicos da Agroecologia.

A feira constitui elemento central na reprodução social da família entrevistada. Mais do que espaço de comercialização, representa território de sociabilidade, construção de vínculos afetivos e fortalecimento identitário. A

entrevistada destaca que muitos consumidores tornaram-se amigos ao longo dos anos, evidenciando que os circuitos curtos de comercialização produzem relações sociais que ultrapassam a lógica estritamente mercantil.

Essa dinâmica confirma as reflexões de Mascarenhas e Dolzani (2008), que compreendem as feiras como espaços de territorialidade popular, circulação de saberes e fortalecimento das identidades locais. Schneider e Gazolla (2017) também destacam que os circuitos curtos de comercialização fortalecem relações de confiança entre produtores e consumidores, contribuindo para a sustentabilidade econômica e social da agricultura familiar.

Os resultados também evidenciam desafios significativos enfrentados pela agricultura familiar contemporânea. As mudanças climáticas aparecem como principal preocupação da entrevistada, especialmente em relação às perdas provocadas por excesso de chuva, calor intenso e instabilidade climática. Essa percepção aproxima-se das análises do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC, 2016), que apontam a agricultura familiar como um dos segmentos mais vulneráveis aos impactos ambientais e climáticos.

Outro aspecto relevante refere-se à ausência de acesso a políticas públicas voltadas à agricultura familiar. A inexistência de participação em programas como PAA, PNAE e assistência técnica institucional demonstra fragilidades estruturais ainda presentes no meio rural brasileiro. Apesar disso, a família construiu estratégias próprias de fortalecimento produtivo, investindo em infraestrutura, estufas, irrigação e transporte próprio.

Mesmo diante das dificuldades, a entrevistada manifesta forte vínculo com o território e não demonstra intenção de abandonar a agricultura. A permanência no campo aparece associada não apenas à geração de renda, mas também à identidade, ao pertencimento e à valorização do trabalho agrícola. Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Wanderley (2003), que compreende a agricultura familiar como modo de vida articulado à construção de territorialidades específicas.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu compreender que a experiência produtiva desenvolvida pela agricultora entrevistada ultrapassa a dimensão estritamente econômica da agricultura, configurando-se como experiência de construção de territorialidades agroecológicas, valorização dos saberes familiares e fortalecimento da permanência no campo.

Os resultados evidenciaram que a produção agrícola familiar articula conhecimentos tradicionais, formação técnica, sustentabilidade ambiental e relações comunitárias, demonstrando a complexidade dos processos produtivos rurais contemporâneos. A trajetória da entrevistada revela que os saberes construídos no interior das famílias agricultoras continuam desempenhando papel central na organização da produção e na construção de estratégias de adaptação às transformações ambientais e econômicas.

As práticas de manejo desenvolvidas pela família demonstram processo significativo de transição agroecológica, especialmente no que se refere à eliminação do uso de agrotóxicos, à diversificação produtiva, à preservação das nascentes e à valorização da produção de alimentos saudáveis. Tais elementos evidenciam aproximações concretas com os princípios da Agroecologia e com a construção de formas mais sustentáveis de desenvolvimento rural.

A feira revelou-se espaço estratégico para a reprodução social da agricultura familiar, fortalecendo vínculos entre produtores e consumidores, promovendo circuitos curtos de comercialização e valorizando as territorialidades rurais. Mais do que ambiente econômico, constitui espaço de sociabilidade, troca de saberes e fortalecimento identitário.

Entretanto, os desafios relacionados às mudanças climáticas, à ausência de políticas públicas e às dificuldades estruturais enfrentadas pela agricultura familiar demonstram a necessidade de ampliação das ações de apoio institucional, assistência técnica e fortalecimento dos mercados locais.

Conclui-se que a experiência analisada evidencia a importância da agricultura familiar agroecológica como estratégia de permanência no campo, produção de alimentos saudáveis e fortalecimento de formas sustentáveis de de-

envolvimento rural. Em um contexto marcado por profundas transformações ambientais e sociais, experiências dessa natureza tornam-se fundamentais para a construção de sistemas alimentares mais justos, sustentáveis e territorialmente comprometidos.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 15 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 24 maio 2016.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CANCELIER, Janete Webler et al. A condição polissêmica da Agroecologia: estudo de caso em uma turma de ensino superior. Revista Aracê, v. 7, n. 5, 2025.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 2, n. 4, p. 72-87, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PBMC – PAINEL BRASILEIRO DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS. Impactos, vulnerabilidades e adaptação às mudanças climáticas. Brasília: PBMC, 2016.

SCHNEIDER, Sergio; GAZOLLA, Marcio (org.). Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n. 21, p. 42-61, 2003.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer; WOORTMANN, Klaas. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: UnB, 1997.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

CAPÍTULO 24

SABERES DA TERRA E PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA: ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA DA AGRICULTURA FAMILIAR EM CANGUÇU (RS)

Janaína Guterres da Silva

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-P

INTRODUÇÃO

No município de Canguçu, localizado na região Sul do Rio Grande do Sul, a agricultura familiar constitui um dos principais elementos estruturantes da organização econômica, social e cultural do território. Reconhecido nacionalmente pela expressiva concentração de pequenas propriedades rurais, o município mantém forte identidade agrícola vinculada à produção familiar, à diversificação produtiva e à permanência histórica das populações rurais no campo. Nesse contexto, os modos de produção desenvolvidos pelas famílias agricultoras ultrapassam a dimensão estritamente econômica da agricultura, articulando saberes tradicionais, relações comunitárias, territorialidades rurais e formas específicas de interação com a natureza.

A permanência das populações rurais no campo constitui um dos principais desafios contemporâneos do desenvolvimento rural brasileiro. As transformações provocadas pela modernização agrícola, pela expansão do agronegócio, pela padronização produtiva e pelas mudanças climáticas têm intensificado processos de vulnerabilização da agricultura familiar, especialmente entre pequenos produtores rurais. Em contrapartida, experiências agroecológicas e formas alternativas de comercialização têm se consolidado como importantes estratégias de resistência territorial, fortalecimento econômico e valorização da produção local.

Nesse cenário, a Agroecologia emerge como importante referencial teórico, político e epistemológico para compreender as relações entre produção agrícola, sustentabilidade ambiental e reprodução social das populações rurais. Conforme Altieri (2012), a Agroecologia constitui abordagem sistêmica dos agroecossistemas, articulando dimensões ecológicas, sociais, econômicas, culturais e políticas da agricultura. Caporal e Costabeber (2004) reforçam que a Agroecologia ultrapassa a dimensão técnica da produção agrícola, configurando-se como paradigma voltado à construção de sistemas sustentáveis de produção fundamentados na valorização dos saberes locais, na conservação ambiental e na autonomia produtiva das famílias agricultoras.

As experiências agroecológicas desenvolvidas pela agricultura familiar demonstram que os conhecimentos construídos historicamente pelas populações do campo continuam desempenhando papel central na organização dos sistemas produtivos rurais. A transmissão intergeracional de saberes, a observação dos ciclos naturais, o manejo sustentável do solo e da água e a diversificação produtiva revelam formas específicas de construção do conhecimento vinculadas ao território e às experiências cotidianas das famílias agricultoras.

Estudos recentes desenvolvidos no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria demonstram que a Agroecologia apresenta caráter polissêmico, sendo compreendida simultaneamente como ciência, prática, movimento social e forma ampliada de produção do conhecimento. Essa condição polissêmica amplia a compreensão dos processos agroecológicos ao reconhecer a legitimidade dos conhecimentos produzidos pelas populações rurais e sua relevância para a construção de formas sustentáveis de desenvolvimento territorial (CANCELIER et al., 2025).

Sob essa perspectiva, as feiras da agricultura familiar e os circuitos curtos de comercialização assumem relevância estratégica na construção de territorialidades rurais sustentáveis. Mais do que espaços econômicos, as feiras constituem ambientes de sociabilidade, circulação de saberes, fortalecimento comunitário e valorização cultural. As relações estabelecidas entre agricultores e consumidores contribuem para a construção de vínculos de confiança, reconhecimento social e valorização da produção local.

A experiência da agricultora Maria Emília torna-se particularmente significativa nesse contexto. Sua trajetória produtiva evidencia a articulação entre agricultura familiar, práticas agroecológicas, diversificação produtiva, sustentabilidade ambiental e participação em políticas públicas voltadas ao fortalecimento da produção familiar. A propriedade analisada demonstra que a construção de formas sustentáveis de agricultura envolve não apenas técnicas produtivas, mas também relações territoriais, conhecimentos familiares e estratégias de permanência no campo.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar a produção agroecológica desenvolvida pela agricultora Maria Emília, destacando suas práticas sustentáveis, estratégias de comercialização e participação em políticas públicas voltadas à agricultura familiar, buscando compreender de que forma essa experiência contribui para o fortalecimento das territorialidades rurais, da sustentabilidade ambiental e da permanência das famílias no campo.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como estudo de caso de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, desenvolvido no âmbito da disciplina de Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, vinculada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A abordagem qualitativa mostrou-se adequada por possibilitar compreensão aprofundada das experiências, práticas e significados atribuídos pela agricultora entrevistada às atividades produtivas, às relações territoriais e às estratégias de comercialização desenvolvidas na propriedade. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa permite compreender o universo dos significados, das experiências, das crenças e dos valores construídos pelos sujeitos em seus contextos sociais e culturais.

O estudo foi realizado no município de Canguçu, Rio Grande do Sul, junto à propriedade rural da agricultora Maria Emília, cuja produção está vinculada à agricultura familiar e a práticas agroecológicas de manejo. A coleta de dados ocorreu por meio de observação direta, entrevista semiestruturada e levantamento de informações relacionadas à organização produtiva, às práticas

agrícolas, às formas de comercialização e à participação em políticas públicas voltadas à agricultura familiar.

O roteiro de entrevista contemplou questões relacionadas à trajetória familiar, produção agrícola, manejo sustentável, comercialização, participação em programas governamentais, desafios enfrentados e perspectivas para a agricultura familiar. Os dados foram sistematizados e submetidos à análise qualitativa interpretativa, utilizando-se como referência a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

A interpretação foi realizada em diálogo com os referenciais teóricos da Agroecologia, territorialidade, agricultura familiar e desenvolvimento rural sustentável, buscando compreender as relações estabelecidas entre práticas produtivas, sustentabilidade ambiental, valorização dos saberes locais e permanência das populações rurais no campo.

A pesquisa observou os princípios éticos das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, assegurando a utilização das informações exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a experiência produtiva desenvolvida pela agricultora Maria Emília constitui importante exemplo de articulação entre agricultura familiar, Agroecologia, sustentabilidade ambiental e permanência no campo. A organização produtiva da propriedade demonstra que a diversificação agrícola, associada à valorização dos recursos naturais e à inserção em mercados locais, pode fortalecer economicamente as famílias agricultoras e ampliar as possibilidades de desenvolvimento rural sustentável.

A trajetória da agricultora revela forte vínculo com o território e com os saberes construídos no interior da unidade familiar. O aprendizado relacionado às práticas agrícolas foi desenvolvido ao longo da convivência cotidiana com a família e das experiências acumuladas no trabalho rural. Essa transmissão intergeracional de conhecimentos demonstra que os saberes camponeses continuam desempenhando papel fundamental na organização produtiva da agricultura

familiar. Conforme Woortmann e Woortmann (1997), o saber agrícola camponês constitui forma específica de construção do conhecimento baseada na experiência, na observação e na relação direta com a terra e os ciclos naturais.

A propriedade apresenta significativa diversificação produtiva, envolvendo hortaliças, milho, feijão, temperos naturais, doces e licores artesanais. A diversidade de cultivos constitui importante estratégia de sustentabilidade econômica e ecológica, reduzindo riscos produtivos e fortalecendo a segurança alimentar da família agricultora. Segundo Altieri (2012), sistemas agrícolas biodiversos apresentam maior estabilidade ecológica e maior capacidade de adaptação diante das transformações ambientais contemporâneas.

As práticas de manejo desenvolvidas na propriedade demonstram aproximações importantes com os princípios agroecológicos. A utilização de rotação de culturas, o uso racional da água, o cuidado com a fertilidade do solo e a redução do uso de agrotóxicos evidenciam preocupação com sustentabilidade ambiental e conservação dos recursos naturais. Essas práticas reforçam a compreensão da Agroecologia como abordagem integrada dos agroecossistemas, orientada pela valorização da biodiversidade e pela manutenção dos processos ecológicos naturais.

Outro aspecto relevante refere-se à utilização exclusiva da mão de obra familiar nas atividades produtivas. Essa característica evidencia a centralidade da família na organização da produção agrícola e reforça a compreensão da agricultura familiar como forma específica de articulação entre trabalho, território e reprodução social. Conforme Neves (2012), a agricultura familiar caracteriza-se justamente pela integração entre unidade produtiva e organização familiar, constituindo forma singular de produção agrícola vinculada à construção de territorialidades próprias.

A experiência observada também demonstra importante articulação entre conhecimentos tradicionais e saberes técnico-científicos. Os conhecimentos adquiridos ao longo da experiência prática dialogam com novas técnicas sustentáveis incorporadas gradualmente à propriedade. Essa dinâmica aproxima-se da perspectiva agroecológica do diálogo de saberes, que reconhece a legitimidade

dos conhecimentos produzidos pelas populações rurais e sua relevância para a construção de formas sustentáveis de desenvolvimento rural.

A comercialização dos produtos ocorre por meio de feiras locais, redes sociais, vendas telefônicas e participação em programas governamentais voltados à agricultura familiar. A inserção da propriedade no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) constitui elemento estratégico para fortalecimento econômico da família agricultora e ampliação das possibilidades de comercialização da produção familiar.

As políticas públicas voltadas à agricultura familiar desempenham papel relevante na construção de estratégias de permanência no campo. O PNAE e o PAA fortalecem mercados institucionais para os agricultores familiares, promovendo segurança econômica, valorização da produção local e fortalecimento da segurança alimentar. Além disso, tais programas contribuem para redução da dependência de intermediários comerciais e fortalecimento dos circuitos curtos de comercialização.

A feira constitui importante espaço de sociabilidade e valorização da produção familiar. As relações estabelecidas entre agricultores e consumidores ultrapassam a dimensão econômica da comercialização, envolvendo trocas de experiências, fortalecimento comunitário e valorização dos alimentos produzidos localmente. Nesse sentido, os circuitos curtos de comercialização contribuem para fortalecimento das territorialidades rurais e ampliação da autonomia das famílias agricultoras.

A propriedade analisada também evidencia perspectivas de ampliação das atividades produtivas por meio do turismo rural. Essa estratégia demonstra a busca por diversificação das fontes de renda e fortalecimento das territorialidades rurais, articulando produção agrícola, cultura local e valorização do espaço rural como ambiente de convivência, memória e sociabilidade.

Entretanto, os resultados também revelam desafios enfrentados pela agricultura familiar contemporânea. As mudanças climáticas aparecem como importante preocupação da agricultora, especialmente em relação aos impactos provocados por períodos de estiagem, excesso de chuvas e instabilidade climá-

tica. Essa realidade evidencia a vulnerabilidade dos pequenos produtores rurais diante das transformações ambientais contemporâneas.

Mesmo diante dessas dificuldades, a experiência analisada demonstra significativa capacidade de resistência, inovação e adaptação. A permanência da família no campo, associada à adoção de práticas sustentáveis e à valorização da produção familiar, evidencia que a Agroecologia constitui alternativa concreta para fortalecimento da agricultura familiar e construção de formas mais sustentáveis de desenvolvimento territorial.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu compreender que a experiência produtiva desenvolvida pela agricultora Maria Emília ultrapassa a dimensão estritamente econômica da agricultura, configurando-se como importante experiência de fortalecimento das territorialidades rurais, da Agroecologia e da permanência das famílias no campo.

Os resultados demonstraram que a diversificação produtiva, a valorização da mão de obra familiar, a adoção de práticas sustentáveis e a participação em políticas públicas constituem elementos centrais para fortalecimento da agricultura familiar e construção de estratégias de desenvolvimento rural sustentável.

As práticas agrícolas desenvolvidas na propriedade evidenciam aproximações significativas com os princípios agroecológicos, especialmente no que se refere à conservação ambiental, à redução do uso de agrotóxicos, à preservação do solo e ao uso racional dos recursos naturais. Tais elementos reforçam a compreensão da Agroecologia como paradigma capaz de integrar sustentabilidade ambiental, produção de alimentos saudáveis e fortalecimento territorial.

A participação em programas governamentais como PNAE e PAA mostrou-se fundamental para fortalecimento econômico da propriedade e ampliação das possibilidades de comercialização da produção familiar. Além disso, a experiência evidencia que políticas públicas voltadas à agricultura familiar desempenham papel estratégico na promoção da segurança alimentar, valorização da produção local e permanência das populações no campo.

Conclui-se que a experiência analisada demonstra a relevância da agricultura familiar agroecológica como estratégia de resistência territorial, conservação ambiental e construção de formas mais sustentáveis de desenvolvimento rural. Em um contexto marcado por profundas transformações sociais, econômicas e ambientais, experiências dessa natureza tornam-se fundamentais para fortalecimento das populações rurais e promoção de sistemas alimentares mais justos, sustentáveis e territorialmente comprometidos.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 10.696, de 2 de julho de 2003. Institui o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 3 jul. 2003.

BRASIL. Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 17 jun. 2009.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CANCELIER, Janete Webler et al. A condição polissêmica da Agroecologia: estudo de caso em uma turma de ensino superior. Revista Aracê, v. 7, n. 5, 2025.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura familiar. In: CALDART, Roseli Salete et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer; WOORTMANN, Klaas. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: UnB, 1997.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

CAPÍTULO 25

A FEIRA DO ALEMÃO COMO TERRITÓRIO AGROECOLÓGICO: SABERES CAMPONESES E PERMANÊNCIA NO CAMPO EM PIRATINI (RS)

Mitiéle Domingues Machado

Alexsandra Rodrighiero Farias

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-R

INTRODUÇÃO

No município de Piratini, localizado na região Sul do Rio Grande do Sul, a agricultura familiar constitui elemento central da organização econômica, cultural e territorial das comunidades rurais. Reconhecido historicamente como a “Primeira Capital Farroupilha”, o município preserva fortes vínculos com os modos de vida do campo, mantendo significativa presença de pequenas propriedades rurais organizadas a partir do trabalho familiar, da diversificação produtiva e da relação histórica entre terra, cultura e pertencimento territorial. Nesse contexto, as feiras da agricultura familiar assumem papel estratégico na circulação de alimentos, no fortalecimento econômico das famílias agricultoras e na valorização dos conhecimentos construídos historicamente pelas populações rurais.

Entre esses espaços destaca-se a Feira do Alemão, localizada na área urbana do município de Piratini, caracterizada pela comercialização direta de produtos oriundos da agricultura familiar local. Mais do que ambiente econômico, a feira constitui território vivo de sociabilidade, circulação de saberes, fortalecimento comunitário e valorização cultural. Nesse espaço, agricultores e consumidores estabelecem relações que ultrapassam a lógica mercantil da comercialização, envolvendo vínculos de confiança, trocas de experiências e valorização dos alimentos produzidos localmente.

As transformações contemporâneas do espaço rural brasileiro têm intensificado os desafios enfrentados pela agricultura familiar. A expansão do agro-negócio, as mudanças climáticas, o aumento dos custos de produção, a padronização produtiva e o êxodo rural têm provocado impactos significativos sobre os modos de vida das populações do campo. Em contrapartida, experiências agroecológicas desenvolvidas por agricultores familiares demonstram a possibilidade de construção de formas alternativas de desenvolvimento rural fundamentadas na sustentabilidade ambiental, na valorização dos saberes territoriais e na permanência das famílias no campo.

Nesse cenário, a Agroecologia emerge como importante referencial teórico, político e epistemológico para compreender os processos de produção agrícola e as relações estabelecidas entre sociedade, natureza e território. Conforme Altieri (2012), a Agroecologia constitui abordagem sistêmica dos agroecossistemas, articulando dimensões ecológicas, econômicas, culturais, sociais e políticas da agricultura. Caporal e Costabeber (2004) reforçam que a Agroecologia ultrapassa a dimensão técnica da produção agrícola, configurando-se como paradigma comprometido com sustentabilidade, autonomia produtiva e valorização dos conhecimentos historicamente construídos pelas populações do campo.

A compreensão da Agroecologia como campo polissêmico amplia ainda mais sua relevância para os estudos sobre agricultura familiar e territorialidade. Estudos recentes desenvolvidos no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria demonstram que a Agroecologia pode ser compreendida simultaneamente como ciência, prática, movimento social e forma ampliada de construção do conhecimento, articulando experiências acadêmicas e saberes produzidos nos territórios rurais (CANCELIER et al., 2025).

Sob essa perspectiva, as feiras da agricultura familiar configuram-se também como territórios educativos e culturais. As práticas produtivas, os conhecimentos transmitidos entre gerações, as formas de organização coletiva e as relações estabelecidas entre agricultores e consumidores revelam importantes processos de construção de territorialidades rurais. Conforme Caldart (2012) e

Molina e Sá (2012), compreender os territórios do campo implica reconhecer os sujeitos rurais como protagonistas da produção do conhecimento e da construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento.

A experiência do agricultor Lauro Radtke Bierhals torna-se particularmente significativa nesse contexto. Sua trajetória produtiva, vinculada à agricultura familiar há quatro gerações, evidencia a permanência de saberes tradicionais articulados às práticas agroecológicas contemporâneas, demonstrando como a agricultura familiar continua produzindo formas próprias de resistência territorial, sustentabilidade produtiva e permanência no campo.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar, por meio de um estudo de caso realizado na Feira do Alemão, como os saberes territoriais, as práticas de manejo, as relações sociais e as trajetórias produtivas da agricultura familiar expressam princípios epistemológicos da Agroecologia e contribuem para a compreensão da permanência das famílias no campo e da construção de territorialidades agroecológicas em Piratini (RS).

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como estudo de caso de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, vinculada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A abordagem qualitativa mostrou-se adequada por possibilitar compreensão aprofundada das experiências, práticas e significados atribuídos pelos sujeitos às suas relações com a produção agrícola, o território e a feira.

Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, das crenças, dos valores e das experiências sociais, permitindo compreender dimensões da realidade que não podem ser reduzidas exclusivamente à mensuração quantitativa. Nesse sentido, o estudo buscou compreender a experiência da agricultura familiar agroecológica a partir das narrativas, práticas e territorialidades construídas pelo agricultor entrevistado.

O estudo foi realizado na Feira do Alemão, localizada no município de Piratini, Rio Grande do Sul, situada na Rua Coronel Manoel Pedroso. O espaço caracteriza-se pela comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar e pela forte presença de relações sociais, culturais e econômicas vinculadas ao território rural do município.

Participou da pesquisa o agricultor familiar Lauro Radtke Bierhals, 49 anos, residente no quinto distrito de Piratini/RS, agricultor desde a infância e participante da feira há aproximadamente 37 anos. A escolha do participante ocorreu por conveniência, considerando sua trajetória consolidada na agricultura familiar e sua disponibilidade em participar da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, observação direta e registros em diário de campo. O roteiro de entrevista contemplou questões relacionadas à trajetória de vida, organização produtiva, práticas de manejo, comercialização, territorialidade, desafios enfrentados, políticas públicas e perspectivas para a agricultura familiar.

As informações obtidas foram sistematizadas e submetidas à análise qualitativa interpretativa, articulando as narrativas do agricultor aos referenciais teóricos da Agroecologia, territorialidade, agricultura familiar e Educação do Campo. A interpretação buscou identificar categorias relacionadas à reprodução social, diálogo de saberes, sustentabilidade, permanência no campo e territorialidades agroecológicas.

A pesquisa observou os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e pela Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei nº 13.709/2018), assegurando participação voluntária e utilização das informações exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a Feira do Alemão constitui importante território de fortalecimento da agricultura familiar e de construção de territorialidades agroecológicas no município de Piratini. Mais do que espaço de

comercialização, a feira configura-se como ambiente de sociabilidade, circulação de saberes, fortalecimento comunitário e valorização cultural das populações rurais.

A trajetória do agricultor Lauro Radtke Bierhals demonstra forte vínculo com a terra e com os conhecimentos construídos historicamente no interior da unidade familiar. O entrevistado relata que iniciou suas atividades agrícolas ainda na infância, auxiliando o pai no cultivo de feijão e milho, em uma experiência marcada pela transmissão intergeracional de saberes. Os conhecimentos relacionados ao plantio conforme o calendário lunar, ao manejo do solo e à comercialização dos alimentos foram ensinados principalmente pelo pai e pela avó, revelando a importância da família como espaço de produção e reprodução dos saberes agrícolas camponeses.

Essa realidade aproxima-se das reflexões de Woortmann e Woortmann (1997), que compreendem o saber camponês como forma específica de construção do conhecimento baseada na experiência prática, na observação dos ciclos naturais e na relação cotidiana com o território. Os conhecimentos produzidos pelas famílias agricultoras ultrapassam a dimensão técnica da agricultura, envolvendo valores culturais, formas de sociabilidade e modos próprios de compreender a relação entre sociedade e natureza.

A permanência da família na agricultura há quatro gerações evidencia forte territorialidade rural e significativo vínculo identitário com o campo. A propriedade, herdada do pai, possui aproximadamente oito hectares de área própria e é conduzida atualmente com participação da esposa e das duas filhas. A presença das filhas nas atividades produtivas revela importante perspectiva de continuidade da agricultura familiar e resistência frente aos processos de êxodo rural que atingem grande parte das populações do campo.

A organização produtiva da propriedade demonstra significativa diversificação agrícola, envolvendo hortaliças, milho, feijão, frutas e batata-doce. A diversificação produtiva constitui importante estratégia de sustentabilidade econômica e ecológica, reduzindo riscos produtivos e fortalecendo a segurança alimentar da família agricultora. Conforme Altieri (2012), agroecossistemas

biodiversos apresentam maior estabilidade ecológica e maior capacidade de adaptação diante das transformações ambientais e climáticas contemporâneas.

As práticas de manejo desenvolvidas pelo agricultor demonstram importantes aproximações com os princípios agroecológicos. Há aproximadamente vinte anos, após formação oferecida pela Emater, o entrevistado realizou processo de transição agroecológica, abandonando o uso de agrotóxicos e passando a utilizar adubação orgânica, compostagem, rotação de culturas e sementes crioulas. A utilização de sementes preservadas pela própria família e trocadas com vizinhos e assentados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra evidencia processos de autonomia produtiva e fortalecimento das redes comunitárias rurais.

Essas práticas reforçam a compreensão da Agroecologia como abordagem integrada dos agroecossistemas, orientada pela sustentabilidade ambiental, conservação da biodiversidade e valorização dos conhecimentos locais. Conforme Caporal e Costabeber (2004), a transição agroecológica não se restringe à substituição de insumos químicos, mas envolve transformações técnicas, ambientais, culturais e sociais nos modos de produção agrícola.

A experiência observada também evidencia a condição polissêmica da Agroecologia discutida por Cancelier et al. (2025). O agricultor não utiliza necessariamente os conceitos acadêmicos da Agroecologia, mas desenvolve práticas e valores profundamente articulados aos seus fundamentos epistemológicos, demonstrando que os conhecimentos agroecológicos são produzidos também nos territórios rurais, nas experiências cotidianas e nas relações estabelecidas entre sujeitos e natureza.

A feira desempenha papel central na reprodução social da família agricultora. Segundo o entrevistado, aproximadamente 60% da renda familiar provém da comercialização realizada na feira, complementada pela venda para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e pela produção de soja. Entretanto, a feira não representa apenas espaço econômico, mas também ambiente de convivência, fortalecimento identitário e circulação de saberes.

As relações estabelecidas entre agricultores e consumidores são marcadas pela confiança, pela troca de experiências e pela valorização da produção local. O entrevistado afirma que muitos clientes tornaram-se amigos ao longo dos anos, evidenciando que os circuitos curtos de comercialização produzem relações sociais que ultrapassam a lógica estritamente mercantil. Essa dinâmica aproxima-se das reflexões de Mascarenhas e Dolzani (2008), que compreendem as feiras como territórios populares de sociabilidade, cultura e construção de identidades locais.

Outro aspecto relevante refere-se à dimensão cultural da feira. A partilha do chimarrão, as conversas entre feirantes e consumidores e o orgulho relacionado à produção “feita em Piratini” demonstram que a feira constitui importante espaço de preservação das territorialidades culturais gaúchas e das formas tradicionais de convivência comunitária.

Os resultados também evidenciam desafios significativos enfrentados pela agricultura familiar contemporânea. Entre eles destacam-se a seca recorrente, o aumento do preço dos combustíveis, os custos de produção e a saída dos jovens do campo. As mudanças climáticas aparecem como preocupação central do agricultor, especialmente em relação às dificuldades de irrigação e manutenção da produtividade agrícola.

Apesar dessas dificuldades, o entrevistado manifesta forte vínculo com a terra e perspectiva de continuidade da produção agrícola, motivado pela permanência das filhas na atividade rural e pelo compromisso com a produção de alimentos saudáveis. A agricultura aparece não apenas como atividade econômica, mas como identidade, modo de vida e forma de pertencimento territorial.

A experiência analisada demonstra que as territorialidades agroecológicas construídas no âmbito da agricultura familiar ultrapassam os limites físicos da propriedade rural, articulando relações sociais, culturais, ambientais e econômicas que fortalecem a permanência das populações rurais no campo. Nesse sentido, a Feira do Alemão revela-se importante espaço de resistência camponesa e de valorização dos saberes construídos historicamente pelas comunidades rurais de Piratini.

CONCLUSÃO

O estudo realizado na Feira do Alemão permitiu compreender que as práticas produtivas, os saberes territoriais e as relações sociais desenvolvidas pela agricultura familiar em Piratini expressam importantes fundamentos epistemológicos da Agroecologia e contribuem significativamente para a permanência das famílias no campo.

Os resultados evidenciaram que a diversificação produtiva, a utilização de sementes crioulas, a adubação orgânica, a rotação de culturas e as relações de cooperação comunitária constituem práticas alinhadas aos princípios agroecológicos, fortalecendo a sustentabilidade ambiental, a autonomia produtiva e a valorização dos saberes construídos pelas populações rurais.

A trajetória do agricultor Lauro Radtke Bierhals demonstra que os conhecimentos transmitidos entre gerações continuam desempenhando papel fundamental na organização da agricultura familiar, revelando a importância dos saberes territoriais na construção de formas sustentáveis de produção agrícola e permanência no campo.

A Feira do Alemão mostrou-se espaço estratégico de comercialização, sociabilidade, fortalecimento comunitário e circulação de conhecimentos, configurando-se como território vivo de resistência cultural e econômica da agricultura familiar em Piratini.

Conclui-se que a Agroecologia, no contexto analisado, manifesta-se não apenas como técnica produtiva, mas como prática social, cultural e territorial comprometida com sustentabilidade, autonomia camponesa e permanência das populações rurais no campo. Em meio aos desafios impostos pelas transformações contemporâneas do espaço rural, experiências como a observada na Feira do Alemão demonstram a relevância da agricultura familiar agroecológica para a construção de formas mais justas, sustentáveis e territorialmente comprometidas de desenvolvimento rural.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 15 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 24 maio 2016.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CANCELIER, Janete Webler et al. A condição polissêmica da Agroecologia: estudo de caso em uma turma de ensino superior. Revista Aracê, v. 7, n. 5, 2025.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 2, n. 4, p. 72-87, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciatura em Educação do Campo. Brasília: MDA, 2012.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer; WOORTMANN, Klaas. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: UnB, 1997.

CAPÍTULO 26

SABERES CAMPONESES E HORTALIÇAS ORGÂNICAS: ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA NO CAMPO EM PIRATINI (RS)

Hemily Madruga Goularte

Liziany Müller

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-747-S

INTRODUÇÃO

No município de Piratini, localizado na região Sul do Rio Grande do Sul, a agricultura familiar permanece como importante elemento estruturante da organização econômica, cultural e territorial das comunidades rurais. Em meio às transformações contemporâneas do espaço rural brasileiro, marcadas pela expansão do agronegócio, pela modernização produtiva, pelas mudanças climáticas e pela redução gradual da população rural, inúmeras famílias agricultoras seguem construindo estratégias de permanência no campo fundamentadas no trabalho familiar, nos saberes territoriais e na produção de alimentos.

Nesse contexto, a produção de hortaliças orgânicas desenvolvida por agricultores familiares representa importante alternativa de fortalecimento econômico, sustentabilidade ambiental e valorização dos circuitos locais de comercialização. Mais do que atividade produtiva, a agricultura familiar constitui forma específica de relação entre território, trabalho, família e natureza, articulando conhecimentos transmitidos entre gerações, formas de organização comunitária e modos próprios de compreender os ciclos produtivos e ambientais.

As transformações ocorridas nas últimas décadas intensificaram os desafios enfrentados pelas populações rurais, especialmente no que se refere à

permanência das famílias no campo, à sucessão geracional e à valorização do trabalho agrícola. A concentração fundiária, a elevação dos custos de produção, a dependência de insumos externos, a desvalorização econômica da pequena produção e os impactos ambientais provocados pelo modelo agrícola convencional têm contribuído para processos de vulnerabilização da agricultura familiar.

Em contrapartida, experiências agroecológicas desenvolvidas no interior da agricultura familiar demonstram possibilidades concretas de construção de formas alternativas de desenvolvimento rural fundamentadas na sustentabilidade ambiental, na autonomia produtiva e na valorização dos saberes construídos historicamente pelas populações do campo. Nesse cenário, a Agroecologia emerge como importante referencial teórico, político e epistemológico para compreender as relações entre produção agrícola, conservação ambiental e reprodução social das famílias agricultoras.

Conforme Altieri (2012), a Agroecologia constitui abordagem sistêmica dos agroecossistemas, articulando dimensões ecológicas, econômicas, sociais, culturais e políticas da agricultura. Caporal e Costabeber (2004) destacam que a Agroecologia ultrapassa a dimensão técnica da produção agrícola, configurando-se como paradigma orientado pela sustentabilidade, pela valorização dos conhecimentos locais e pela construção de formas mais autônomas de organização produtiva.

A condição polissêmica da Agroecologia amplia ainda mais essa compreensão. Estudos recentes desenvolvidos no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria demonstram que a Agroecologia pode ser compreendida simultaneamente como ciência, prática, movimento social e forma ampliada de produção do conhecimento, articulando experiências acadêmicas e saberes produzidos nos territórios rurais (CANCELIER et al., 2025).

Sob essa perspectiva, compreender as experiências da agricultura familiar implica reconhecer os sujeitos rurais como protagonistas da construção do conhecimento e das formas sustentáveis de desenvolvimento territorial. Conforme Caldart (2012) e Molina e Sá (2012), os territórios do campo cons-

tituem espaços educativos, culturais e políticos, nos quais os saberes produzidos pelas populações rurais desempenham papel central na organização da vida comunitária e na permanência das famílias no campo.

A experiência do agricultor Crame Renato Oliveira da Cunha Filho torna-se particularmente significativa nesse contexto. Sua trajetória produtiva evidencia a continuidade de saberes familiares vinculados ao cultivo de hortaliças, à observação dos ciclos naturais e à valorização da produção orgânica como estratégia de sobrevivência econômica, resistência territorial e permanência no campo.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar como os saberes territoriais, as práticas produtivas e as relações sociais desenvolvidas pelo agricultor entrevistado expressam princípios epistemológicos da Agroecologia e contribuem para a compreensão da permanência da agricultura familiar no campo em Piratini (RS).

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como estudo de caso de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, desenvolvido no âmbito da disciplina EAD2269 – Princípios e Bases Epistêmicas da Agroecologia, vinculada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A abordagem qualitativa mostrou-se adequada por possibilitar compreensão aprofundada das experiências, práticas e significados atribuídos pelo agricultor às suas relações com a terra, a produção agrícola e a permanência no campo. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, das experiências, das crenças e dos valores construídos socialmente pelos sujeitos em seus contextos de vida.

O estudo foi realizado junto ao agricultor Crame Renato Oliveira da Cunha Filho, residente na localidade Ponte do Costa, quinto distrito do município de Piratini/RS. O entrevistado possui 38 anos e atua na agricultura há aproximadamente vinte anos, com foco na produção de hortaliças orgânicas e participação em feiras locais há cerca de oito anos.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, observação direta e registros em diário de campo. O roteiro contemplou questões relacionadas à trajetória familiar, organização produtiva, práticas de manejo, comercialização, territorialidade, políticas públicas, desafios enfrentados e perspectivas para a agricultura familiar.

As informações obtidas foram sistematizadas e submetidas à análise qualitativa interpretativa, articulando as narrativas do agricultor aos referenciais teóricos da Agroecologia, territorialidade, agricultura familiar e Educação do Campo. A interpretação buscou identificar categorias relacionadas à reprodução social, diálogo de saberes, sustentabilidade, resistência territorial e permanência no campo.

A pesquisa observou os princípios éticos das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, assegurando participação voluntária e utilização das informações exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a experiência produtiva desenvolvida pelo agricultor Crame Renato Oliveira da Cunha Filho constitui importante expressão das territorialidades rurais e das formas contemporâneas de permanência da agricultura familiar no campo. A trajetória do entrevistado demonstra forte vínculo com a terra e com os conhecimentos transmitidos historicamente pela família, evidenciando a centralidade dos saberes intergeracionais na organização da produção agrícola familiar.

O agricultor relata que sua relação com a agricultura iniciou ainda na infância, acompanhando os pais nas atividades ligadas à criação de animais, cultivo de hortaliças e manejo das atividades rurais. Essa experiência revela que os conhecimentos agrícolas foram construídos no interior da unidade familiar, por meio da observação, da prática cotidiana e da convivência com as gerações anteriores. Conforme Woortmann e Woortmann (1997), o saber camponês constitui forma específica de construção do conhecimento baseada na experiência prática, na oralidade e na relação cotidiana com o território.

A permanência da família na agricultura ao longo de diferentes gerações demonstra forte territorialidade rural e significativo vínculo identitário com o campo. O entrevistado afirma que sempre viveu na zona rural e que o território influenciou diretamente sua decisão de permanecer na agricultura. Essa relação evidencia que o campo não representa apenas espaço produtivo, mas também ambiente de pertencimento, memória, identidade e reprodução social.

A organização produtiva da propriedade demonstra significativa diversificação agrícola, envolvendo cultivo de hortaliças, produção de milho e criação de ovinos. A diversificação produtiva constitui importante estratégia de sustentabilidade econômica e ecológica, reduzindo riscos produtivos e fortalecendo a segurança alimentar da família agricultora. Conforme Altieri (2012), sistemas agrícolas biodiversos apresentam maior estabilidade ecológica e maior capacidade de adaptação diante das transformações ambientais contemporâneas.

Outro aspecto relevante refere-se à produção de hortaliças orgânicas. O agricultor afirma não utilizar agrotóxicos na produção, adotando práticas tradicionais herdadas dos pais para manejo das culturas e controle das dificuldades produtivas. Embora o entrevistado não utilize formalmente o conceito acadêmico de Agroecologia, suas práticas revelam importantes aproximações com os princípios agroecológicos, especialmente no que se refere à redução do uso de insumos químicos, valorização dos conhecimentos locais e respeito aos ciclos naturais.

A utilização do calendário lunar para definição dos períodos de plantio evidencia importante articulação entre agricultura e observação dos ciclos da natureza. Essa prática demonstra que os conhecimentos territoriais continuam desempenhando papel relevante na organização dos sistemas produtivos da agricultura familiar, revelando formas específicas de leitura e interpretação do ambiente rural.

A experiência observada também evidencia a condição polissêmica da Agroecologia discutida por Cancelier et al. (2025). O agricultor desenvolve práticas profundamente vinculadas aos fundamentos agroecológicos mesmo sem utilizar necessariamente os referenciais acadêmicos formais da Agroecologia. Isso demonstra que os conhecimentos agroecológicos são produzidos tam-

bém nas experiências cotidianas das populações rurais, nas práticas familiares e nas formas locais de organização da produção.

A feira assume papel central na reprodução social do agricultor entrevistado. Segundo seu relato, a comercialização direta constitui sua principal fonte de renda e importante espaço de sociabilidade. Mais do que ambiente econômico, a feira representa espaço de convivência, amizade e reconhecimento social. O entrevistado destaca a importância de manter presença constante no mesmo local e horário, demonstrando que a construção de vínculos com os consumidores constitui elemento estratégico para fortalecimento da comercialização direta.

As relações estabelecidas com os consumidores são marcadas pela confiança e pela valorização da produção sem agrotóxicos. O agricultor observa que houve mudança significativa no perfil dos consumidores ao longo dos anos, destacando que atualmente existe maior procura por alimentos produzidos com menor intervenção química. Essa percepção evidencia transformações importantes nas relações entre sociedade, alimentação e sustentabilidade ambiental.

Entretanto, os resultados também revelam importantes desafios enfrentados pela agricultura familiar contemporânea. O entrevistado destaca a seca, a desvalorização da agricultura e a ausência de apoio institucional como principais dificuldades para continuidade da produção agrícola. A falta de conhecimento sobre programas públicos como PAA, PNAE e assistência técnica revela fragilidades estruturais relacionadas ao acesso às políticas públicas voltadas à agricultura familiar.

Outro aspecto significativo refere-se à preocupação com o abandono rural e com a ausência de perspectivas de continuidade da agricultura nas próximas gerações. O agricultor demonstra forte preocupação com o futuro da atividade agrícola e com a redução do número de pessoas dispostas a permanecer no campo. Essa realidade aproxima-se das discussões contemporâneas sobre envelhecimento das populações rurais, sucessão familiar e fragilização das territorialidades camponesas.

Apesar dessas dificuldades, o entrevistado manifesta forte vínculo afetivo com a agricultura, afirmando que permanece no campo porque não sabe realizar

outra atividade profissional. Tal afirmação revela que a agricultura ultrapassa a dimensão econômica da produção, configurando-se como identidade, modo de vida e forma de pertencimento territorial.

A emoção demonstrada pelo agricultor ao falar sobre sua profissão evidencia a profundidade das relações construídas entre trabalho, território e identidade rural. Nesse sentido, a experiência analisada demonstra que a agricultura familiar permanece como importante espaço de produção de saberes, resistência territorial e construção de formas sustentáveis de permanência no campo.

CONCLUSÃO

O estudo realizado junto ao agricultor Crame Renato Oliveira da Cunha Filho permitiu compreender que as práticas produtivas, os saberes territoriais e as relações sociais desenvolvidas no âmbito da agricultura familiar em Piratini expressam importantes fundamentos epistemológicos da Agroecologia e contribuem significativamente para a permanência das famílias no campo.

Os resultados evidenciaram que os conhecimentos transmitidos entre gerações continuam desempenhando papel central na organização da produção agrícola familiar, revelando a importância dos saberes camponeses na construção de formas sustentáveis de manejo agrícola e reprodução social.

A produção de hortaliças orgânicas, a utilização do calendário lunar, a valorização das práticas tradicionais e a comercialização direta demonstram importantes aproximações com os princípios agroecológicos, especialmente no que se refere à sustentabilidade ambiental, à valorização dos conhecimentos locais e à autonomia produtiva das famílias agricultoras.

A feira mostrou-se espaço estratégico de comercialização, convivência e fortalecimento das relações entre agricultores e consumidores, configurando-se como território vivo de sociabilidade, reconhecimento social e valorização da agricultura familiar.

Entretanto, os desafios relacionados às mudanças climáticas, à ausência de apoio institucional, à desvalorização da agricultura e ao abandono rural demonstram a necessidade de fortalecimento das políticas públicas voltadas à agricultura familiar e à permanência das populações rurais no campo.

Conclui-se que a experiência analisada evidencia a relevância da agricultura familiar agroecológica como estratégia de resistência territorial, produção de alimentos saudáveis e fortalecimento das territorialidades rurais. Em meio às transformações contemporâneas do espaço rural, experiências como a do agricultor Crame Renato demonstram que os saberes construídos pelas populações do campo continuam fundamentais para a construção de formas mais sustentáveis e territorialmente comprometidas de desenvolvimento rural.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CANCELIER, Janete Webler et al. A condição polissêmica da Agroecologia: estudo de caso em uma turma de ensino superior. Revista Aracê, v. 7, n. 5, 2025.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 2, n. 4, p. 72-87, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciatura em Educação do Campo. Brasília: MDA, 2012.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer; WOORTMANN, Klaas. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: UnB, 1997.

VOLUME 4

VOZES DO CAMPO:

Histórias de Agricultores Familiares e Educação

Liziany Müller

Ivanio Folmer

Leonice Aparecida De Fátima Alves Pereira Mourad

Janete Webler Cancelier

Mateus Gonçalves Silva

Janisse Viero

Carmen Rejane Flores

ARCO
EDITORES